Professor

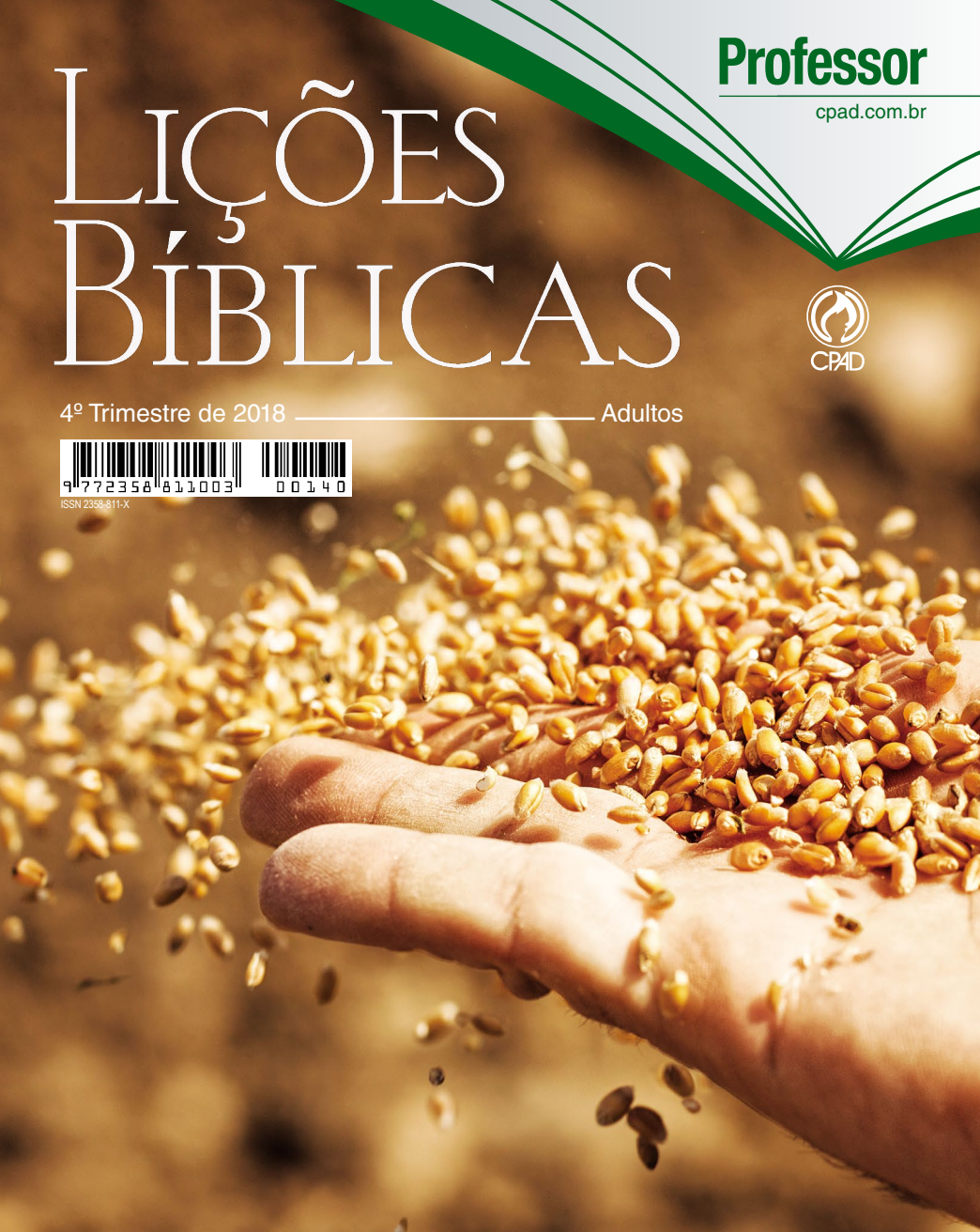
cpad.com.br

Lições Bíblicas

CPAD

4º Trimestre de 2018 — Adultos

ISSN 2358-811-X



As Parábolas de Jesus

As verdades e princípios divinos para uma vida abundante

DOE SANGUE

Você pode salvar vidas
com um simples gesto de amor



Se você tem entre 18 e 60 anos e pesa mais de 50 kg, procure o hemocentro mais próximo.

"Conhecemos o amor nisto: que ele deu a sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos irmãos." 1 Jo 3.16

Saiba mais:
www.editoracpad.com.br/doesangue

Uma iniciativa CPAD

Lições Bíblicas

PROFESSOR



Lições do 4º trimestre de 2018 – Wagner Tadeu dos Santos Gaby

Sumário

As Parábolas de Jesus:
As Verdades e Princípios Divinos para uma Vida Abundante

Lição 1
Parábola: Uma Lição Para a Vida 3

Lição 2
Para Ouvir e Anunciar a Palavra de Deus 11

Lição 3
O Crescimento do Reino de Deus 18

Lição 4
Perseverando na Fé 25

Lição 5
Amando e Resgatando a Pessoa Desgarrada 32

Lição 6
Sinceridade e Arrependimento Diante de Deus 38

Lição 7
Perdoamos Porque Fomos Perdoados 45

Lição 8
Encontrando o Nosso Próximo 52

Lição 9
O Perigo da Indiferença Espiritual 59

Lição 10
Precisamos de Vigilância Espiritual 67

Lição 11
Despertemos para a Vinda do Grande Rei 75

Lição 12
Esperando, mas Trabalhando no Reino de Deus 83

Lição 13
A Humildade e o Amor Desinteressado 90

PROFESSOR
LIÇÕES BÍBLICAS

Publicação Trimestral da
Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil
José Wellington Costa Junior

Conselho Administrativo
José Wellington Bezerra da Costa

Diretor Executivo
Ronaldo Rodrigues de Souza

Gerente de Publicações
Alexandre Claudino Coelho

Consultoria Doutrinária e Teológica
Antonio Gilberto e Claudionor de Andrade

Gerente Financeiro
Josafá Franklin Santos Bomfim

Gerente de Produção
Jarbas Ramires Silva

Gerente Comercial
Cícero da Silva

Gerente da Rede de Lojas
João Batista Guilherme da Silva

Gerente de TI
Rodrigo Sobral Fernandes

Chefe de Arte & Design
Wagner de Almeida

Chefe do Setor de Educação Cristã
César Moisés Carvalho

Redator
César Moisés Carvalho

Capa
Wagner de Almeida

Diagramação
Alexandre Soares

CPAD
Av. Brasil, 34.401 - Bangu
Rio de Janeiro - RJ - Cep 21852-002
Tel.: (21) 2406-7373
Fax: (21) 2406-7326
www.cpad.com.br

Prezado(a) professor(a),

Dentre os temas bíblicos, as parábolas certamente é um dos que sempre nutriu a Igreja. Isso não significa que o assunto seja de fácil compreensão. Quem pretende ensinar verdades cristãs com base nas parábolas de Jesus, deve estar disposto a estudar a Palavra de Deus com dedicação e cuidado.

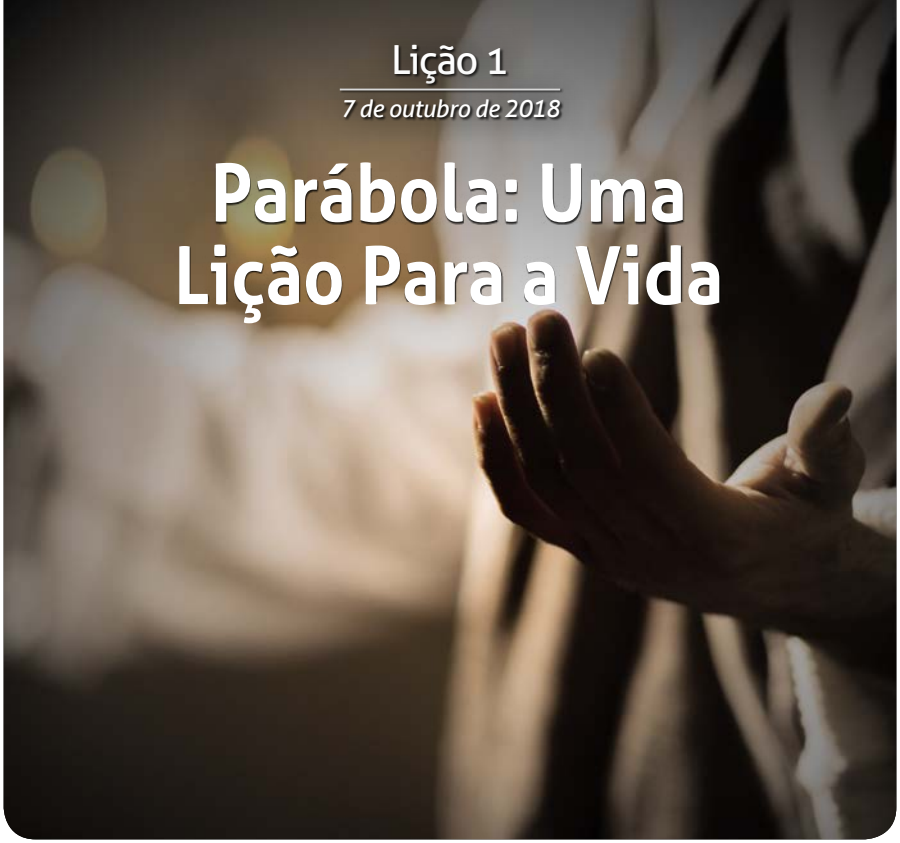
Jesus utilizou o recurso de ensinar grandes verdades através das parábolas, por se tratar de um método que oferece a oportunidade de os ouvintes praticamente "entrarem" na narrativa. Sentindo-se parte da história, torna-se mais fácil assimilar as lições que se pretende transmitir. Ciente disso, o Mestre adotou esse método como um dos preferidos dEle, pois seu ensino objetivava alcançar os ouvintes, levando-os a agir diferente, amar os inimigos, cuidar dos menos favorecidos e ser vigilantes em relação à volta do Senhor etc.

Com o intuito de crescermos na fé e em como melhor servir ao Senhor, estudemos as parábolas de Jesus.

Bom trimestre!

José Wellington Bezerra da Costa
Presidente do Conselho Administrativo

Ronaldo Rodrigues de Souza
Diretor Executivo



Lição 1

7 de outubro de 2018

Parábola: Uma Lição Para a Vida

Texto Áureo

"E sem parábolas nunca lhes falava, porém tudo declarava em particular aos seus discípulos."

(Mc 4.34)

Verdade Prática

As parábolas são uma forma instrutiva para se ensinar grandes lições, e delas podemos extrair as inspirações e os ensinamentos divinos para a vida cristã.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Mc 4.33
Jesus ensinava de forma clara

Terça – Mc 4.34
O Mestre ensinava por parábolas

Quarta – Mt 13.10-12
As parábolas e o Reino de Deus

Quinta – Mt 13.13-15
Fácil para uns, difícil para outros

Sexta – Mt 15.15,16
Os discípulos não entendem

Sábado – Mc 4.1,2
Jesus ensina uma multidão

LEITURA BÍBLICA EM CLASSE

Mateus 13.10-17

10 – *E, acercando-se dele os discípulos, disseram-lhe: Por que lhes falas por parábolas?*

11 – *Ele, respondendo, disse-lhes: Porque a vós é dado conhecer os mistérios do Reino dos céus, mas a eles não lhes é dado;*

12 – *porque àquele que tem se dará, e terá em abundância; mas aquele que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado.*

13 – *Por isso, lhes falo por parábolas, porque eles, vendo, não veem; e, ouvindo, não ouvem, nem compreendem.*

14 – *E neles se cumpre a profecia de Isaías, que diz: Ouvindo, ouvireis, mas não compreendereis e, vendo, vereis, mas não percebereis.*

15 – *Porque o coração deste povo está endurecido, e ouviu de mau grado com seus ouvidos e fechou os olhos, para que não veja com os olhos, e ouça com os ouvidos, e compreenda com o coração, e se converta, e eu o cure.*

16 – *Mas bem-aventurados os vossos olhos, porque veem, e os vossos ouvidos, porque ouvem.*

17 – *Porque em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vós vedes e não o viram, e ouvir o que vós ouvis, e não o ouviram.*

HINOS SUGERIDOS: 8, 198, 491 da Harpa Cristã

OBJETIVO GERAL

Apontar as parábolas como um dos recursos mais utilizados por Jesus para ensinar, por isso a importância de se estudá-las e conhecê-las.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Abaixo, os objetivos específicos referem-se ao que o professor deve atingir em cada tópico. Por exemplo, o objetivo I refere-se ao tópico I com os seus respectivos subtópicos.



I **Distinguir** a parábola de outras figuras de linguagem;

II **Esclarecer** o contexto histórico em que as parábolas foram proferidas;

III **Apresentar** as regras básicas para se compreender uma parábola.

• INTERAGINDO COM O PROFESSOR

Prezado professor, querida professora, chegamos ao último trimestre do ano. Nesta oportunidade estaremos estudando acerca das Parábolas de Jesus. Por ser uma das principais formas de ensino utilizadas pelo Mestre, as parábolas merecem dedicada atenção e profundo interesse de nossa parte. O próprio Senhor Jesus quer que as entendamos, pois isso produzirá mudanças necessárias e resultará em transformação de vida (Mt 15.15,16).

Ao iniciar a aula, antes mesmo de introduzir a lição, apresente o comentarista, pastor Wagner Tadeu dos Santos Gaby, advogado, autor de várias obras, membro da Casa de Letras Emílio Conde *e líder da Assembleia de Deus em Curitiba (PR).*

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

Quando estudamos as parábolas de Jesus, com os corações abertos e dispostos a aprender como discípulos verdadeiros, em busca de sabedoria e entendimento das verdades espirituais profundas, nos deparamos com as sábias lições que Ele nos deixou para sermos bem-sucedidos em nossa vida aqui no mundo. Estudar este conteúdo, como disse Jesus aos seus primeiros discípulos, é um privilégio: "Bem-aventurados são os olhos que veem o que vós vedes, pois vos digo que muitos profetas e reis desejaram ver o que vós vedes e não o viram; e ouvir o que ouvis e não o ouviram" (Lc 10.23,24). Assim, as parábolas do Senhor possuem preciosas promessas de bênçãos para todos quantos acolhem sua mensagem e se dispõem a compreender as verdades que elas ensinam.

PONTO CENTRAL
As Parábolas de Jesus ensinam grandes verdades.

I – O QUE É PARÁBOLA

1. Conceito. Parábola, no hebraico *mashal*, dependendo do contexto, refere-se a um dito profético, um provérbio, uma analogia, um enigma, um discurso, um poema, um conto, um símile. Essa palavra ocorre aproximadamente quarenta vezes no Antigo Testamento, sendo normalmente traduzida como "provérbio". A palavra grega traduzida como parábola, em o Novo Testamento, é *parabolé*, "por ao lado de", com o sentido de "comparar" como ilustração de alguma verdade ou ensino. Nesse sentido, torna-se um instrumento didático. Ela é usada cinquenta vezes no Novo Testamento, sendo duas para indicar uma fala figurativa (Hb 9.9; 11.19) e quarenta e oito vezes traduzida no singular ou no plural, sempre se referindo às histórias de Jesus. Em síntese, parábola significa, literalmente, "comparação", e como tal, comumente utilizada para indicar uma história breve, um exemplo esclarecedor para ilustrar uma verdade.

2. Distinção entre a parábola e outras figuras de linguagem. A Bíblia Sagrada emprega várias figuras de linguagem que são necessárias para ilustrar verdades divinas e profundas. Algumas delas são o símile, o provérbio, a metáfora, a alegoria, a fábula e o tipo, e é importante não confundi-las com a parábola. É oportuno destacar que a parábola também não é um mito, tendo

em vista que ele narra uma história como se fosse verdadeira, mas não adiciona nem a probabilidade e nem a verdade. Já a parábola ilustra verdades por meio de símbolos: "o campo é o mundo", "o inimigo é o Diabo", "a boa semente são os filhos do reino", etc.

3. Aplicação de uma parábola. Ao se dirigir aos discípulos e aos fariseus, seus adversários, Jesus adotou o método de ensino por parábolas com a finalidade de convencer aqueles e condenar estes. Em Mateus 13.10, os discípulos perguntaram a Jesus o porquê de Ele falar por parábolas. Jesus usava esse método em razão da diversidade de caráter, de nível espiritual e de percepção moral de seus ouvintes (Mt 13.13). Em Marcos 4.10-12, ao ser inquirido sobre o uso de parábolas, Jesus respondeu que as usava nos seus ensinamentos por duas razões distintas: para ilustrar a verdade para aqueles que estavam dispostos a recebê-la, e para obscurecer a verdade daqueles que a odiavam. Assim, para que a parábola seja explicada e aplicada, primeiramente é indispensável examinar sua relação com o que a precede e a segue, e descobrir, com base nisso, antes de qualquer outra coisa, a sua ideia principal.

SÍNTESE DO TÓPICO I

É importante ter em mente as peculiaridades da parábola, enquanto figura de linguagem, para entender sua mensagem.

SUBSÍDIO ETIMOLÓGICO

"Entre as formas literárias encontradas na Bíblia, a mais conhecida, talvez, seja a parábola. O fato é especialmente verdade em se tratando das parábolas de Jesus, tais como a do bom samaritano, do filho pródigo, das dez virgens e do semeador. Porém, definir exatamente o que é uma parábola no Antigo Testamento (*mashal*) ou no Novo (*parabole*) é difícil. Em ambos os casos, os termos podem referir-se a um provérbio (1 Sm 24.13; Ez 18.2,3; Lc 4.23; 6.39); uma sátira (Sl 44.11; 69.11; Is 14.3,4; Hc 2.4); uma charada (Sl 49.4; 78.2; Pv 1.6); um dito simbólico (Mc 7.14,17; Lc 5.36,38); um símile extensa ou similitude (Mt 13.33; Mc 4.30,32; Lc 15.8-10); uma parábola histórica (Mt 25.1-13; Lc 14.16,24; 15.11-32; 16.1-8); um exemplo de parábola (Mt 18.23-25; Lc 10.29-37; 12.16-21; 16.19-31); e, até mesmo, uma alegoria (Jz 9.7-20; Ez 16.1-5; 17.2-10; 20.49–21.5; Mc 4.3-9,13-20; 12.1-11). Esses dois termos bíblicos possuem vasta extensão de significados, mas o sentido básico de cada um é a comparação entre duas coisas diferentes. Algo parecido com algo que não é" (STEIN, Robert H. **Guia Básico de Interpretação da Bíblia.** 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p.143).

II – CONTEXTO SOCIAL E LITERÁRIO

1. Galileia no tempo de Jesus. A Galileia compreendia todo o território ao Norte de Samaria até ao Monte Líbano, estendendo-se de leste a oeste, entre o Mar da Galileia e o Mar Mediterrâneo e Fenícia. Situava-se nas grandes rotas comerciais que cruzavam o Oriente Próximo, e muitos estrangeiros atravessavam a área. A conservação de peixes pela salgadura e sua exportação para todos os lugares do Império Romano era a principal indústria. Era uma região muito mais próspera que a Judeia e abrigava uma grande população. Importante para a região era o mar da Galileia, um extenso lago de água doce, localizado ao norte da Palestina, também conhecido como

mar de Tiberíades ou lago de Genesaré (Mt 4.18; Lc 5.1). Esse lago, que ficava cerca de 96 quilômetros ao norte de Jerusalém, ajudava a determinar o tipo de vida que se levava em toda a região ao derredor. As ocupações dos habitantes incluíam a agricultura, a fruticultura, a pecuária, o tingimento de tecidos, o curtume, a pesca e a fabricação de embarcações. Na Galileia, Jesus reforçou seu ensino com parábolas memoráveis, ilustrando o amor de Deus pelos pecadores, a necessidade de confiança na misericórdia de Deus, o amor que devemos ter uns aos outros, a maneira como a Palavra de Deus vem e o Reino de Deus cresce, a responsabilidade de o discípulo desenvolver seus dons e o julgamento daqueles que rejeitam o evangelho (Mt 4.23; 13.1-52).

2. Jerusalém no tempo de Jesus. Jerusalém é uma das mais antigas cidades do mundo. É a mais sagrada cidade da Palestina e tem existido como cidade e como capital, além de lugar sagrado, há mais de três mil anos. À época de Jesus, Jerusalém contava com uma superpopulação, sendo que a maioria das pessoas estava desesperada em decorrência da opressão do Império Romano, da miséria, da opressão aos pequenos produtores que estavam praticamente falidos, tendo de pagar elevados impostos a Roma. Nessa época, grande parte da população dependia de esmolas do Templo. Enquanto o povo comum estava vivendo em situação de extrema pobreza, padecendo por terríveis privações, os grandes produtores, os grandes comerciantes e as famílias mais abastadas estavam satisfeitas com o sistema vigente controlado pelo governo de Roma. Diante desse contexto, o povo judeu aguardava com ansiedade o Messias que viria em glória, conforme profetizado por Zacarias (Zc 14.4).

3. Contexto literário: os Evangelhos. Os quatro primeiros livros do cânon do Novo Testamento, chamados de Evangelhos, são os registros escritos das primeiras pregações das Boas Novas a respeito de Cristo. Eles constituem um tipo distinto de literatura. Não são biografias completas, pois não tentam narrar todos os fatos da carreira de Jesus; nem são apenas histórias; nem são sermões, embora incluam pregações e discursos; também não são apenas relatos de notícias. Os três primeiros Evangelhos – Mateus, Marcos e Lucas – são chamados

CONHEÇA MAIS

*O que É uma Parábola?

"Normalmente definida como uma ilustração em função da 'falácia de raiz' de se derivar o sentido de *paraballo*, que significa, literalmente, 'atirar ao lado'. Nenhuma definição se mostrará completamente eficaz, pois qualquer uma ampla o suficiente para englobar todas as formas acaba se revelando tão imprecisa a ponto de se mostrar praticamente inútil". Para conhecer mais leia **Compreendendo todas as Parábolas de Jesus**, CPAD, p.32.



sinóticos, termo que vem do grego *synoptikos*, que significa "ver junto", "ver da mesma perspectiva", "vistos de um ponto de vista comum". Os Sinóticos apresentam a vida, os ensinamentos e a significação de Jesus do mesmo ponto de vista, em contraste com o Evangelho de João, o qual se limita quase inteiramente ao que Jesus disse e fez na área de Jerusalém.

SÍNTESE DO TÓPICO II

O contexto em que as parábolas foram proferidas é de suma importância para se compreendê-las.

SUBSÍDIO SOCIOLÓGICO

"A Galileia era um região muito mais próspera que a Judeia e abrigava uma grande população. Os galileus eram menosprezados pelos líderes religiosos de Jerusalém. Muitos não eram de descendência judaica, pois seus antepassados foram violentamente convertidos por Alexandre Janeu. Os galileus estavam mais estreitamente em contato com a realidade diária do Império Romano, visto que a Galileia situava-se nas grandes rotas comerciais que cruzavam o Oriente Próximo, e muitos estrangeiros atravessavam a região" (DOWLEY, Tim. **Pequeno Atlas Bíblico**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p.73).

III – COMO LER UMA PARÁBOLA

1. Entendendo a narrativa como a síntese das experiências cotidianas. Uma das questões mais importantes ao ler uma parábola é procurar entender os elementos culturais operados em cada uma delas, pois apesar de elas serem uma síntese das experiências humanas, são histórias contadas a partir de outra cultura e tempo. Torna-se impossível entender as parábolas sem vinculá-las ao seu contexto social, pois elas se referem às experiências de pessoas que viveram na época de Jesus. Para tanto, torna-se necessário identificar a conexão com as estruturas daquela sociedade. Quase um terço dos ensinamentos de Jesus foi realizado através de parábolas. Ele contou parábolas sobre a natureza (Mt 13.24-30), trabalho e salário (Lc 17.7-10), e até sobre casamentos e festas (Mt 25.1-13). Jesus não falava de forma genérica acerca da busca de Deus pelo perdido, mas sempre através de histórias de experiências cotidianas, tais como a história sobre uma mulher que perdera uma de suas dez moedas de prata, e que não descansou até encontrá-la (Lc 15.8-10).

2. Procurar as declarações explícitas e implícitas do agir de Deus no contexto literário. Tendo a parábola o objetivo de transmitir uma mensagem e, no caso específico, tal comunicação procede de Deus, é imperioso que o leitor procure as declarações explícitas e implícitas do agir de Deus em tal contexto literário. Somente após esse exercício é possível pensar na aplicação da parábola (Mt 15.15,16).

3. Identificar a aplicação prática da parábola. Uma vez que a maneira predileta de Jesus ensinar era através de parábolas, tais textos contêm lições profundas e de aplicação prática no campo da ética e da vida espiritual das pessoas. Por meio de suas parábolas Jesus levou aos seus ouvintes a mensagem de salvação, conclamando-os a se arrependerem e a crerem. Aos crentes, desafiava-os a colocarem a fé em prática, exortando seus seguidores à vigilância. Quando seus discípulos tinham dificuldade para entender as

parábolas, Jesus as interpretava (Mc 4.13-20). Assim, uma boa maneira de identificar a aplicação prática de uma parábola é fazer as seguintes perguntas: Para quem a parábola foi contada? Por que a parábola foi contada? Qual é a moral da parábola? Existe algum ponto culminante na parábola? Alguma interpretação é dada na passagem para a parábola?

SÍNTESE DO TÓPICO III

A forma correta de se ler uma parábola é fundamental para podermos extrair sua mensagem principal.

SUBSÍDIO HERMENÊUTICO

"Parábola, do grego *parabolé*, significa 'colocar ao lado de', e leva a ideia de colocar uma coisa ao lado de outra com o objetivo de comparar. A parábola envolve uma contradição aparente apresentada em forma de narração, relatando fatos naturais ou acontecimentos possíveis, sempre com objetivo de declarar ou ilustrar uma ou várias verdades importantes" (BENTHO, Esdras Costa. **Hermenêutica Fácil e Descomplicada.** 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p.321).

CONCLUSÃO

Não há como perceber, nem entrar, no Reino de Deus, sem ter nascido de novo (Jo 3.3-8), por isso, a salvação da alma é parte integrante das parábolas. Você já renasceu? Já se arrependeu dos seus pecados e confiou em Jesus Cristo e em seu sacrifício pelos seus pecados? Você conhece o Rei deste Reino? Seu coração já se prostra diante deste Rei? Ou vive em rebeldia contra Ele ainda? Os verdadeiros súditos reconhecem a soberania do Rei e submetem-se a ela.

ANOTAÇÕES DO PROFESSOR

PARA REFLETIR

A respeito de "Parábola: Uma Lição Para a Vida", responda:

• O que significa "parábola"?
Significa, literalmente, "comparação", e como tal, comumente utilizada para indicar uma história breve, um exemplo esclarecedor para ilustrar uma verdade.

• O que, na Galileia, determinava o estilo da vida das pessoas?
O mar da Galileia, também chamado de mar de Tiberíades ou lago de Genezaré.

• Qual o significado de "sinóticos"?
Significa "ver junto", "ver da mesma perspectiva", "vistos de um ponto de vista comum".

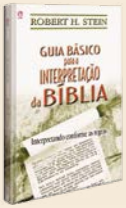
• Cite uma das questões mais importantes a ser considerada quando se lê uma parábola.
Procurar entender os elementos culturais operados em cada uma delas, pois apesar de elas serem uma síntese das experiências humanas, são histórias contadas a partir de outra cultura e tempo.

• Quais são as perguntas necessárias para se identificar uma aplicação prática de uma parábola?
Para quem a parábola foi contada? Por que a parábola foi contada? Qual é a moral da parábola? Existe algum ponto culminante na parábola? Alguma interpretação é dada na passagem para a parábola?

CONSULTE

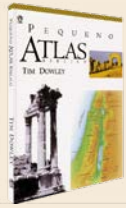
Revista Ensinador Cristão - CPAD, nº 76, p.36. Você encontrará mais subsídios para enriquecer a lição. São artigos que buscam expandir certos assuntos.

SUGESTÃO DE LEITURA



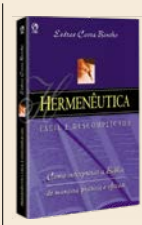
Guia Básico de Interpretação da Bíblia

Entre outros temas, este livro trata de questões como inspiração, inerrância, revelação contínua e orientação do Espírito Santo de forma esclarecedora.



Pequeno Atlas Bíblico

Um Atlas Bíblico com texto de fácil compreensão, completamente novo para estudantes ou leitores da Bíblia em geral. Esta obra é enriquecida com fotos e ilustrações.



Hermenêutica Fácil e Descomplicada

Esse livro, mais prático do que teórico, visa criar no leitor, mesmo sem o conhecimento profundo da matéria, interesse e comprometimento pela interpretação das Escrituras.



Lição 2

14 de outubro de 2018

Para Ouvir e Anunciar a Palavra de Deus

Texto Áureo

"Mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve e compreende a palavra; e dá fruto, e um produz cem, outro, sessenta, e outro, trinta."

(Mt 13.23)

Verdade Prática

É preciso falar de Cristo e orar para que os ouvintes recebam a Palavra, e tornem-se seguidores do Mestre.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Mc 4.3,14
Os semeadores devem semear

Terça – Mc 4.4-8,15-20
Quatro tipos de terrenos

Quarta – Mc 4.4,15
As aves do céu e sua representação

Quinta – Mc 4.5,6,16,17
Os pedregais e o seu significado

Sexta – Mc 4.7,18,19
Os espinhos e sua representação

Sábado – Mc 4.8,20
A boa terra e o tipo de ouvinte

LEITURA BÍBLICA EM CLASSE

Marcos 4.3-20

3 – *Ouvi: Eis que saiu o semeador a semear.*
4 – *E aconteceu que, semeando ele, uma parte da semente caiu junto ao caminho, e vieram as aves do céu e a comeram.*
5 – *E outra caiu sobre pedregais, onde não havia muita terra, e nasceu logo, porque não tinha terra profunda.*
6 – *Mas, saindo o sol, queimou-se e, porque não tinha raiz, secou-se.*
7 – *E outra caiu entre espinhos, e, crescendo os espinhos, a sufocaram, e não deu fruto.*
8 – *E outra caiu em boa terra e deu fruto, que vingou e cresceu; e um produziu trinta, outro, sessenta, e outro, cem.*
9 – *E disse-lhes: Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça.*
10 – *E, quando se achou só, os que estavam junto dele com os doze interrogaram-no acerca da parábola.*
11 – *E ele disse-lhes: A vós vos é dado saber os mistérios do Reino de Deus, mas aos que estão de fora todas essas coisas se dizem por parábolas,*
12 – *para que, vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam, para que se não convertam, e lhes sejam perdoados os pecados.*
13 – *E disse-lhes: Não percebeis esta parábola? Como, pois, entendereis todas as parábolas?*
14 – *O que semeia semeia a palavra;*
15 – *e os que estão junto ao caminho são aqueles em quem a palavra é semeada; mas, tendo eles a ouvido, vem logo Satanás e tira a palavra que foi semeada no coração deles.*
16 – *E da mesma sorte os que recebem a semente sobre pedregais, que, ouvindo a palavra, logo com prazer a recebem;*
17 – *mas não têm raiz em si mesmos; antes, são temporãos; depois, sobrevindo tribulação ou perseguição por causa da palavra, logo se escandalizam.*
18 – *E os outros são os que recebem a semente entre espinhos, os quais ouvem a palavra;*
19 – *mas os cuidados deste mundo, e os enganos das riquezas, e as ambições de outras coisas, entrando, sufocam a palavra, e fica infrutífera.*
20 – *E os que recebem a semente em boa terra são os que ouvem a palavra, e a recebem, e dão fruto, um, a trinta, outro, a sessenta, e outro, a cem, por um.*

HINOS SUGERIDOS: 41, 124, 462 da Harpa Cristã

OBJETIVO GERAL

Destacar a parábola do semeador como uma conclamação a que anunciemos o Evangelho.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Abaixo, os objetivos específicos referem-se ao que o professor deve atingir em cada tópico. Por exemplo, o objetivo I refere-se ao tópico I com os seus respectivos subtópicos.



I **Esclarecer** o significado da parábola do semeador;
II **Evidenciar** a importância de obedecer o Evangelho;
III **Ressaltar** a obrigatoriedade de se anunciar o Evangelho.

• INTERAGINDO COM O PROFESSOR

Após termos introduzido o tema deste trimestre, a partir desta lição estaremos analisando, a cada domingo, uma parábola contada por Nosso Senhor Jesus Cristo. A primeira parábola do Mestre que estaremos estudando é a do semeador. Esta narrativa destaca a responsabilidade dos discípulos em anunciar o Evangelho do Filho de Deus. Independentemente das circunstâncias, a boa semente da Palavra de Deus deve ser "semeada", isto é, anunciada, pois conforme orienta o Eclesiastes, devemos, pela manhã semear a semente e, à tarde, não retirar a nossa mão, porque não sabemos "qual prosperará; se esta, se aquela ou se ambas igualmente serão boas" (11.6). Além disso, como o apóstolo Paulo instrui, um planta e outro rega, mas Deus é quem dá o crescimento (1 Co 3.6,7).

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

Para ilustrar verdades espirituais, Jesus frequentemente contava, por parábolas, histórias sobre os acontecimentos do dia a dia. A parábola do semeador é uma das narrativas de Jesus encontrada nos três Evangelhos sinóticos (Mt 13.1-9, Mc 4.3-9 e Lc 8.4-8) e relata de que forma a mensagem de salvação será recebida no mundo. Um dos seus propósitos é prevenir os discípulos com relação ao triste fato de a pregação da Palavra de Deus não produzir "colheita de cem por cento" em todos os ouvintes. Além disso, a parábola do semeador pode ser interpretada como "a parábola do coração", pois mostra como é o interior de cada pessoa.

PONTO CENTRAL

O Evangelho deve ser anunciado em todo o tempo e lugar.

I – INTERPRETAÇÃO DA PARÁBOLA DO SEMEADOR

1. A importância em compreender a parábola. A parábola do semeador é uma das mais importantes, não apenas por constar nos três primeiros Evangelhos, mas também por ser fundamental para o entendimento de outras. Por essa razão, é necessário comparar e contrastar as referências paralelas a cada narrativa. Desse modo, teremos um quadro completo do que o Senhor Jesus disse sobre o Reino do Céu, já que a narrativa refere-se ao Reino. Essa história fala de um agricultor que lançou sementes em vários lugares com diferentes resultados, dependendo do tipo do solo (Mc 4.3-20). Para se entender essa parábola, é preciso recorrer ao contexto de Mateus 13.18-23, quando o próprio Senhor Jesus a interpretou.

2. Os elementos que constituem a Parábola: o Semeador, a semente e o solo. No mesmo capítulo da parábola do semeador, ao explicar a parábola do trigo e do joio, o Mestre apresenta-se como o semeador (Mt 13.36-43). Daí, ainda que não especificamente mencionado, é possível inferir que o Semeador é Jesus, pois se compararmos o texto dessa parábola com o de Mateus 13.37, podemos concluir que há uma referência imediata com o Senhor. Contudo, por extensão, podemos igualmente entender que o semeador também pode ser qualquer

pessoa que fielmente proclama a mensagem do Evangelho nos nossos dias. Quanto à semente, esta é a Palavra de Deus ou "a palavra do Reino" (Mt 13.19a) que, como sabemos, era o tema da pregação de Jesus (Mt 4.23) e da pregação apostólica (At 8.12; 28.30,31). Já o "solo", é algo muito importante para qualquer planta. Por isso, os cristãos precisam desenvolver suas raízes por meio da fé em Cristo e do estudo da Palavra cada vez mais profundo. Tempos difíceis virão, e somente aqueles que tiverem desenvolvido suas raízes abaixo da superfície, sobreviverão.

3. Os diferentes tipos de solos infrutíferos. As pessoas que ouvem a Jesus são comparadas com vários tipos de solo (Lc 8.5-8). O solo duro e compactado da estrada impediu que as sementes penetrassem, permitindo que ficassem na superfície, expostas às aves que vieram e as comeram. Este solo representa aqueles que "ouvem e não entendem" (Mt 13.19a), por isso endurecem o coração para não receberem a Palavra (Mt 13.15). As aves representam Satanás (Mc 4.15), que arrebata a Palavra dessas pessoas, cujos corações estão endurecidos. As sementes que caíram sobre pedregais (vv.16,17), onde não havia muita terra, e, como consequência, cresceram rapidamente, acabaram secas num instante (v.6). Este solo raso representa as pessoas que ouvem a Palavra e a recebem com grande alegria, porém, quando surgem as dificuldades, as tribulações ou as perseguições por causa do Evangelho, elas não resistem e imediatamente tropeçam (Mt 13.20,21). Daí a necessidade de um maior embasamento na Palavra de Deus recebido através de um bom discipulado e frequência na Escola Dominical. Já as sementes que caíram entre espinhos são sufocadas quando estes crescem e roubam o alimento, a água, a luz e o espaço dos brotos. Infelizmente existem forças capazes de sufocar a mensagem, de forma a torná-la infrutífera (v.18). Este solo representa aqueles que "ouvem a palavra", mas cuja capacidade para gerar fruto é sufocada. Jesus descreveu os espinhos como "os cuidados deste mundo", "a sedução das riquezas" e "os prazeres da vida" (Mt 13.22; Mc 4.19; Lc 8.14; 12.29-32; 21.34-36). As distrações e os conflitos impedem os novos crentes de refletir e aprender a Palavra de Deus a fim de crescerem. Essas coisas, produzidas pela ambição das coisas materiais atormentaram os discípulos do primeiro século, da mesma forma como acontece nos dias atuais, distraindo os crentes de maneira que permaneçam infrutíferos, não produzindo nenhuma colheita.

SÍNTESE DO TÓPICO I

Para se entender a mensagem da parábola do semeador é necessário interpretá-la corretamente.

SUBSÍDIO EXEGÉTICO

"Se o leitor mesmo que subliminarmente entendeu que o agricultor é Jesus, então o restante da parábola será ligado às prósperas e declinantes venturas do ministério de Jesus. Nesta tendência, [John Paul] Heil mostrou corretamente que as várias maneiras nas quais a semente caiu lembrará, no mínimo, a hostilidade personificada pelos escribas (Mc 2.6,16; 3.22), pelos fariseus (Mc 2.16,24; 3.6) e pela própria família de Jesus (Mc 3.21,31-35). Da mesma sorte, a descrição de uma colheita excepcionalmente abundante na conclusão da parábola (Mc 4.8) recorda o sucesso crescente do ministério de Jesus a despeito da oposição (cf. '*toda* a cidade' [Mc 1.33]; 'se ajuntaram tantos'

[Mc 2.2]; '*toda* a multidão ia ter com Ele' [Mc 2.13; 3.7,8,20; 4.1]; ênfases minhas). Assim, em seus movimentos metafóricos a parábola expressa os movimentos maiores do ministério de Jesus, e as várias terras representam as personagens da história" (CAMERY-HOGGATT, Jerry In ARRINGTON, French L.; STRONDAD, Roger (Eds.). **Comentário Bíblico Pentecostal.** 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p.206).

II – A IMPORTÂNCIA DE OUVIR O EVANGELHO

1. O tipo ideal de solo. A parábola do semeador é uma descrição das várias respostas ao "ouvir" a Palavra de Deus e, seguramente, retrata as reações que Jesus encontrou no seu próprio ministério. A parábola adverte contra o ouvir superficial, mas também alimenta a expectativa do ouvir real e produtivo, que leva à obediência, e não devemos esquecer que o verbo grego correspondente a "ouvir" é frequentemente traduzido como "obedecer". Por isso, o Mestre falou que algumas sementes caíram em boa terra (v.20). Tal terra tinha profundidade, espaço e umidade para crescer, multiplicar e produzir uma boa colheita. Este solo representa as pessoas que "ouvem" a Palavra e a "entendem", frutificando abundantemente (Mt 13.23; Lc 8.15). Elas são como os bereanos que foram recomendados "porque de bom grado receberam a palavra, examinando cada dia nas Escrituras se estas coisas eram assim" (At 17.11). São, na verdade, os verdadeiros discípulos, aqueles que aceitaram Jesus, creram em sua Palavra e permitiram que Ele fizesse a diferença em suas vidas (At 17.12).

2. O tipo ideal de ouvinte. Jesus mostrou que o ato de "ouvir" representa um solo fértil para a mensagem do Reino. Se produzirmos frutos, isso provará que ouvimos. Se aqueles a quem pregamos o Evangelho produzirem frutos, isso mostrará que a semente que plantamos fincou raízes em seus corações. Jesus inicia a parábola do semeador com a palavra "ouvi" (v.3a) e termina com a seguinte advertência: "quem tem ouvidos para ouvir, ouça" (v.9). Analisando o aspecto material, o solo não é culpado se estiver duro, cheio de pedras ou de espinhos, enquanto que no aspecto espiritual, somos responsáveis se o nosso coração estiver endurecido, ou seja, se não estiver aberto para a Palavra de Deus arraigar-se profundamente, ou deixarmos as coisas deste mundo sufocarem a Palavra.

3. A importância de "ouvir". Ao descrever o tipo ideal de solo, Jesus destaca o melhor perfil de ouvinte, mas também a importância de ouvir a Palavra e a conservar "num coração honesto e bom" a fim de dar "fruto com perseverança" (Lc 8.15). Aqui há uma lição para o ouvinte também. O fruto produzido depende da resposta à Palavra. É importante ler, estudar e meditar sobre as Escrituras. A Palavra tem que vir habitar em nós (Cl 3.16), para ser implantada em nosso coração (Tg 1.21). Temos que permitir que nossas ações, nossas palavras e nossas próprias vidas sejam formadas e moldadas pela Palavra de Deus.

SÍNTESE DO TÓPICO II

Ouvir a mensagem do Evangelho significa obedecê-la.

SUBSÍDIO BIBLIOLÓGICO

"Ajuntou-se a ele grande multidão (v.1). Nesta ocasião, o povo afluía 'de todas as cidades' para ouvir a pregação de Cristo (Lc 8.4). O Mestre, porém, conhecia o coração das pessoas. Um propósito da parábola do semeador foi prevenir os discípulos quanto ao triste fato de a pregação da Palavra, mesmo do Deus

Todo-Poderoso, não produzir colheita de cem por cento em todos os ouvintes.

"*O que semeia semeia a palavra (v.14).* O fiel semeador semeia a Palavra a eito – 'junto a todas as águas', em todas as qualidades de terra (Is 32.20; Mc 16.15), não sabendo onde ela vai ficar. Semeia a Palavra sem observar o vento, nem as nuvens (Ec 11.4-6). Semeia a *Palavra*; não passa o tempo explicando-a, interpretando-a ou discutindo-a. Semeia a Palavra; não desperdiça o tempo censurando qualquer uma das várias seitas do mundo. Semeia a Palavra, nas suas próprias ideias e opiniões. Ele não se mostra a si mesmo, mas proclama a Palavra, pois sente o mesmo peso que pesa sobre o coração do Senhor (Compare 'peso'; Is 13). O humilde servo 'leva a preciosa semente, andando e chorando'" (BOYER, Orlando. **Espada Cortante 1**. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p.491).

III – O CHAMADO PARA ANUNCIAR O EVANGELHO

1. A obra da maior importância. Uma vez que a condição das pessoas sem Deus é de ignorância espiritual, pois Satanás "encobre" os seus corações para não ouvir o Evangelho (2 Co 4.3,4), o maior serviço que qualquer cristão pode, e deve realizar, é semear a boa semente da Palavra de Deus (Ec 11.6). Isso não apenas com os seus lábios, mas também através do testemunho pessoal e da literatura (Fp 1.18). Cristo morreu e ressuscitou para nos salvar de nossos pecados. Agora, todo aquele que nEle crê, e for batizado, não mais será condenado, antes receberá a vida eterna (Mc 16.16; Ef 1.13,14).

2. Jesus e a ordem para pregar. Recordando que Evangelho significa "boas novas", "boa notícia", e que tal boa notícia nada mais é que a salvação em Jesus (Mt 28.18-20; Mc 16.15-18), todos precisam ouvir o evangelho. Jesus nos encarregou de contar as boas notícias às pessoas à nossa volta, pois o evangelho é uma notícia tão boa que não podemos guardar só para nós!

3. A importância de pregar o Evangelho. É muito importante pregar o evangelho, para que mais pessoas ouçam, creiam e sejam salvas (Rm 10.14,15). Aplicando-se espiritualmente, todos aqueles que seguem a Cristo devem estar sempre ensinando a Palavra, pois quanto mais ela é plantada nos corações, maior a colheita (1 Co 3.6,7). É preciso, porém, saber que o que semeia a Palavra (v.14) o faz em todas as qualidades de solo (Is 32.20; Mc 16.15), semeia a Palavra sem observar o vento, nem as nuvens (Ec 11.4-6), semeia a Palavra sem gastar tempo com outra coisa (2 Tm 2.4).

CONHEÇA MAIS

*Um Ministério em Parábolas



"O uso de parábolas era comum entre o povo hebreu, mas Jesus as usava com propósito penetrante, especialmente quando entre os ouvintes aumentava o número daqueles que poderiam interpretar mal ou usar mal os seus ensinos. Uma história poderia captar e conservar naturalmente a atenção; mas, além disso, a parábola examinava o coração, levando a pensamentos e aplicações mais profundos." Para conhecer mais leia **Comentário Bíblico Beacon**, Vol.6, CPAD, p.246.

SÍNTESE DO TÓPICO III

Todo discípulo está incumbido de anunciar a mensagem do Evangelho.

SUBSÍDIO EVANGELÍSTICO

"Ganhar almas foi a suprema tarefa do Senhor Jesus aqui na terra (Lc 19.10; 1 Tm 1.15). Paulo, o grande homem de Deus, do Novo Testamento, tinha o mesmo alvo e visão (1 Co 9.20). Uma grande parte dos crentes pensa que a obra de ganhar almas para Jesus está afeta exclusivamente aos pregadores, pastores e obreiros em geral. Contentam-se em, comodamente sentados, ouvir os sermões, culto após culto, enquanto os campos estão brancos para a ceifa, como disse o Senhor da seara em João 4.35. O 'ide' de Jesus para irmos aos perdidos (Mc 16.15), não é dirigido a um grupo especial de salvos, mas a todos, indistintamente, como bem revela o texto citado. Portanto, a evangelização dos pecadores pertence a todos os salvos" (GILBERTO, Antonio. **A Prática do Evangelismo Pessoal.** 14.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p.10).

CONCLUSÃO

Como vimos, atualmente somos os semeadores, ou seja, a mesma Palavra de Deus pode ser plantada em nossos dias. Todavia, como na parábola, os resultados serão determinados pelo coração daquele que ouve. Lembremos que o nosso papel é pregar e o do Espírito, convencer os pecadores (Jo 16.8-11).

PARA REFLETIR

A respeito de "Para Ouvir e Anunciar a Palavra de Deus", responda:

- **Por que a parábola do semeador é uma das mais importantes?**
A parábola do semeador é uma das mais importantes, não apenas por constar nos três primeiros evangelhos, mas também por ser fundamental para o entendimento de outras.

- **Qual era o tema da pregação de Jesus e dos apóstolos?**
A Palavra de Deus ou "a palavra do Reino" (Mt 13.19a).

- **Cite os três tipos de solos infrutíferos.**
O solo duro e compactado da estrada, solo pedregoso e solo cheio de espinhos.

- **O que descreve a parábola do semeador?**
A parábola do semeador é uma descrição das várias respostas ao "ouvir" a Palavra de Deus e, seguramente, retrata as reações que Jesus encontrou no seu próprio ministério.

- **Como a Bíblia descreve a condição das pessoas sem Deus?**
A condição das pessoas sem Deus é de ignorância espiritual, pois Satanás "encobre" os seus corações para não ouvir o evangelho (2 Co 4.3,4).

CONSULTE

Revista Ensinador Cristão - CPAD, nº 76, p.37. Você encontrará mais subsídios para enriquecer a lição. São artigos que buscam expandir certos assuntos.



Lição 3

21 de outubro de 2018

O Crescimento do Reino de Deus

Texto Áureo

"[...] Porque eis que o Reino de Deus está entre vós."

(Lc 17.21)

Verdade Prática

O Reino de Deus cresce e continuará crescendo até a consumação dos séculos.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Jo 3.3-6
Só pode ver o Reino de Deus quem experimenta o novo nascimento

Terça – Mc 4.26-29
O Reino de Deus é semelhante a uma plantação

Quarta – Lc 13.18,19
O Reino de Deus comparado a uma semente de mostarda

Quinta – Lc 13.20,21
O Reino de Deus comparado a um fermento

Sexta – 1 Co 6.9-11
A lista dos que não herdarão o Reino de Deus

Sábado – Gl 5.19-21
Os que praticam as obras maléficas da carne não herdarão o Reino de Deus

LEITURA BÍBLICA EM CLASSE

Marcos 4.30-32; Mateus 13.31-33; Lucas 13.18,19

Mc 4.30 – ***E*** *dizia: A que assemelharemos o Reino de Deus? Ou com que parábola o representaremos?*

31 – *É como um grão de mostarda, que, quando se semeia na terra, é a menor de todas as sementes que há na terra;*

32 – *mas, tendo sido semeado, cresce, e faz-se a maior de todas as hortaliças, e cria grandes ramos, de tal maneira que as aves do céu podem aninhar-se debaixo da sua sombra.*

Mt 13.31 – ***O****utra parábola lhes propôs, dizendo: O Reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem, pegando dele, semeou no seu campo;*

32 – *o qual é realmente a menor de todas as sementes; mas, crescendo, é a maior das plantas e faz-se uma árvore, de sorte que vêm as aves do céu e se aninham nos seus ramos.*

33 – ***O****utra parábola lhes disse: O Reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha, até que tudo esteja levedado.*

Lc 13.18 – ***E*** *dizia: A que é semelhante o Reino de Deus, e a que o compararei?*

19 – *É semelhante ao grão de mostarda que um homem, tomando-o, lançou na sua horta; e cresceu e fez-se grande árvore, e em seus ramos se aninharam as aves do céu.*

HINOS SUGERIDOS: 42, 242, 259 da Harpa Cristã

OBJETIVO GERAL

Evidenciar que o propósito de muitas parábolas é revelar o Reino de Deus.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Abaixo, os objetivos específicos referem-se ao que o professor deve atingir em cada tópico. Por exemplo, o objetivo I refere-se ao tópico I com os seus respectivos subtópicos.



I **Interpretar** as parábolas acerca do Reino de Deus;

II **Demonstrar** a singeleza do início do crescimento do Reino de Deus;

III **Narrar** o perfil dos participantes do Reino de Deus.

• INTERAGINDO COM O PROFESSOR

Esta lição, a partir de duas pequenas parábolas, trata do tema principal da mensagem de Jesus Cristo, o Reino de Deus (Mc 1.14,15). Na verdade, ambas as parábolas tratam do crescimento e da expansão do Reino de Deus, vistos a partir da singeleza e da aparente simplicidade de uma semente ou de uma pequena porção de fermento, cujos efeitos podem ser subestimados pela aparência de ambas. Não obstante tais elementos não aparentar grande coisa, ambos provocam um efeito totalmente desproporcional à sua aparência, pois a primeira depois de plantada e germinada, cresce e torna-se uma árvore que abriga muitas aves; o segundo, o fermento, basta uma pequena quantidade aplicada a uma porção de massa milhares de vezes maior, provoca nesta uma transformação incrível, tornando-a maior ainda. Essas duas figuras foram tomadas por Jesus para exemplificar o início despretensioso do Reino de Deus.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

Podemos dizer que, de alguma forma, todas as parábolas de Jesus pressupõem o Reino de Deus. Na verdade, em praticamente cada parábola encontramos algum elemento dele. Algumas, contudo, tratam especificamente do desenvolvimento e do crescimento do Reino de Deus sobre a terra. Os textos abordados nesta lição trazem as parábolas que Jesus contou para ensinar a respeito do crescimento do Reino de Deus. Elas enfatizam a presença do Reino, mostrando que este está presente, ainda que não possamos distinguir exatamente onde ele está de forma concreta. Um dia tudo será consumado e todos os discípulos autênticos de Cristo farão parte do Reino de Deus naquele Grande Dia.

PONTO CENTRAL
O Reino de Deus iniciou-se de forma simples, mas vem se expandindo a cada dia.

I – INTERPRETAÇÃO DAS PARÁBOLAS SOBRE O REINO DE DEUS

Essas parábolas enquadram-se bem na categoria de similitude. A similitude nada mais é que uma comparação expandida. Ela quer pintar um quadro que se repete e, para isso, usa predominantemente o tempo presente em função de uma analogia. Portanto, a parábola não apresenta um enredo totalmente desenvolvido. Aqui Jesus se volta para o mundo da botânica. O Mestre utiliza-se da figura de um grão de mostarda a fim de ilustrar o Reino de Deus.

1. A semente de mostarda. A semente de mostarda simboliza de forma proverbial aquilo que é pequeno e insignificante. Essa semente é muito pequena; mas, quando plantada, cresce e se torna uma hortaliça muito grande. Essa mostarda é de origem egípcia (*sinapis*) e a encontramos mencionada nos Evangelhos Sinóticos por cinco vezes (Mt 13.31; 17.20; Mc 4.31; Lc 13.19; 17.6). Nosso Senhor utiliza aqui a "mostarda negra" conhecida como *sinapis nigra.* Uma semente pequena que produz um grande arbusto.

2. Os contrastes. A parábola do grão de mostarda é uma história dos contrastes entre um começo aparentemente insignificante e uma coroação

surpreendente; entre o oculto hoje e o revelado no futuro. O Reino de Deus é como tal semente. O tamanho atual do Reino de Deus possui um aspecto insignificante; mas isso não indica, de modo algum, o que ele, em sua consumação, abrangerá, ou seja, o Universo inteiro (Mc 13.24-27; Ap 5.9-13; 7.9; Dn 2.33,34).

3. As aparências enganam. O Senhor nos ensina aqui a não nos deixarmos levar pelas aparências. Muitas vezes julgamos as coisas pelo aspecto exterior. O ensino de Cristo apresenta o poder misterioso da fé que dá início ao Reino de Deus. Jesus começou seu ministério com alguns discípulos. Ao longo da história a Igreja alcançou milhares de pessoas. Hoje a Igreja de Cristo compõe-se de bilhões de crentes espalhados pelo planeta (Mt 8.11).

SÍNTESE DO TÓPICO I

O princípio aparentemente insignificante do Reino de Deus não retrata o que ele será na consumação de todas as coisas.

SUBSÍDIO EXEGÉTICO

"Jesus aqui continuou com o seu esforço para ajudar os discípulos a entender a verdadeira natureza do **Reino de Deus** (30). (E como eram lentos para aprender! Cf. At 1.6) Ele perguntou: **A que assemelharemos o Reino de Deus?**, graciosamente incluindo os ouvintes no projeto. De forma incidental, podemos notar a importância do pensamento ilustrado nos assuntos espirituais. **Com que parábola o representaremos?** As ideias abstratas precisam ser revestidas de histórias e imagens para que possam atingir o coração e a mente.

"O tema da parábola é que, embora o Reino possa ter tido o menor começo possível, algum dia crescerá e chegará a um tamanho fenomenal. **Um grão de mostarda** (31) foi usado proverbialmente para representar alguma coisa muito pequena (veja Mt 17.20). Apesar do seu tamanho, a semente de mostarda produz uma planta ou arbusto maior do que qualquer outra hortaliça do jardim, com cerca de três metros de altura, ou mais. Os galhos da planta têm tamanho suficiente para permitir que as aves do céu façam os seus ninhos e possam se abrigar debaixo da sua sombra. (Os pássaros gostam da semente de mostarda.)" (SANNER, A. Elwood. **Comentário Bíblico Beacon.** Vol.6. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p.250).

II – A EXPANSÃO DO REINO DE DEUS

1. O campo de semeadura. Nos textos sinóticos que lemos – Mateus, Marcos e Lucas – existe um pequeno detalhe que chama a atenção. Mateus descreve o homem semeando na terra, Marcos, no campo, enquanto Lucas fala de horta. Esses detalhes, por se tratar de uma parábola, não devem nos prender. Muitas pessoas têm se perdido aos detalhes na interpretação de parábolas. O "campo", sem dúvida alguma, trata-se do mundo e o mesmo exemplifica as parábolas similares. O Evangelho vem sendo pregado ao redor do mundo desde o dia de Pentecostes, pois esta é uma ordem do Senhor (At 1.8).

2. Um lugar debaixo da sombra. O arbusto de mostarda aqui retratado tem cerca de três metros de altura, ou pouco mais. Seus galhos possuem tamanho suficiente para permitir que pássaros construam seus ninhos e consigam abrigar-se debaixo da sua sombra. Essa imagem de uma grande árvore, onde pássaros habitam seus

galhos e animais descansam à sua sombra, é uma reminiscência do ensino veterotestamentário a respeito do destino dos grandes impérios, bem como sobre a ascensão do Reino de Deus (Ez 17.22-24; Dn 4.10-14).

3. Não despreze os pequenos começos. A certeza que Cristo dá ao ensinar essa parábola certamente provocou uma forte conscientização e um enorme encorajamento para a igreja nascente, na época dos evangelistas Mateus, Marcos e Lucas. Uma igreja que estava enfrentando diversas lutas neste mundo. A parábola escatológica lembra o que disse o soberano Senhor a respeito do cedro no qual os pássaros encontrarão abrigo "à sombra dos seus ramos" (Ez 17.23 cf. 31.6). Também nos desperta para a pergunta levantada pelo profeta Zacarias: "[...] quem despreza o dia das coisas pequenas?" (Zc 4.10).

SÍNTESE DO TÓPICO II

À medida que o Evangelho é pregado e mais pessoas o aceitam, o Reino de Deus avança e cresce mais e mais.

SUBSÍDIO BIBLIOLÓGICO

"Jesus diz que a semente de mostarda 'é realmente a menor de todas as sementes'. Trata-se de hipérbole, designada a enfatizar a natureza minúscula da semente. Entre os rabinos esta semente era usada proverbialmente por sua pequenez (M. *Nidá* 5.2). O que Jesus quer dizer é que se torna um arbusto de tamanho significativo e até proporciona abrigo para pássaros. Assim também o Reino dos Céus tem começo modesto não observado por muitos, mas eventualmente tem grande efeito. O avanço da igreja primitiva desde seu começo desanimador à transformação do Império Romano fornece comentário apropriado para o significado da passagem. A referência à árvore indica um império em expansão (e.g., Ez 17.23; 31.1-9; Dn 4.10-12); os pássaros representam as nações do império (Dn 4.20-22 [...]).

"A Parábola do Fermento reforça o começo da semente de mostarda. O fermento tem imagem negativa ou má na Bíblia, como em Mateus 16.6,11: 'Adverti e acautelai-vos do fermento dos fariseus e saduceus'. Também é usado negativamente no Antigo Testamento (e.g., Êx 12.15; Lv 2.11), embora também tenha imagem positiva (e.g., Lv 7.13; 23.15-18). Aqui Jesus usa o fermento para mostrar como um item pequeno não observado pode penetrar o todo. Muitos não reconhecem que o Reino esteja em ação, porque está escondido e é considerado insignificante por muitos. Mas não devemos menosprezar o dia das coisas pequenas. O fruto segue a fidelidade (Gl 6.9). O trabalho do discípulo mais humilde pode ter efeitos de longo alcance" (SHELTON, James In ARRINGTON, French L.; STRONDAD, Roger (Eds.). **Comentário Bíblico Pentecostal.** 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p.90).

III – QUEM PARTICIPA DO REINO DE DEUS?

Todos os autênticos discípulos de Cristo participam do Reino de Deus. Não basta apenas ser frequentador de Igreja. É preciso ser discípulo de Cristo (Mc 8.34-38). Ao questionarmos quem participa do Reino de Deus nos surge a ideia do discipulado. O tema do discipulado tem sido esquecido em muitos arraiais evangélicos na atualidade. Contudo, se prestarmos atenção à chamada Grande Comissão, temos o mandamento de "fazer discípulos" (Mt 28.19,20). O crescimento do Reino de Deus é, de fato,

surpreendente. Mas Deus escolheu que isso aconteça através da prática do discipulado. Afinal, somente os discípulos de Cristo, na consumação dos séculos, entrarão no Reino de Deus.

1. Quem tomou uma decisão. Para que possamos participar do Reino de Deus é preciso atender ao convite de Cristo (Mc 8.34). Ser discípulo de Cristo significa muito mais que atender a um convite de "vir à frente". O texto de Marcos diz que o convite é dirigido a quem "quiser". Isso significa que a soberania divina não violenta a liberdade humana. Depois de receber o chamado do Espírito, é preciso que haja uma decisão pessoal e essa decisão envolve renúncia.

2. Quem tem uma relação pessoal com Jesus. Um discípulo de Cristo não é um "admirador", mas um seguidor. Jesus nos chama a segui-lo. Um verdadeiro discípulo segue as pegadas de Cristo (1 Pe 2.21). Aquele que participa do Reino de Deus é uma pessoa obediente (Jo 15.14). Nós devemos obedecer ao seu comando por Ele ser Senhor e também por gratidão à grandiosa salvação que Ele nos deu.

3. Quem tem uma caminhada dinâmica com Cristo. O discípulo de Cristo tem uma caminhada dinâmica com Ele. Trata-se de um desafio diário. Todas as nossas escolhas, propósitos, nossos sonhos e realizações devem ser pautados na vontade do Senhor. O discípulo de Cristo é alguém que vive em um mundo cujos valores estão invertidos (Mc 8.35), por isso, entende que no âmbito do Reino de Deus "ganhar" é perder, e "perder" é ganhar. Somos chamados para assegurar os interesses do Reino e, para isso, muitas vezes, temos de deixar de lado os interesses egoístas e a aparente segurança terrena.

> "Depois de receber o chamado do Espírito, é preciso que haja uma decisão pessoal e essa decisão envolve renúncia."

SÍNTESE DO TÓPICO III

Somente os discípulos de Cristo farão parte do Reino de Deus.

SUBSÍDIO DIDÁTICO-ECLESIOLÓGICO

Em seu *Manual do Discipulador Cristão* (CPAD), o pastor Cyro Mello elenca quatro requisitos para que alguém seja considerado um discípulo de Cristo: Decisão Voluntária; Determinação; Consciência e Disposição para o Trabalho. Cada um desses requisitos possui desdobramentos e são fundamentados em textos bíblicos. Procure este conteúdo nas páginas 23 a 51 do referido livro e enriqueça a abordagem deste terceiro tópico.

CONCLUSÃO

É interessante notar que nem todas as parábolas possuem uma aplicação direta e marcante. Em muitas delas, o crente precisa contentar-se em deixar que a parábola cumpra seu objetivo sem que haja uma hermenêutica forçada. A parábola do grão de mostarda nos apresenta a realidade de que o Reino de Deus teve um início insignificante e, desde então, cresce assustadoramente. Ao final dos tempos, ele atingirá todo o Universo. Que todos nós possamos fazer parte desse glorioso Reino, que não terá fim.

ANOTAÇÕES DO PROFESSOR

PARA REFLETIR

A respeito de "O Crescimento do Reino de Deus", responda:

• As parábolas do Reino encaixam-se em qual categoria?
Essas parábolas enquadram-se bem na categoria de similitude.

• Por que a parábola do grão de mostarda é considerada uma história dos contrastes?
Por ser uma história dos contrastes entre um começo aparentemente insignificante e uma coroação surpreendente; entre o oculto hoje e o revelado no futuro.

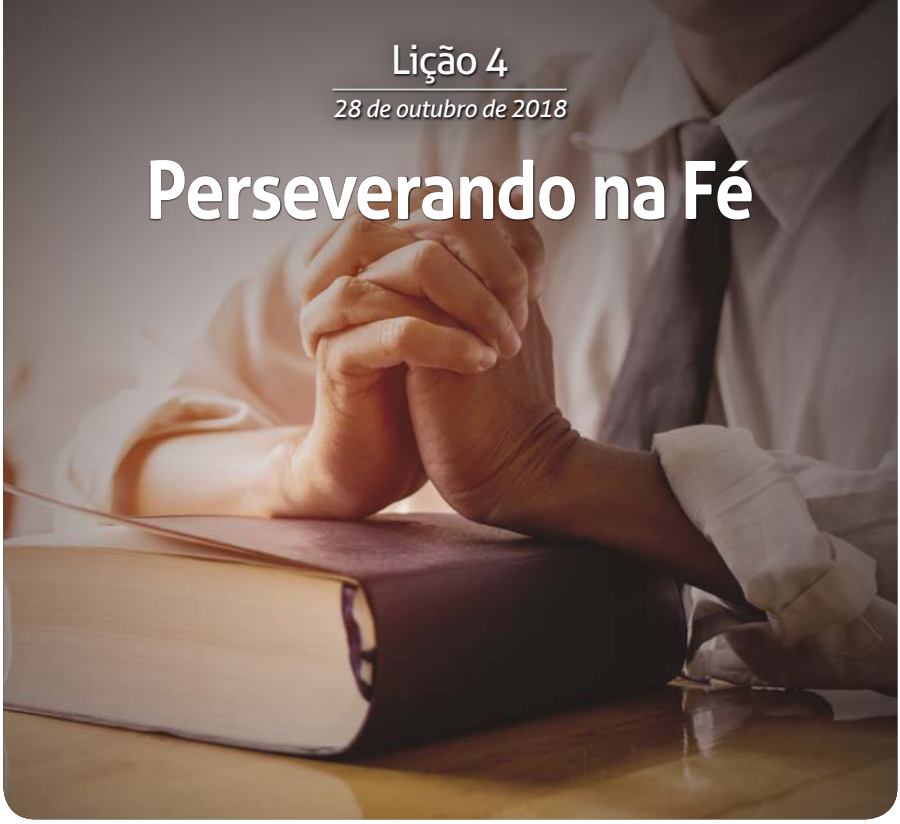
• Qual o detalhe que chama a atenção nessa parábola contada por todos os Sinóticos?
O fato de que Mateus descreve o homem semeando na terra, Marcos, no campo, enquanto Lucas fala de horta.

• O que é um discípulo de Cristo?
Um discípulo de Cristo não é um "admirador", mas um seguidor.

• Por viver em um mundo de valores invertidos, o que o discípulo de Cristo entende no âmbito do Reino de Deus?
O discípulo de Cristo é alguém que vive em um mundo cujos valores estão invertidos (Mc 8.35), por isso, entende que no âmbito do Reino de Deus "ganhar" é perder, e "perder" é ganhar.

CONSULTE

Revista Ensinador Cristão - CPAD, nº 76, p.37. Você encontrará mais subsídios para enriquecer a lição. São artigos que buscam expandir certos assuntos.



Lição 4

28 de outubro de 2018

Perseverando na Fé

Texto Áureo

"E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite, ainda que tardio para com eles?"

(Lc 18.7)

Verdade Prática

Quanto mais perseverarmos na fé, melhor entenderemos a vontade de Deus.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Hb 11.1
O firme fundamento e a prova das coisas que se não veem

Terça – Ef 2.8,9
A salvação é pela graça, mediante a fé, para que ninguém se glorie

Quarta – Mt 17.20
A fé não precisa ser grande, mas tem de ser íntegra e verdadeira

Quinta – Hb 11.6
É preciso acreditar, pois sem fé é impossível agradar a Deus

Sexta – Mt 9.2
Uma fé que, de tão evidente, pode até ser vista

Sábado – 1 Pe 1.9
O alvo supremo da fé não consiste em receber "bênçãos"

LEITURA BÍBLICA EM CLASSE

Lucas 18.1-8

1 – ***E*** *contou-lhes também uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca desfalecer,*

2 – *dizendo: Havia numa cidade um certo juiz, que nem a Deus temia, nem respeitava homem algum.*

3 – *Havia também naquela mesma cidade uma certa viúva e ia ter com ele, dizendo: Faze-me justiça contra o meu adversário.*

4 – *E, por algum tempo, não quis; mas, depois, disse consigo: Ainda que não temo a Deus, nem respeito os homens,*

5 – *todavia, como esta viúva me molesta, hei de fazer-lhe justiça, para que enfim não volte e me importune muito.*

6 – *E disse o Senhor: Ouvi o que diz o injusto juiz.*

7 – *E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite, ainda que tardio para com eles?*

8 – *Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça. Quando, porém, vier o Filho do Homem, porventura, achará fé na terra?*

HINOS SUGERIDOS: 88, 185, 192 da Harpa Cristã

OBJETIVO GERAL

Estimular a perseverança na fé.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Abaixo, os objetivos específicos referem-se ao que o professor deve atingir em cada tópico. Por exemplo, o objetivo I refere-se ao tópico I com os seus respectivos subtópicos.



I **Interpretar** a parábola do juiz iníquo;

II **Destacar** a bondade de um Deus justo;

III **Ressaltar** a postura da viúva a respeito da oração, da perseverança e da fé.

• INTERAGINDO COM O PROFESSOR

A aula de hoje é uma grande oportunidade para estimular os alunos a perseverarem na fé e na oração. Este é o grande desafio do ensino: Romper a barreira do discurso levando os educandos à prática. A parábola do juiz iníquo mostra exatamente isso. O interesse de Jesus era levar os seus discípulos a serem perseverantes e pessoas de oração. Em tempos de "determinismo profético", nada mais sensato e necessário que ensinar acerca da fé e da oração.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

A perseverança na fé é uma das exortações bíblicas mais urgentes nos dias de hoje. Sobretudo, quando acompanhada da oração, pois esta também é de suma importância, visto ser a forma de comunicação vital dos discípulos com o Pai soberano nestes tempos perigosos até o estabelecimento final do Reino de Deus. Esta parábola, também conhecida como a "parábola da viúva persistente", mostra que a oração intermitente em tempos de crise é o meio pelo qual os discípulos do Reino se valem da justiça do Pai a seu favor.

PONTO CENTRAL

A perseverança na fé e na oração é decisiva para o desenvolvimento espiritual.

I – INTERPRETANDO A PARÁBOLA DO JUIZ INÍQUO

1. Uma parábola difícil. Muitos estudiosos consideram essa parábola uma das mais difíceis. De fato, o modo como algumas Bíblias a intitulam, ou seja, quando na epígrafe editorial consta, por exemplo, "A parábola do juiz iníquo", têm levado muitos a fazerem interpretações equivocadas sobre a bondade, o amor e a justiça de Deus. Contudo, devemos levar em conta o propósito que levou Jesus a contar essa parábola. Trata-se de uma parábola que, a exemplo de outras que estudamos ao longo desse trimestre, funciona como um contraste. Conforme veremos, ela possui até certo fundamento em seu estilo de acentuar a perseverança, e se faz acompanhar de um chamado ao discernimento (v.6), três afirmações da defesa graciosa que Deus faz dos seus e é concluída com um questionamento sobre a existência, ou não, da fé, quando chegar o tempo em que Deus defenderá os seus (v.8b).

2. O juiz. Não é preciso interpretar, ao pé da letra, cada detalhe de todas as parábolas. Entretanto, aqui vamos assim proceder com o fim exclusivo de mostrarmos o contexto que se passa na mente dos ouvintes. Tudo indica que na estrutura jurídica do judaísmo antigo existiam dois sistemas de tribunais: o judaico e o gentílico. Por isso, há estudiosos que entendem que o magistrado da parábola era um juiz gentio. A *Mishná* declara que três juízes deveriam definir a sentença nos casos que envolvessem propriedade. Flávio Josefo fala de tribunais com até sete juízes na Galileia. A parábola pressupõe um tribunal com um juiz somente, pois, neste caso, pode tratar-se de um simples recurso para a simplificação da narrativa. Na verdade, para entendermos melhor a parábola, não é tão importante o conhecimento do sistema jurídico daquele tempo, mas sim nos conscientizar da condição desesperadora de muitas viúvas da

época que sofriam com juízes corruptos ou desumanos.

3. A viúva. As viúvas eram reconhecidas pelas suas roupas típicas, as quais indicavam sua situação (Gn 38.14,19). Naquele tempo as jovens casavam-se no início da adolescência, por isso, apesar de haver muitas viúvas, elas não eram, necessariamente, mulheres de idade avançada. A maioria era deixada sem nenhuma forma de subsistência. Se permanecessem na família do falecido, acabavam numa condição inferior, quase servil. Se retornassem para a sua família de origem, o dinheiro do dote repassado nas negociações do seu casamento teria que ser devolvido. Dessa forma, as viúvas em geral ficavam em uma situação bastante miserável. Geralmente elas eram vendidas como escravas para a quitação das dívidas. Portanto, uma mulher pobre, por causa da morte de seu marido, ficava privada do amparo social e, em caso de controvérsias de ordem pública, se não tinha dinheiro, precisava confiar na honestidade dos magistrados. Esse é o contexto em que devemos ler essa parábola.

4. O caso e a perseverança. A mulher tinha uma causa que deveria ser apresentada a um tribunal da cidade ou a um juiz que resolvesse exclusivamente a questão por via administrativa. Talvez se tratasse de pendências judiciárias ou mesmo dívidas deixadas pelo seu marido, de hipotecas sobre a herança patrimonial. Apesar de o caso poder enquadrar-se nos inúmeros existentes à época quando uma mulher tinha de defender seus direitos contra as maldades de um adversário poderoso que, sendo mais importante e influente, está seguro e tranquilo, ela toma uma decisão inédita, pois não escolhe advogados (talvez sua condição nem o permitisse), nem defensores públicos, mas contra o costume de seu ambiente, decide apresentar, pessoalmente, a insistência ao juiz. Este, segundo o relato, é um juiz iníquo, isto é, não teme a Deus. Ela, porém, demonstra um coração decidido e uma disposição muito grande. Tanto que o texto usa a expressão "molesta" (v.5) para indicar a perseverança da viúva diante do juiz. Por isso, ao final, o juiz cede para não ser mais incomodado, isto é, "molestado" pela mulher que o importuna.

SÍNTESE DO TÓPICO I

Os detalhes da parábola não são o principal a ser entendido, mas sim sua mensagem central.

SUBSÍDIO EXEGÉTICO

"A Parábola do Juiz e da Viúva enfoca a oração persistente. Claro que Jesus não está ensinando que Deus é como um juiz injusto. A parábola é dita num estilo 'quanto mais'. Se um homem iníquo finalmente responde os clamores de uma viúva, quanto mais um Deus justo ouvirá as orações dos seus filhos.

"A parábola fala sobre uma situação da vida real. O juiz não tem reverência a Deus ou respeito pelos direitos das pessoas. Uma viúva pobre envolvida num processo na mesma cidade pleiteia com o juiz insensível para decidir em favor dela contra um adversário (v.3). Por um longo tempo ele não faz nada, ignorando os clamores por justiça. Como outras viúvas naquela sociedade, ela é impotente e entre a mais vulnerável das pessoas. Ela é dependente dos outros para cuidar dela" (ARRINGTON, F. L. In ARRINGTON, French L.; STRONDAD, Roger (Eds.). **Comentário Bíblico Pentecostal.** 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p.435).

II – A BONDADE DE UM DEUS JUSTO

1. Deus é bom. Não é novidade o fato de a Bíblia estar repleta de textos

que demonstram a bondade de Deus. A parábola, uma vez mais, reforça tal verdade quando o Senhor, retoricamente, questiona: "E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite, ainda que tardio para com eles?" (v.7). A bondade de Deus faz com que Ele ouça aos seus servos. E não poderia ser diferente, pois Jesus ensinou que se, nós, pois, sendo maus, sabemos dar boas coisas aos nossos filhos, "quanto mais vosso Pai que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem?" (Mt 7.11). Antes disso o Mestre também ensinava sobre a oração, dizendo: "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á" (Mt 7.7). Na parábola que estamos estudando, encontramos a viúva clamando, e este é o recurso utilizado por Jesus para, mais uma vez, ensinar sobre a oração e nos lembrar que Deus é bom.

2. Deus é justo. Além da bondade do Pai, o crente sabe que Ele é justo. Uma vez mais é necessário recordar que a parábola não deve ser tomada ao nível dos detalhes, pois estes não são o mais importante. O juiz de nossa parábola é iníquo, injusto; Deus, a quem servimos, por outro lado, é justo. Nisto consiste o elemento de contraste dessa parábola. Este conhecimento já tinha Abraão ao chamar o Senhor de "Juiz de toda a Terra" (Gn 18.25). A justiça de Deus é tão elevada que, assim como a paz de Cristo, excede a todo nosso entendimento (Is 56.1).

3. Deus assume a nossa causa. Na parábola, encontramos uma pobre viúva pedindo justiça, mas o que Jesus está ensinando é sobre o dever de orar sempre e nunca desfalecer, isto é, a perseverar. Assim, ao mesmo tempo em que ensina sobre a oração e a perseverança, o Mestre lembra um preceito da Lei, mostrando que Deus assume a nossa causa: "Pois o SENHOR, vosso Deus, é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande, poderoso e terrível, que não faz acepção de pessoas, nem aceita recompensas; que faz justiça ao órfão e à viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e veste" (Dt 10.17,18).

SÍNTESE DO TÓPICO II

Além da perseverança na oração e na fé, a parábola destaca a bondade, a justiça e o fato de que Deus assume as causas dos menos favorecidos.

SUBSÍDIO PRÁTICO-TEOLÓGICO

"A aplicação é clara e simples. Uma viúva pode obter justiça de um juiz que não teme a Deus e não tem nenhuma consideração pelos seus semelhantes, simplesmente pela sua vinda contínua. Quanto mais deveria um cristão ter fé e crer que um Deus justo, bom e amoroso responderá as suas orações, embora Ele possa demorar – ou seja, embora às vezes pareça que a resposta demora! **Depressa, lhes fará justiça**, ou seja, subitamente, inesperadamente, mas não necessariamente quando eles pensam que a resposta deve vir" (CHILDERS, Charles. **Comentário Bíblico Beacon.** Vol.6. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p.467).

III – A PERSEVERANÇA DA VIÚVA É UMA IMAGEM PARA NÓS

1. Oração. Até que nosso Senhor retorne, infelizmente, viveremos em constante luta contra o pecado (Hb 12.1). Por esse motivo, não devemos desistir de perseverar na oração e na súplica até que alcancemos o alvo (Fp 3.12-14). Ainda durante seu ministério Jesus exortava aos seus discípulos a que estivessem de "sobreaviso" e que também vigiassem e orassem (Mc 13.33;

ARA). Uma das características distintivas do Evangelho de Lucas é a oração (3.21; 5.16; 6.12; 9.18,28,29; 10.21,22; 11.1; 22.41-46; 23.46). Ao ensinar a respeito do Espírito Santo, Lucas nos mostra que Deus cumpre o seu propósito. No entanto, exige a atitude certa por parte do povo de Deus que, de acordo com este Evangelho, é a oração. Vemos Jesus orando antes de cada grande crise da sua vida, ou seja, chegando a orar pelos seus agressores (Lc 23.34). Por ser um homem de oração, Jesus exortou seus discípulos a fazerem o mesmo (Lc 11.2; 22.40,46). É importante lembrar que Jesus advertiu contra o tipo errôneo de oração (Lc 20.47).

2. Perseverança. Além de orar, é necessário compreender que a oração deve vir acompanhada de perseverança. A exortação à oração persistente está estreitamente ligada à expectativa da volta do Senhor. O texto de Lucas 17.22 nos alerta de maneira bastante clara a respeito do tipo de oração e do perigo de esmorecimento na prática de orar a qual se tem em mira aqui. Deus quer ser buscado de forma incessante e persistente pelos seus, pois a perseverança levará em conta o tempo de espera como um meio para aclarar e purificar a nossa vida no aprendizado das coisas de Deus.

3. Fé. Somos, da mesma forma, exortados a perseverar na fé. A parábola conclui com uma pergunta: "Quando, porém, vier o Filho do Homem, porventura, achará fé na terra?" (v.8b). Jesus refere-se aqui à fé da súplica incessante, que não esmorece, ou seja, à fé perseverante. A própria interrogação traz uma conexão direta com a parábola, pois questiona se o Filho irá encontrar uma fé persistente como a da viúva. Esta fé é aquela que, em meio às dificuldades e às perseguições, transforma-se em fidelidade e coragem para testemunhar diante dos homens (Lc 9.26; 12.9). A fim de preservarmos este tipo de fé, precisamos cultivar uma vida de oração constante e persistente.

SÍNTESE DO TÓPICO III

A parábola ensina que a oração, a perseverança e a fé, evidenciadas na atitude da viúva, são marcas que devem ser encontradas em todo discípulo de Jesus.

SUBSÍDIO DEVOCIONAL

"Jesus ensina uma importante lição a respeito da oração, nas parábolas do amigo importuno e do juiz injusto. Ambas ilustram a frequentemente citada promessa de Jesus: 'Pedi e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á. Porque aquele que pede, recebe;

CONHEÇA MAIS

*O Cuidado de Deus com as Viúvas

"Deus é o socorro e o auxílio [das viúvas]: Dt 10.18; Sl 68.5; 146.9; Pv 15.25. Deus tem expectativa que o seu povo cuide das viúvas (Is 10.2; Jr 7.6), principalmente os juízes e líderes e Deus apresenta o seu testemunho contra os opressores das viúvas (Ml 3.5). A trilogia de 'viúvas, orfãos e estrangeiros' é uma descrição-padrão das pessoas que estão em situação vulnerável." Para conhecer mais leia **Compreendendo todas as Parábolas de Jesus**, CPAD, p.630.



e o que busca, encontra; e, ao que bate, se abre' (Mt 7.7,8; veja Lc 11.9,10).

"Os três imperativos em Mateus 7.7 ('pedi', 'buscai' e 'batei') são verbos que originalmente estão no presente ativo. Por conseguinte, o sentido dessa passagem é: 'Continuai pedindo, até receberdes; continuai buscando, até encontrardes; continuai batendo, até que vos seja aberta a porta'. Muito diferente da incredulidade, a importunação e a persistência demonstram a firme determinação de se alcançar um fim desejado, ao mesmo tempo que evidenciam a fé que prevalece contra todos os obstáculos" (BICKET, Zenas J.; BRANDT, Robert L. **Teologia Bíblica da Oração.** 6ª reimpressão. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p.206).

CONCLUSÃO

A interpretação dessa parábola como um ensino sobre a oração persistente tem sido a melhor interpretação ao longo da história da igreja. A viúva que, com sua insistência, constrange o juiz à intervenção, é um modelo de perseverança na fé e na oração confiante. Esperar com firmeza e fidelidade a vinda do Filho do Homem, ou seja, a consumação da nossa salvação é o melhor incentivo para a oração corajosa. No "mundo tereis aflições", disse Jesus (Jo 16.33), mas somos convocados a permanentemente invocar a Deus por socorro, pois sempre fará justiça aos que clamam a Ele. Deus sempre estará junto daqueles que perseveram na fé e na oração.

PARA REFLETIR

A respeito de "Perseverando na Fé", responda:

• O que devemos levar em conta na interpretação dessa parábola?
Devemos levar em conta o propósito que levou Jesus a contar essa parábola.

• Segundo a lição, é necessário interpretar, ao pé da letra, cada detalhe das parábolas?
Não é preciso interpretar, ao pé da letra, cada detalhe de todas as parábolas.

• Qual foi a decisão inédita tomada pela viúva da parábola?
Ela toma uma decisão inédita, pois não escolhe advogados (talvez sua condição nem o permitisse), nem defensores públicos, mas contra o costume de seu ambiente, decide apresentar, pessoalmente, a instância ao juiz.

• Qual é o elemento de contraste dessa parábola?
O juiz de nossa parábola é iníquo, injusto; Deus, a quem servimos, por outro lado, é justo. Nisto consiste o elemento de contraste dessa parábola.

• O último tópico da lição destaca três coisas que, segundo a parábola, não devem faltar na vida do cristão. Quais são elas?
Oração, perseverança e fé.

CONSULTE

Revista Ensinador Cristão - CPAD, nº 76, p.38. Você encontrará mais subsídios para enriquecer a lição. São artigos que buscam expandir certos assuntos.

Lição 5

4 de novembro de 2018

Amando e Resgatando a Pessoa Desgarrada



Texto Áureo

"Digo-vos que assim haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento."

(Lc 15.7)

Verdade Prática

Jesus é o Bom Pastor que deu a vida para resgatar suas ovelhas, as quais estavam desgarradas e distantes de Deus.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – At 20.28
Os pastores devem cuidar de si mesmos e igualmente do rebanho

Terça – Pv 27.23
É dever dos pastores conhecer o estado de suas ovelhas

Quarta – Jr 23.1-4
Uma advertência seríssima aos que exercem o pastorado

Quinta – Jo 10.11,12
A principal diferença entre o bom pastor e o mercenário

Sexta – 1 Pe 5.2-4
Zelar e defender o rebanho de Deus é dever do pastor

Sábado – Mt 2.6
O Líder Supremo que, como pastor, conduzirá o povo de Israel

LEITURA BÍBLICA EM CLASSE

Lucas 15.3-10

3 – *E ele lhes propôs esta parábola, dizendo:*

4 – *Que homem dentre vós, tendo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e não vai após a perdida até que venha a achá-la?*

5 – *E, achando-a, a põe sobre seus ombros, cheio de júbilo;*

6 – *e, chegando à sua casa, convoca os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida.*

7 – *Digo-vos que assim haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento.*

8 – *Ou qual a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma dracma, não acende a candeia, e varre a casa, e busca com diligência até a achar?*

9 – *E, achando-a, convoca as amigas e vizinhas, dizendo: Alegrai-vos comigo, porque já achei a dracma perdida.*

10 – *Assim vos digo que há alegria diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende.*

HINOS SUGERIDOS: 104, 156, 283 da Harpa Cristã

OBJETIVO GERAL

Despertar na classe o desejo de alcançar os que se afastaram da presença de Deus.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Abaixo, os objetivos específicos referem-se ao que o professor deve atingir em cada tópico. Por exemplo, o objetivo I refere-se ao tópico I com os seus respectivos subtópicos.



I **Interpretar** as parábolas da ovelha e da dracma perdidas;

II **Concitar** a classe a comprometer-se em buscar aqueles que se desgarraram;

III **Demonstrar** biblicamente que há alegria no céu por um pecador que se arrepende e o mesmo devemos sentir quando pessoas retornam à presença de Cristo.

• INTERAGINDO COM O PROFESSOR

Uma das imagens mais vívidas da parábola da ovelha perdida é a que retrata o pastor, após encontrar a ovelha, retornando ao rebanho com ela sobre seus ombros. Se você tiver condições, encontre uma imagem que retrata essa cena (na internet há várias disponíveis) e apresente-a na classe. Comente que o peso do animal, depois de uma grande distância percorrida durante um longo tempo, sua "rebeldia" em distanciar-se do redil, não são nada diante da alegria do pastor em poder reencontrá-la. Da mesma forma, e certamente com mais intensidade, age Deus em relação àqueles que se afastam da sua presença. Com essas imagens em mente, convide a classe a interceder por pessoas que estão afastadas e a desafie a ir em busca de tais irmãos e irmãs, pois com a volta deles haverá festa no céu.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

O que levou Jesus a apresentar a parábola da ovelha perdida (Lc 15.3-7), a parábola da dracma perdida (Lc 15.8-10) e a parábola do filho pródigo (Lc 15.11-32), antes de dirigir-se novamente aos discípulos no próximo capítulo (16.1-13), foi a insensata murmuração dos fariseus e dos escribas, exposta nos dois primeiros versículos de Lucas 15, mostrando o quanto eles eram ignorantes do verdadeiro propósito da missão e ministério de Cristo (Lc 5.32). Portanto, essas parábolas tratam do mesmo assunto: buscar quem se perdeu e a espera de Deus em receber o pecador de volta!

PONTO CENTRAL

O amor divino é a grande mensagem das parábolas da ovelha e da dracma.

I – INTERPRETANDO AS PARÁBOLAS DA OVELHA E DA DRACMA PERDIDAS

1. A parábola da ovelha perdida. Esta parábola, que também fora contada em outra ocasião (Mt 18.12), ilustra a busca pelo perdido. Uma ovelha perdida é um símbolo do descuidado e desatento pecador que anda sem rumo e afasta-se totalmente de Deus, inclinando-se para o pecado e prosseguindo nele sem atentar para o fim que tal vida leva (Pv 29.1; Rm 6.23). Nenhuma criatura se distrai mais facilmente que uma ovelha, nenhuma é mais incapaz de encontrar normalmente o seu caminho para casa. Nenhuma é mais indefesa à destruição por outros animais.

A ovelha que não está com as noventa e nove está perdida (v.4), por isso, o pastor sai angustiado e pronto para dar a sua vida para resgatá-la. A parábola não constrange pelo valor da ovelha, mas pelo amor evidenciado na atitude do pastor. Ao encontrar a ovelha perdida, o pastor demonstra compaixão, pois não a repreende ou censura, não a arrasta, obriga ou ordena, mas a leva nos seus ombros!

2. A parábola da dracma perdida. A parábola da dracma perdida (Lc 15.8-10) para ser mais bem compreendida precisa ser lida à luz das outras duas: a da ovelha perdida (Lc 15.3-7) e a do filho pródigo (Lc 15.11-32), uma vez que ela está entre essas duas e é relatada unicamente em Lucas. Deus é comparado com a mulher que se preocupa em procurar o que se perdeu. Muito embora a mulher tivesse ainda nove moedas, ela se empenha em procurar a que se perdera. O termo "dracma" designa

uma moeda grega que era compatível ao denário romano, valor que era equivalente a um dia de salário de um trabalhador agrícola. Assim, quando se considera que aquela mulher tinha somente dez moedas, tratava-se de uma perda significativa. Por isso, ela acende a lâmpada, varre a casa, e a procura diligentemente, fazendo uma verdadeira faxina, não deixando um só canto sem ser revistado em busca da pequena moeda que se perdeu. Quando a encontra reúne as amigas e pede que se alegrem com ela. Da mesma forma, disse Jesus, "há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende" (v.10). Quando alguém peca e se afasta de Deus, é como se quisesse se esconder do Senhor, por isso essa afirmação de Jesus. A respeito de se "esconder" de Deus, lembramos o que fizeram Adão e Eva quando desobedeceram ao Criador (Gn 3.8).

SÍNTESE DO TÓPICO I

O relato das duas parábolas evidencia o interesse, o amor e a compaixão de Deus por aqueles que se perderam.

SUBSÍDIO EXEGÉTICO

"Esta segunda parábola é paralela com a precedente. Aqui, é uma moeda de prata (*drachme*, cerca do salário de um dia para um trabalhador comum) que foi perdida, em vez de uma ovelha. Esta parábola focaliza uma mulher que mora numa casa do interior. Normalmente tais casas não têm janela; assim, tão logo perde a moeda, ela começa a procurá-la. Ela acende uma luminária e varre a casa, procurando cuidadosamente até encontrá-la. Ela fica grandemente aliviada, e, como o pastor (v.6), ela convida as amigas e vizinhas para um jantar de comemoração. A aplicação de Jesus desta parábola é semelhante à prévia [da ovelha perdida], embora desta vez 'há alegria diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende' em vez de 'alegria no céu' (v.7). Ambas as parábolas se referem à alegria de Deus quando um pecador volta a Ele" (ARRINGTON, F. L. In ARRINGTON, French L.; STRONDAD, Roger (Eds.). **Comentário Bíblico Pentecostal.** 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p.420).

II – PRECISAMOS BUSCAR QUEM SE DESGARROU

1. A vontade de Deus é que todos os homens sejam salvos. Na condição de perdidas, todas as pessoas precisam de salvação (Rm 3.23) e o Senhor está disposto a salvá-las (Jo 3.16; 1 Tm 2.4; 2 Pe 3.9). Contudo, apenas serão salvas as que aceitarem ao Senhor Jesus e reconhecerem suas condições (Jo 3.16-20; Rm 1.16; 10.9,10; Ef 2.8,9; 1 Jo 1.9). O interesse de Deus em salvar está claro desde o Antigo Testamento quando o Senhor, através do profeta Ezequiel, disse que Ele mesmo procuraria as suas ovelhas (Ez 34.12).

2. Jesus é um Pastor que está sempre em ação. Incansável em sua tarefa, Cristo, como Pastor, conduz suas ovelhas (Jo 10.4), e Ele assim o faz por conhecê-las (Jo 10.3-5). O Senhor não pastoreia apenas "praticamente", mas também guia e conduz suas ovelhas mediante o seu exemplo (Jo 13.15; 1 Pe 2.21; 1 Jo 2.6). O pastoreio de Jesus é feito com amor, pois Ele trata suas ovelhas com ternura e mansidão (Is 40.11; 1 Pe 5.2). Tal Pastor tem o reconhecimento de suas ovelhas (Jo 10.4; 1 Pe 2.25), pois dá a sua vida por elas (Jo 10.11).

3. Resgatando a ovelha desgarrada. A ovelha que acaba se desgarrando o faz pelo fato de que ainda não está firme e precisa encontrar meios para estruturar sua fé evitando que se afaste das demais (v.4). Por isso, além da intercessão, há quatro passos mínimos para se resgatar uma ovelha desgarrada:

1º) Procure pela pessoa, demonstre interesse e evite julgamentos e questionamentos sobre os motivos de seu afastamento;

2º) Comprometa-se com a responsabilidade assumida. Resgatar é muito mais trabalhoso do que converter. Esteja disposto a apoiar a pessoa, colocando-se ao seu lado em todos os momentos possíveis;

3º) Envolva a pessoa em atividades e pequenas responsabilidades com outras pessoas ou grupos, para que ela sinta o desejo de ser útil e de se envolver com as atividades da igreja.

4º) Nutrir com a boa palavra significa não julgar, mas estender as mãos em sinal de boas-vindas; significa ajudar a entender e buscar a compreensão das doutrinas e princípios da igreja, para que, aos poucos, compreenda por si próprio o que a doutrina ensina e com esta compreensão encontre razões para adquirir firmeza.

SÍNTESE DO TÓPICO II

As parábolas deixam claro o interesse divino em todas as pessoas, por isso, devemos agir da mesma maneira que Ele, indo em busca dos que se desgarraram.

SUBSÍDIO EVANGELÍSTICO

Em seu livro *A Prática do Evangelismo Pessoal*, o pastor Antonio Gilberto fala acerca do fato de que há pessoas afastadas "por toda a parte. Há os que caíram de vez, por tentação direta e laço do Diabo, e há os que esfriaram aos poucos até perderem todo o primeiro amor. Há ainda os que se desviaram por verem escândalo no meio cristão, por sofrerem injustiça ou ficaram melindrados. Outros não resistiram às zombarias, aflições e perseguições por causa da fé. Há também os problemas domésticos que tanto desvio têm consumado" (GILBERTO, Antonio. **A Prática do Evangelismo Pessoal.** 14.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p.92).

III – HÁ ALEGRIA NO CÉU QUANDO UM PECADOR SE ARREPENDE

1. Deus não analisa os motivos pelos quais alguém se perde, mas o reencontro exige arrependimento. Jesus não se preocupa em dizer o porquê de a ovelha ter se perdido. Ele não está preocupado se ela é uma ovelha "rebelde" que gostava de fugir. A primeira preocupação do pastor é encontrar a ovelha. Jesus age da mesma forma com quem se afastou do redil, da Igreja. Por isso, contou essa história, para mostrar que Ele está à procura da ovelha perdida (Lc 15.3,4,7). Na verdade, a mais simples resposta para ser encontrado por Jesus, e cuidado por Ele, se chama "arrependimento". Temos de entender que, sem arrependimento, será impossível salvar-nos e ficar firmes com Cristo (Lc 15.17,18).

2. Deus está disposto a perdoar. Não há pecado que Deus não possa perdoar se nós verdadeiramente estivermos dispostos a pedir perdão (Is 1.18). Conforme pode ser visto na parábola do filho pródigo, não há pecador arrependido que Deus não acolha em seus braços, console o coração e lhe dê paz (Lc 15.20-24). Na primeira das parábolas estudadas, lemos que Jesus diz que o pastor colocou a ovelha em seus ombros e a carregou (v.5). Provavelmente isso seja necessário porque a ovelha caminhou demais, está cansada e talvez tenha se machucado no caminho que percorreu para longe do seu pastor.

3. A alegria da salvação. Se por um lado o pecador encontra paz na salvação outorgada pelo Senhor, é também um fato de que ele torna-se uma pessoa feliz (Sl 51.12). Ao terminar de contar cada uma das duas parábolas que estudamos, Jesus disse que, da mesma forma, "há alegria diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende" (Lc 15.10). Portanto,

para que a nossa alegria seja completa precisamos da alegria do Senhor, pois ela é a nossa força (Jo 15.11; Ne 8.10).

SÍNTESE DO TÓPICO III

A alegria que a volta de alguém proporciona nas regiões celestiais, deve ser experimentada por todos aqueles que servem a Deus e que trabalham para que pessoas sejam resgatadas.

SUBSÍDIO DEVOCIONAL

"Foi a insensata murmuração dos fariseus, querendo calcar a graça de Deus aos pés, que levou Jesus a dar estas três incomparáveis parábolas. O Senhor dá o doce dos céus pelo amargo dos homens. Onde abunda o pecado, aí superabunda sua graça. Quem pode calcular o número de pessoas, através dos séculos, contentíssimos com a esperança desfrutada com este capítulo? Note-se, também, como o Senhor revela, em cada parábola, Seu ardente desejo pessoal de salvar o perdido" (BOYER, Orlando. **Espada Cortante 2**. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p.131).

CONCLUSÃO

Deus está esperando a sua volta (Lc 15.20). Ele perdoará os seus pecados, não os lançará em seu rosto. Tirará de você as vestes imundas (Is 64.6), e lhe dará novas roupas que são os dons do Espírito Santo (At 2.39). Quer voltar aos braços do Pai celeste? Aceite Jesus e terá um lugar à mesa do banquete com Ele, no céu! Grande será a alegria ali com sua volta (Lc 15.7,32). Venha sem demora!

PARA REFLETIR

A respeito de "Amando e Resgatando a Pessoa Desgarrada", responda:

- **O que a parábola da ovelha perdida ilustra?**
Esta parábola, que também fora contada em outra ocasião (Mt 18.12), ilustra a busca pelo perdido.

- **O que designa o termo "dracma"?**
O termo "dracma" designa uma moeda grega que era compatível ao denário romano, valor que era equivalente a um dia de salário de um trabalhador agrícola.

- **Na condição de perdidas, do que todas as pessoas precisam?**
Na condição de perdidas, todas as pessoas precisam de salvação (Rm 3.23) e o Senhor está disposto a salvá-las (Jo 3.16; 1 Tm 2.4; 2 Pe 3.9).

- **Cite um dos passos mínimos para se resgatar uma ovelha desgarrada.**
O aluno pode citar qualquer um dos quatro passos.

- **O que é preciso para que nossa alegria seja completa?**
Para que a nossa alegria seja completa precisamos da alegria do Senhor, pois ela é a nossa força (Jo 15.11; Ne 8.10).

CONSULTE

Revista Ensinador Cristão - CPAD, nº 76, p.38. Você encontrará mais subsídios para enriquecer a lição. São artigos que buscam expandir certos assuntos.



Lição 6

11 de novembro de 2018

Sinceridade e Arrependimento Diante de Deus

Texto Áureo

"E o que a si mesmo se exaltar será humilhado; e o que a si mesmo se humilhar será exaltado."

(Mt 23.12)

Verdade Prática

Cuidado com o orgulho e a arrogância espiritual, pois ambos são pecados perante Deus e devem ser confessados e abandonados.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Pv 16.18
A destruição é antecedida pelo orgulho, e a queda, pela altivez

Terça – Pv 29.23
A soberba é uma armadilha para os que a cultivam

Quarta – Mc 7.21-23
Na lista dos pecados, a soberba ocupa um lugar especial

Quinta – Tg 4.6
Deus também se opõe ao soberbo

Sexta – 1 Pe 5.5-7
Pedro repete o que disse Tiago, mas acrescenta uma promessa

Sábado – Rm 12.16
Não ambicionar coisas altas, mas contentar-se com as humildes

LEITURA BÍBLICA EM CLASSE

Lucas 18.9-14

9 – *E disse também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros:*

10 – *Dois homens subiram ao templo, a orar; um, fariseu, e o outro, publicano.*

11 – *O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira: Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano.*

12 – *Jejuo duas vezes na semana e dou os dízimos de tudo quanto possuo.*

13 – *O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!*

14 – *Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado.*

HINOS SUGERIDOS: 77, 88, 118 da Harpa Cristã

OBJETIVO GERAL

Ressaltar a sinceridade e o arrependimento como duas virtudes importantíssimas para o cristão.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Abaixo, os objetivos específicos referem-se ao que o professor deve atingir em cada tópico. Por exemplo, o objetivo I refere-se ao tópico I com os seus respectivos subtópicos.



I **Interpretar** a parábola do fariseu e do publicano;

II **Apontar** os males do farisaísmo e da hipocrisia;

III **Contrastar** a postura do publicano em relação à do fariseu.

• INTERAGINDO COM O PROFESSOR

Até mesmo as pessoas que não professam a fé cristã sabem do que se trata quando alguém é chamado de "fariseu". Farisaísmo é sinônimo de hipocrisia, postura altamente reprovável por Jesus durante todo o seu ministério terreno. É importante entender que Jesus não reprovava o que era certo do ensinamento dos fariseus (Mt 23.1-3), mas desabonava a conduta deles. Portanto, as boas virtudes devem ser cultivadas, pois estas também são parte da transformação operada pelo Espírito Santo em nós (Ef 2.10). Como aprenderemos nesta lição, as coisas que o fariseu dizia fazer não eram, em si mesmas, erradas, mas a motivação com que ele agia, isto sim, era algo altamente arrogante e mesquinho.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

Talvez a parábola do fariseu e do publicano seja uma das mais conhecidas. Ela mostra que a dependência humilde diante de Deus, em vez de justiça própria, é a base para a resposta de oração. Muitas pessoas acreditam que Deus deve responder suas orações com base naquilo que elas fazem para Ele. Contudo, na contramão da meritocracia religiosa, e dentro da gloriosa graça de Deus, que faz cair chuva sobre justos e injustos (Mt 5.45), a lição de hoje nos ensina que o que Deus quer é que nossas orações sejam permeadas de sinceridade e arrependimento. Quando oramos a Deus, devemos confiar em quem Ele é, e não em quem nós somos. Jesus ensina que são felizes os humildes de espírito (Mt 5.3), aqueles que reconhecem a sua real condição diante de Deus. Por isso, hoje vamos falar sobre a sinceridade e o arrependimento para com o Senhor.

PONTO CENTRAL
A sinceridade e o arrependimento vão além da religiosidade.

I – INTERPRETAÇÃO DA PARÁBOLA DO FARISEU E DO PUBLICANO

Estamos diante de uma parábola narrativa indireta simples, ou seja, uma comparação entre dois personagens opostos – o fariseu e o publicano –, colocando-os lado a lado. Depois de haver ensinado a respeito da necessidade e do poder da oração por meio da parábola do "juiz iníquo", Jesus conta essa parábola com o objetivo de ensinar a atitude correta na hora da oração. Agora somos ensinados que, além de perseverarmos na oração, é preciso cultivar uma atitude correta.

1. O fariseu. Pertencente a uma das principais seitas dos judeus, muito mais numerosa do que a dos saduceus, e de mais influência entre o povo, os fariseus insistiam no cumprimento rigoroso da Lei e das tradições dos anciãos (Mt 15.1,2). Fariseu significa "separado". Esta classe de pessoas assim era identificada porque não somente se separava dos outros povos, mas também dos outros judeus. Eles observavam as práticas de forma minuciosa, contudo, esqueciam do espírito da Lei, como se nota na forma como se lavavam antes de fazer as refeições, no lavar dos copos, jarros, os vasos de metal e as roupas de cama (Mc 7.3,4), em pagar cuidadosamente o dízimo (Mt 23.23), na observância do sábado, etc.

2. O publicano. Os publicanos, geralmente judeus, eram cobradores de impostos que trabalhavam para os

romanos. Os judeus consideravam os publicanos traidores e apóstatas, porque cobravam os impostos para a nação que os oprimia. Eles eram julgados como pessoas de vil caráter, porque alguns também acabavam extorquindo grandes quantias de dinheiro do seu próprio povo (Lc 3.12,13; 19.8). Os publicanos sempre eram classificados entre os pecadores (Mt 9.10,11), os pagãos e as meretrizes (Mt 21.31). O povo murmurava pelo fato de Jesus comer com eles (Mt 9.11; 11.19; Lc 5.29; 15.1,2). Chama a atenção o fato de Jesus ter escolhido um publicano, Mateus, para segui-lo, tornando-se apóstolo (Mt 9.9).

3. A oração. Os judeus da cidade de Jerusalém tinham o costume de fazer orações nas horas costumeiras (9 da manhã e 15 da tarde). Entretanto, mesmo fora dos horários regulares havia pessoas orando no Templo (Lc 2.37; At 22.17). Um fariseu e um publicano subiram ao Templo com o fim de orar à mesma hora. Como já foi dito, nos aspectos religioso e moral reinava no judaísmo daquela época uma grande distância entre essas duas classes do povo. O fariseu, como vimos, era tido como um homem que cumpria a Lei com rigor exemplar. O outro, publicano, era considerado uma pessoa que vivia em grandes pecados e vícios, sendo mesmo equiparado aos gentios. Essas duas figuras estão orando juntas à mesma hora no Templo. É o que informa a parábola.

SÍNTESE DO TÓPICO I

Os dois, fariseu e publicano, estavam no Templo e também orando, mas as motivações eram muito diferentes.

SUBSÍDIO HISTÓRICO-CULTURAL

"**Dois homens subiram ao templo, a orar; um, fariseu, e o outro, publicano** (10). Eles não entraram no santuário, mas em um dos átrios do templo onde eram oferecidas as orações. Este era o pátio das mulheres. Ao escolher um fariseu e um publicano para esta ilustração, Jesus escolheu dois extremos. Os fariseus eram a mais rígida, mais conservadora e mais legalista de todas as facções dos judeus. Os publicanos eram oficiais judeus do governo romano, cujo trabalho era recolher taxas para Roma. Eles eram odiados pelos judeus tanto pelas taxas recolhidas para os dominadores estrangeiros, como por serem geralmente desonestos" (CHILDERS, Charles L. **Comentário Bíblico Beacon.** Vol.6. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, pp.467,468).

CONHEÇA MAIS

*Quem Eram os Fariseus

"Os fariseus, ou *perushim*, isto é, do 'hebraico *parash*, separar, interpretar', expressão que literalmente significa 'separados ou separadores' e pode ser entendida, como 'intérpretes ou comentadores', isto é, aqueles que distinguem, separam e expõem a lei', eram judeus piedosos e, pela sua popularidade, considerados 'mentores religiosos da 'ralé'". Para conhecer mais, leia **O Sermão do Monte**, CPAD, p.100.



II – A HIPOCRISIA DO FARISEU

1. A postura do fariseu no momento da oração. Inicialmente a parábola contada por Jesus se detém no fariseu, com o objetivo de dizer como este formulava a sua oração. De acordo com uma das interpretações, o fariseu postou-se em local isolado e ali orou (Lc 18.11). O texto enfatiza a posição distinta, separada, do fariseu. Ele postou-se de maneira que chamava a atenção e atraía sobre si todos os olhares dos presentes (Mt 6.5). Ele ora como todos os devotos judeus: de pé, com os braços erguidos e a cabeça levantada. Ele agradece a Deus. Esta é a forma clássica da oração bíblica judaica: o louvor e o agradecimento a Deus. O fariseu, antes de tudo, agradece a Deus por estar isento dos vícios dos outros homens, e em seguida porque é rico em obras meritórias.

2. Uma "oração comum". Tudo indica que o tipo de oração que encontramos no texto, apesar de transparecer arrogante, não era completamente desconhecido, pois há relatos na literatura rabínica do judaísmo de que tal comportamento era comum. Alguns autores mostram exemplos de orações cujo teor é similar à do fariseu da parábola. Isso, porém, não justifica a atitude e nem a torna aceitável.

3. A oração arrogante. O fariseu diz a respeito de si mesmo o que era rigorosamente verdadeiro, mas o que o motivava a orar era completamente errado. Não existe nenhuma consciência do pecado, nem da necessidade, nem da humilde dependência de Deus. O fariseu quase que comete a loucura de "parabenizar" a Deus por ter um servo tão excelente como ele! Depois de suas primeiras palavras, não se lembra mais de Deus, mas apenas de si mesmo. O centro de sua oração é o que ele faz. A oração do fariseu inicialmente mostra quem ele é. Em seguida, ele passa a destacar as obras excedentes, ou seja, "a mais" que ele realiza. Excedia o jejum prescrito na Lei, o "Dia da Expiação", acrescentando à prática anual (Lv 16.29,31; 23.27), mais dois jejuns semanais. Excedia o dízimo normatizado pela Lei (Lv 27.30,32; Nm 18.21,24), chegando a separar o dízimo dos "temperos" ou condimentos (Mt 23.23). Ele realmente "agradece" por ser quem é, mas, não contente com isso, "agradece" também pelo que supostamente faz para Deus.

SÍNTESE DO TÓPICO II

O fariseu praticava coisas certas não por isto ser o correto, mas como forma de autojustificação.

SUBSÍDIO BIBLIOLÓGICO

"O tríplice uso da expressão 'hipócritas' [*hypokritēs*] ([utilizada por Jesus em Mateus 6] vv.2,5,16), termo grego originalmente utilizado no teatro para os atores que representavam, denota a seriedade com que são encarados os que fazem o bem com motivações escusas. É impossível não lembrar-se de Mateus 25.31-46, quando as ovelhas forem separadas dos bodes, justamente por causa das boas obras executadas. Obras que, vale ressaltar, eram praticadas sem nenhum outro interesse por parte de quem praticava a não ser o bem da pessoa necessitada. Aliás, os benfeitores estavam fazendo ao próprio Filho de Deus, mas eles sequer sabiam disso! Nada fora feito para representar, pois eles sequer sabiam que estavam sendo observados e suas obras anotadas e contabilizadas. É assim que, conforme observa Dumais, uma 'ação praticada diante do Pai 'em segredo' (vv. 4.6.18) não significa uma 'ação secreta'; designa toda ação, até pública, que se faz de verdade diante do Pai, 'que vê o que está oculto', isto é, que penetra a intenção profunda dos corações'. O feito de qualquer um, isto é, qualquer

obra, jamais será 'oculta' diante dos olhos de quem tudo vê e conhece. Inclusive as ações, não precisam ser necessariamente ocultas, escondidas, pois se não houver outra forma ou local, elas podem ser realizadas publicamente" (CARVALHO, César Moisés. **O Sermão do Monte.** 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, pp.102-03).

III – A SINCERIDADE DO PUBLICANO

1. A oração do publicano. O cobrador de impostos parece não estar à vontade no local de culto. Ele não está apto nem mesmo para assumir o comportamento normal de quem ora. Bate no peito como aquele que está numa situação de desespero, suplica com a fórmula do pecador que não sabe fazer o elenco de seus pecados (Sl 51.3). É a oração do pobre que confia totalmente em Deus. Com profunda dor ele exclama: "Deus, tem misericórdia de mim, pecador!" Nessa breve, porém, sincera e humilde oração, a ênfase recai sobre a palavra "pecador".

2. Sinceridade e arrependimento. Além de golpear o próprio peito, o publicano nem conseguia levantar os olhos. O termo grego utilizado é uma expressão forte e definida para uma contrição dolorosa e arrependida, tal como aparece em Lucas 23.48. O publicano sequer consegue formular muitas palavras. Nem mesmo fazendo promessas ele conseguiria obter quaisquer direitos. Ele tem consciência de sua condição, por isso, prostra-se em sinal de sinceridade e arrependimento. A sua condição o permite apenas render-se inteiramente às mãos de Deus. É possível notar, pelas palavras do fariseu, que todos os seres humanos eram pecadores e "apenas" ele era justo. De forma contrária, na confissão do publicano, porém, todos eram justos, "somente" ele era o pecador. Nisto também vemos a comparação entre ambos. Na verdade, estamos diante de uma oração que saía das profundezas de um coração completamente dilacerado pela dor.

3. A oração aceita. As pessoas que ouvem atentamente a narração de Jesus talvez tivessem esboçado sinais de aprovação inclinando-se para a atitude do fariseu. Porém, num dado momento, o Mestre desconcerta a todos os ouvintes com uma conclusão inesperada. O publicano, que era odiado por todos, isto é, o pecador, recebe o dom de Deus, a justiça, ou seja, o perdão e a misericórdia divina. Já o fariseu, que ostentava a justiça perante Deus como conquista pessoal, não obteve o mesmo favor. O publicano recebeu o favor divino como dom misericordioso de Deus. Esta é a verdadeira justiça, posto ser proveniente de Deus (Rm 1.17). Assim, a oração aceita é a do publicano. Ela vem permeada de sinceridade e arrependimento diante de Deus. Por isso, ele voltou para casa "justificado", ou seja, perdoado e "inocentado" dos seus pecados. O princípio por trás de toda a parábola está muito claro: aquele que se exalta, será humilhado. Ninguém possui algo de que possa se orgulhar diante de Deus. Quem se humilha, será exaltado (Lc 14.11). O pecador arrependido que humildemente busca a misericórdia de Deus, certamente, a encontrará.

SÍNTESE DO TÓPICO III

O publicano, a despeito de exercer uma atividade nada honrosa entre os judeus, foi justificado por sua sinceridade e arrependimento.

SUBSÍDIO DEVOCIONAL

"A oração que o pecador faz com humildade e arrependimento leva à conversão genuína, que, por sua vez, se evidencia pela conversão comprovada, pela reparação dos erros cometidos e a volta às atividades que honram a obra

de Deus e o glorificam. Os atos falam mais alto que as palavras. São os atos da pessoa que atestam a sinceridade da sua conversão. Se você está em falta diante de Deus, quanto maior for seu erro, tanto maior deve ser a humildade e o arrependimento demonstrados em sua oração. Você estará orando a um Deus vivo que conhece tudo que é rico em misericórdias" (SOUZA, Estevam Ângelo de. **Guia Básico de Oração**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, pp.124,125-26).

CONCLUSÃO

Na parábola que aprendemos na lição de hoje, o fariseu representa aquele tipo de pessoa que ora bastante, mas não tem uma atitude sincera. O publicano, apesar da classe a que pertence, no momento da oração representa aquele tipo de pessoa que, com sinceridade e arrependimento, se prostra diante do Pai e, por isso, encontra favor. Será que o nosso coração, naturalmente, não é sempre semelhante ao do fariseu? Vê severamente os pecados de outras pessoas, mas esquece dos próprios. O fariseu deixou o Templo da mesma maneira que entrou nele. Devemos orar como publicanos, pois todos somos pecadores. Devemos orar com sinceridade e arrependimento diante de Deus. Quem se humilhando, curva-se até ao pó, será amorosamente conduzido ao coração do Pai (Sl 51.17).

PARA REFLETIR

A respeito de "Sinceridade e Arrependimento Diante de Deus", responda:

- **O que significa dizer que estamos diante de uma "parábola narrativa indireta simples"?**

Uma comparação entre dois personagens opostos o fariseu e o publicano, colocando-os lado a lado.

- **Além de perseverarmos na oração, o que é necessário fazer?**

Além de perseverarmos na oração, é preciso cultivar uma atitude correta.

- **Qual foi, de fato, o erro do fariseu?**

Sua arrogância.

- **O que era possível notar pelas palavras do fariseu e do publicano?**

É possível notar, pelas palavras do fariseu, que todos os seres humanos eram pecadores e "apenas" ele era justo. De forma contrária, na confissão do publicano, porém, todos eram justos, "somente" ele era o pecador.

- **Qual é o princípio por trás de toda essa parábola?**

O princípio por trás de toda a parábola está muito claro: aquele que se exalta, será humilhado. Ninguém possui algo de que possa se orgulhar diante de Deus. Quem se humilha, será exaltado (Lc 14.11). O pecador arrependido que humildemente busca a misericórdia de Deus, certamente, a encontrará.

CONSULTE

Revista Ensinador Cristão - CPAD, nº 76, p.39. Você encontrará mais subsídios para enriquecer a lição. São artigos que buscam expandir certos assuntos.



Lição 7

18 de novembro de 2018

Perdoamos Porque Fomos Perdoados

Texto Áureo

"Assim vos fará também meu Pai celestial, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas."

(Mt 18.35)

Verdade Prática

Assim como Deus nos perdoa graciosamente, precisamos perdoar aqueles que nos ofendem.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Mt 18.21,22
A quantidade de vezes que se deve perdoar uma pessoa

Terça – Mc 11.25
Ao orar, lembrando que temos algo contra alguém, devemos perdoar

Quarta – Mc 11.26
Devemos perdoar, pois se não o fizermos, também não o seremos

Quinta – Cl 3.13
Devemos suportar uns aos outros e perdoarmo-nos mutuamente

Sexta – 1 Jo 1.9
Se confessarmos os nossos pecados, Ele é misericordioso e nos perdoará

Sábado – Is 55.7
O maior prazer de Deus é que o pecador se arrependa e converta-se

LEITURA BÍBLICA EM CLASSE

Mateus 18.21-35

21 – *Então, Pedro, aproximando-se dele, disse: Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdoarei? Até sete?*

22 – *Jesus lhe disse: Não te digo que até sete, mas até setenta vezes sete.*

23 – *Por isso, o Reino dos céus pode comparar-se a um certo rei que quis fazer contas com os seus servos;*

24 – *e, começando a fazer contas, foi-lhe apresentado um que lhe devia dez mil talentos.*

25 – *E, não tendo ele com que pagar, o seu senhor mandou que ele, e sua mulher, e seus filhos fossem vendidos, com tudo quanto tinha, para que a dívida se lhe pagasse.*

26 – *Então, aquele servo, prostrando-se, o reverenciava, dizendo: Senhor, sê generoso para comigo, e tudo te pagarei.*

27 – *Então, o senhor daquele servo, movido de íntima compaixão, soltou-o e perdoou-lhe a dívida.*

28 – *Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem dinheiros e, lançando mão dele, sufocava-o, dizendo: Paga-me o que me deves.*

29 – *Então, o seu companheiro, prostrando-se a seus pés, rogava-lhe, dizendo: Sê generoso para comigo, e tudo te pagarei.*

30 – *Ele, porém, não quis; antes, foi encerrá-lo na prisão, até que pagasse a dívida.*

31 – *Vendo, pois, os seus conservos o que acontecia, contristaram-se muito e foram declarar ao seu senhor tudo o que se passara.*

32 – *Então, o seu senhor, chamando-o à sua presença, disse-lhe: Servo malvado, perdoei-te toda aquela dívida, porque me suplicaste.*

33 – *Não devias tu, igualmente, ter compaixão do teu companheiro, como eu também tive misericórdia de ti?*

34 – *E, indignado, o seu senhor o entregou aos atormentadores, até que pagasse tudo o que devia.*

35 – *Assim vos fará também meu Pai celestial, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas.*

HINOS SUGERIDOS: 126, 360, 400 da Harpa Cristã

OBJETIVO GERAL

Sublinhar a importância do perdão, tendo como referência o fato de termos sido perdoados por Deus.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Abaixo, os objetivos específicos referem-se ao que o professor deve atingir em cada tópico. Por exemplo, o objetivo I refere-se ao tópico I com os seus respectivos subtópicos.



I **Interpretar** a parábola do credor incompreensivo;

II **Ilustrar** o grande favor que recebemos de Deus;

III **Sensibilizar** demonstrando o nosso compromisso em perdoar porque fomos perdoados.

• INTERAGINDO COM O PROFESSOR

O perdão, além de ser uma necessidade e uma atitude cristã, é igualmente um bálsamo para os envolvidos em algum litígio, mas, sobretudo para quem perdoa. Ensinado pelo Senhor Jesus Cristo, atualmente, até mesmo a psicologia e a psiquiatria reconhecem os benefícios do ato de perdoar. Em sua classe provavelmente haverá pessoas em uma situação em que há necessidade do perdão, seja precisando ou devendo perdoar. Quem sabe até mesmo você esteja enfrentando um problema nesse aspecto, seja para perdoar ou para pedir perdão a alguém. Aproveite o momento da aula para promover esse clima de autoavaliação, levando todos a refletir sobre a importância de perdoar, pois, afinal também fomos perdoados.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

Essa parábola é uma daquelas que trata do relacionamento entre os discípulos de Cristo, ou seja, como estes devem se comportar no âmbito do Reino. Apesar de nossas Bíblias a intitularem de a "parábola do credor incompassivo", o que ela ensina, de fato, é a forma de lidar com a ofensa e com o perdão. Ela mostra a graça e, ao mesmo tempo, a responsabilidade. Se, por um lado, Deus nos perdoa por intermédio de sua infinita graça, por outro, temos a responsabilidade de perdoar aqueles que nos ofendem. Há quem julgue ser esta uma das parábolas menos complexas entre as que foram pronunciadas por Cristo. Ela acaba sendo contada por Jesus por causa de uma pergunta de Pedro a respeito de quantas vezes devemos perdoar nosso irmão, e termina dizendo como nosso Pai celestial fará conosco, ou seja, uma vez que fomos perdoados, devemos da mesma forma perdoar todos aqueles que nos ofendem.

PONTO CENTRAL

Saber perdoar é uma das características do cristão.

I – INTERPRETANDO A PARÁBOLA DO CREDOR INCOMPREENSIVO

1. A nova vida no Reino de Deus. O capítulo 18 de Mateus traz os ensinos de Jesus sobre a conduta dos seus discípulos como membros da nova comunidade trazida à existência por intermédio do recebimento de sua mensagem, os discípulos do Reino de Deus. O Reino possui valores essencialmente diferentes daqueles que caracterizam as instituições terrenas e as organizações desse mundo. Lembre-se de que nesse reino os humildes são os verdadeiramente grandes (Mt 18.1-4). No Reino de Deus, o "inferior" e mais "apagado" súdito leal ao seu Rei possui valor imensurável. A suprema ofensa na comunidade do Reino é quando os mais fortes e dominadores tornam a caminhada de fé dos irmãos mais fracos e mais sensíveis, difícil (Mt 18.6,7). De igual modo, mostrar desprezo pelos irmãos em Cristo é algo inaceitável (18.10). Com o objetivo de solidificar ainda mais o ensino desse Reino, Jesus fala sobre o perdão, e Pedro, admirado, faz a pergunta e o Senhor então conta a parábola (vv.15-35). Ao longo da história da igreja, os intérpretes não alegorizaram tanto esta parábola quanto o fizeram com as outras. A mensagem que a parábola quer transmitir é unicamente o perdão de Deus e a obrigatoriedade que os

homens têm em perdoar em função de Deus já tê-los perdoado. Para finalizar, ela adverte a respeito do juízo divino sobre aqueles que se negam a fazê-lo.

2. Perdão ilimitado. Pedro parece ter se incomodado a respeito do que Jesus havia ensinado acerca do perdão no âmbito do Reino (18.15-20). A pergunta do apóstolo parece simples, mas traz um pano de fundo judaico. Pedro quer saber quantas vezes deve perdoar o irmão ofensor. Talvez tenha se sentido generoso ao sugerir: "Até sete?" (v.21). Na tradição rabínica, não se exigia que alguém perdoasse mais do que três vezes. A resposta do Mestre certamente perturbou a Pedro. Porém, é preciso lembrar-se de que Jesus está se valendo de uma hipérbole, ou seja, não devemos entender tal "número" num sentido matemático preciso. Jesus ensina a perdoar quantas vezes forem necessárias, mas isso também deve ser feito de coração, isto é, devemos perdoar com liberalidade e sinceridade.

3. Uma dívida impagável. Os servos de um rei eram oficiais de alta posição a serviço do imperador. Alguns deles, muitas vezes, em determinadas ocasiões emprestavam grandes somas de dinheiro do tesouro imperial. Nesta parábola, a quantia mencionada por Jesus é, mais uma vez, deliberadamente dada com exagero. É uma hipérbole que visa tornar mais nítido o contraste com a segunda dívida – "cem dinheiros". É difícil achar um equivalente no sistema monetário moderno, mas o *Comentário Bíblico Beacon* compara um talento com cerca de "mil dólares americanos", sendo que "dez mil talentos" (v.24), segundo o mesmo comentário, equivalem ao valor de "dez milhões de dólares". Trata-se de uma dívida impagável. O que Cristo quer ensinar é a completa falta de esperança de pagarmos o incomensurável débito que geramos por causa dos nossos pecados, até que eles fossem perdoados gratuitamente por Deus, por intermédio da morte do Filho de Deus na cruz do Calvário (Cl 4.13,14).

4. A recusa em perdoar. Ao voltar-se para o segundo quadro da parábola, Jesus diz que um homem, conservo com aquele cujo débito era impagável, devia "cem dinheiros" ao servo cuja dívida exorbitante junto ao rei fora perdoada (v.27). "Cem dinheiros" ou "cem denários" era uma moeda romana. Mais uma vez o *Comentário Bíblico Beacon* faz uma atualização dizendo que o valor equivalia a cerca de "vinte dólares americanos", ou seja, "uma soma insignificante comparada àquela que o oficial da corte devia ao rei". Contudo, aquele que teve sua dívida perdoada agora resolve ser absolutamente incompreensivo. Recusa-se a dar um prazo para que o homem pudesse quitar a dívida e ainda mandou que o seu servo fosse lançado na prisão (vv.28-30). Os demais servos, ao sentirem-se revoltados pela atitude injusta do credor incompreensivo, levaram o assunto até o conhecimento do rei (v.31). O credor acaba então recebendo o castigo que merece (vv.32-34). Jesus termina com a advertência de que Deus fará o mesmo quando não perdoarmos cada um de nossos irmãos que nos ofendem (v.35).

SÍNTESE DO TÓPICO I

Os detalhes da parábola não são tão importantes quanto sua grandiosa mensagem.

SUBSÍDIO EXEGÉTICO

"A chamada de Jesus ao perdão imediato é a ocasião para esta parábola. Mateus une fortemente as duas passagens com as palavras 'por isso' (*dia touto*, tra-

dução literal). Jesus começa dando um exemplo de perdão extravagante. O fato de um servo (provavelmente ministro da corte) dever dez mil talentos é incrível; Jesus exagera a soma astronômica para causar efeito. Um talento era alta denominação de dinheiro, equivalente de seis a dez mil dinheiros ou denários (um denário era o salário mínimo de um operário pelo trabalho de um dia). Em termos do dinheiro de hoje, seria uma dívida na casa dos bilhões de dólares. O servo nunca viveria o suficiente para acumular ou fraudar tal quantia. É situação tão desesperadora, que ele e sua família terão de ser vendidos como escravos (v.25), mas até isso apenas faria cócegas na importância devida. Responder como o homem pagaria está além da função da parábola" (SHELTON, James B. In ARRINGTON, French L.; STRONDAD, Roger (Eds.). **Comentário Bíblico Pentecostal.** 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p.108).

II – EM CRISTO, DEUS PAGOU AS NOSSAS DÍVIDAS

1. Nossa dívida impagável. A Palavra de Deus deixa claro que o salário do pecado é a morte (Rm 6.23) e, do mesmo modo, ela ensina que todos somos pecadores (Rm 3.23). É bom lembrarmos que até mesmo nós, os que servimos a Cristo, outrora éramos mortos em delitos e pecados (Ef 2.1). É justamente por causa de nossos delitos e pecados que contraímos uma dívida impagável. Assim como aquele servo que devia dez mil talentos, nós não poderíamos pagar nossa dívida para com Deus. Essa dívida exigia um sacrifício de sangue, pois sem derramamento de sangue não há remissão de pecados (Hb 9.22). A única forma de pagarmos nossa dívida seria com o derramamento de sangue e, isso, exigiria a nossa própria vida. Portanto, nossa dívida para com Deus é impagável.

2. Deus pagou as nossas dívidas. O próprio Deus, que poderia ser o nosso credor eterno, providenciou uma forma para que pudéssemos "pagar" a nossa dívida. Ele enviou seu Filho na plenitude dos tempos (Gl 4.4), para que todo aquele que confessar o Nome do unigênito Filho de Deus não pereça, não morra, ou seja, não tenha de receber a justa retribuição pela imensa dívida do pecado (Gl 4.5). Ao morrer em nosso lugar na cruz do calvário, Cristo verteu o sangue necessário para a remissão de nossos pecados. Ali na cruz "havendo riscado a cédula que era contra nós", Deus em Cristo pagou as nossas dívidas.

3. Nada pode nos condenar. Porque Deus, em Cristo, pagou as nossas dívidas, estamos livres da condenação do pecado. É a Bíblia que nos assegura que "nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito" (Rm 8.1). No versículo seguinte, Paulo explica que, em Cristo Jesus, o Espírito de vida, "me livrou da lei do pecado e da morte". Assim, porque a misericórdia é uma marca do ensino e do ministério do Senhor Jesus, podemos dizer que agora somos livres da condenação por tal grande misericórdia de Deus (Lm 3.22,23).

SÍNTESE DO TÓPICO II

O perdão proporcionado por Deus, em Jesus, jamais poderia ser pago pela humanidade.

III – UMA VEZ PERDOADOS, AGORA PERDOAMOS

1. Não endureça o coração. Se a misericórdia é uma marca do ministério de Cristo, deve ser também uma marca de seus seguidores. Por isso, no Sermão do Monte, a misericórdia é apontada como uma das características

> O Reino de Deus não pode estar presente na vida da Igreja quando o mal não é combatido.

dos discípulos do Reino (Mt 5.7). Assim, não podemos endurecer o coração para com aqueles que nos devem, uma vez que Jesus jamais agiu dessa maneira. Antes, devemos tomar cuidado, pois a ênfase no juízo será proporcional à ênfase na misericórdia (Tg 2.13).

2. Devemos agir com misericórdia. O Reino de Deus não pode estar presente na vida da Igreja quando o mal não é combatido (Ef 5.11). A parábola, precedida pela pergunta de Pedro, ressalta a importância do exercício do perdão. Se Deus nos perdoou quando ainda éramos pecadores (Rm 5.8), não temos motivo algum para deixar de perdoar aqueles que nos ofendem. A misericórdia deve ser uma constante em nossas vidas. Devemos agir com todos de forma misericordiosa, fazendo com que isso predomine em nosso caráter como novas criaturas (2 Co 5.17).

3. Devemos dar o presente que recebemos. Sabemos que todos os autênticos discípulos de Cristo receberam abundante perdão, graça e infinita misericórdia. E isso é um dom de Deus (Ef 2.4-8). É um presente do Pai para nós, que merecíamos a morte. Da mesma forma que recebemos tudo isso como presente de Deus, devemos presentear as pessoas com misericórdia e perdão (1 Jo 3.16).

SÍNTESE DO TÓPICO III

O parâmetro para perdoarmos, é justamente o fato de que Deus perdoou-nos sem que pudéssemos pagá-lo.

SUBSÍDIO TEOLÓGICO

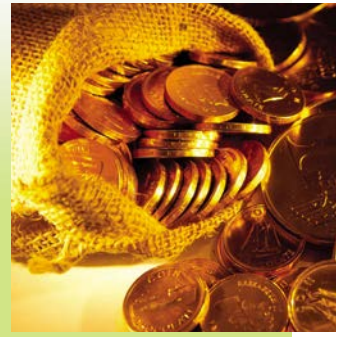
"Jesus de Nazaré, argumenta Hannah Arendt, foi 'o descobridor do papel do perdão no reino dos assuntos humanos'. Pode ser muito afirmar que Jesus descobriu o papel do perdão social, visto que os profetas e sábios antes dEle também estavam cientes deste fenômeno, mas Ele claramente transformou o seu significado e significação de um modo que causou um efeito profundo na história humana.

"Se examinarmos os livros do Novo Testamento em ordem aproxi-

CONHEÇA MAIS

*O Valor de Um Talento

"Um 'talento' é uma medida de peso em ouro, prata ou cobre. Ele variava, mas oscilava entre 27 e 41 Kg. Dez mil talentos não seriam menos do que 270 toneladas de metal. Dependendo do tipo de metal utilizado, um talento era equivalente a cerca de 6.000 denários e, à base de um denário por dia (cf. Mt 20.2), um trabalhador precisaria de 164.000 anos para quitar a dívida!" Para conhecer mais, leia **Compreendendo todas as Parábolas de Jesus**, CPAD, p.112.



madamente cronológica, mais uma vez identificaremos uma trajetória que nos leva a pensar no perdão de um modo que transcende as metáforas puramente legais ou financeiras. Marcos, o mais antigo dos Evangelhos, claramente liga a chegada de Jesus com a previsão dos profetas hebreus referente à promessa de perdão e à vinda do Messias. Diferente das introduções mais longas dos outros Evangelhos, Marcos cita os profetas e em seguida declara que João Batista 'apareceu' e proclamou um batismo de arrependimento para (ou em voltado para) o perdão dos pecados (Mc 1.4)" (SANDAGE, Steve J.; SHULTS, F. Leron. **Faces do Perdão**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, pp.137-38).

CONCLUSÃO

A parábola que estudamos, nesta lição, evita qualquer abuso ou presunção da graça que recebemos de Deus. Alguns, às vezes, querem apresentar um tipo de "graça" que não precisa ser levada muito a sério. Contudo, a Bíblia ensina a respeito de uma graça que é transformadora. Se você foi transformado por essa graça, conseguirá perdoar assim como foi e é perdoado por Deus, em Cristo Jesus.

PARA REFLETIR

A respeito de "Perdoamos Porque Fomos Perdoados", responda:

- **Quem são os "grandes" no Reino de Deus?**
Os humildes são os verdadeiramente grandes (Mt 18.1-4).

- **Qual é a mensagem que a parábola quer transmitir?**
A mensagem que a parábola quer transmitir é unicamente o perdão de Deus e a obrigatoriedade que os homens têm em perdoar em função de Deus tê-los perdoado.

- **O que Jesus queria ensinar ao dizer o valor da dívida do servo do rei?**
O que Cristo quer ensinar é a completa falta de esperança de pagarmos o incomensurável débito que geramos por causa dos nossos pecados, até que eles fossem perdoados gratuitamente por Deus, por intermédio da morte do Filho de Deus na cruz do Calvário (Cl 4.13,14).

- **Qual era a única forma de "pagarmos" a nossa dívida diante de Deus?**
A única forma de pagarmos nossa dívida seria com o derramamento de sangue e, isso, exigiria a nossa própria vida. Portanto, nossa dívida para com Deus é impagável.

- **Você já precisou perdoar alguém ou ser perdoado? Como se sentiu após fazê-lo?**
Resposta pessoal.

CONSULTE

Revista Ensinador Cristão - CPAD, nº 76, p.39. Você encontrará mais subsídios para enriquecer a lição. São artigos que buscam expandir certos assuntos.

Lição 8

25 de novembro de 2018

Encontrando o Nosso Próximo



Texto Áureo

"E que amá-lo de todo o coração, e de todo o entendimento, e de toda a alma, e de todas as forças e amar o próximo como a si mesmo é mais do que todos os holocaustos e sacrifícios."

(Mc 12.33)

Verdade Prática

Amar ao próximo inclui amar até mesmo aqueles que nos aborrecem, pois encontramos em Deus o maior exemplo de que tal amor é possível.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Lv 19.18
Amar ao próximo – Um mandamento antigo

Terça – Mt 5.43,44
Orar pelos inimigos e também por aqueles que nos perseguem

Quarta – Rm 13.8
Quem ama ao próximo cumpriu a Lei

Quinta – 1 Jo 3.16
O grande desafio de evidenciar que realmente amamos

Sexta – 1 Jo 3.11
A grande mensagem de Jesus desde o começo

Sábado – Tg 2.8
A evidência de que se está agindo corretamente

LEITURA BÍBLICA EM CLASSE

Lucas 10.25-37

25 – *E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna?*

26 – *E ele lhe disse: Que está escrito na lei? Como lês?*

27 – *E, respondendo ele, disse: Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento e ao teu próximo como a ti mesmo.*

28 – *E disse-lhe: Respondeste bem; faze isso e viverás.*

29 – *Ele, porém, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo?*

30 – *E, respondendo Jesus, disse: Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram e, espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto.*

31 – *E, ocasionalmente, descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo.*

32 – *E, de igual modo, também um levita, chegando àquele lugar e vendo-o, passou de largo.*

33 – *Mas um samaritano que ia de viagem chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão.*

34 – *E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, aplicando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem e cuidou dele;*

35 – *E, partindo ao outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro, e disse-lhe: Cuida dele, e tudo o que de mais gastares eu to pagarei, quando voltar.*

36 – *Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?*

37 – *E ele disse: O que usou de misericórdia para com ele. Disse, pois, Jesus: Vai e faze da mesma maneira.*

HINOS SUGERIDOS: 4, 8, 151 da Harpa Cristã

OBJETIVO GERAL

Traduzir os ensinamentos apreendidos nesta aula em prática na realidade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Abaixo, os objetivos específicos referem-se ao que o professor deve atingir em cada tópico. Por exemplo, o objetivo I refere-se ao tópico I com os seus respectivos subtópicos.



I. **Interpretar** a parábola do bom samaritano;

II. **Reafirmar** que a compaixão e a caridade são intrínsecas à fé salvadora;

III. **Conscientizar** de que o nosso próximo é qualquer pessoa necessitada.

• INTERAGINDO COM O PROFESSOR

A lição de hoje trata-se de um desafio ao individualismo prevalente no mundo. Ao contar a parábola do bom samaritano Jesus ensina que ajudar o próximo está acima de diferenças étnicas e religiosas. O doutor da Lei que interpela o Mestre querendo saber o que deveria ser feito para se herdar a vida eterna, acaba descobrindo que suas boas ações dirigidas apenas ao seu restrito círculo de convivência, fosse este de parentes ou de amigos, não eram vistas como ajudas autênticas, mas apenas atitudes de trocas. Se você só ajuda quem é parente ou amigo, sendo estes pessoas que podem retribuí-lo, na verdade o faz apenas por saber que um dia poderá ser recompensado. O Mestre, contudo, ensina que o próximo é toda e qualquer pessoa que esteja necessitando de nossa ajuda.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

Em diversos momentos, Cristo aplicou-se a fazer com que as pessoas compreendessem que seu Reino não era deste mundo (Jo 18.36), ou seja, que as lógicas, o modo de pensar e de agir deste mundo não se coadunam com o Reino celestial. A conhecida parábola do "bom samaritano", sem sombra de dúvidas, é um destes momentos preciosos, no qual o Mestre serviu-se deste método didático para trazer aos seus discípulos, e a todos quanto o ouviam e, por extensão, a nós, um novo conceito sobre "quem" é o nosso próximo e como devemos proceder em relação a ele.

PONTO CENTRAL

Ajudar o próximo é uma das grandes prioridades do cristão.

I – INTERPRETAÇÃO DA PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

1. Uma parábola com diversas interpretações. A parábola do bom samaritano, ao longo da história, tem sido alvo das mais diversas interpretações. Muitas e conhecidas são as exposições sobre esta parábola, inclusive algumas famosas e realizadas por grandes vultos da história cristã, que procuravam ver, por exemplo, nesta narrativa uma representação da caminhada humana ao sair do Éden (Jerusalém), e tomar o caminho do mundo (Jericó). Muitas destas interpretações servem-se do método alegórico para atribuir ao texto alguns objetivos que ele não tem.

2. Pondo Jesus à prova ou "tentando-o". O Mestre conta essa parábola porque um doutor da Lei, bem-sucedido, procura-o para "pô-lo à prova" (ARA) ou "tentá-lo" (ARC), conforme consta no versículo 25. O termo grego utilizado oferece a ideia de colocar à prova o "caráter" de Cristo. Isso mostra que aquele homem, de maneira ardilosa, busca colocar o Mestre dos mestres em situação difícil e, quem sabe imaginando receber algum elogio, o interroga dizendo: "Mestre, que farei para herdar a vida eterna?" (v.25).

3. "Como lês?" Jesus, como é de costume, "responde" com outra pergunta (v.26). Ao perguntar sobre o conteúdo do mandamento, Jesus não questiona

aquele doutor para ver se ele o conhecia, isto é, sua pergunta demonstra interesse na forma particular de interpretação do mandamento por parte daquele homem. Jesus quer saber como o doutor lê, como o interpreta e de que forma olha para o mandamento. O homem não compreendendo limita-se a responder recitando o mandamento tal como está escrito (v.27). Percebendo Jesus que o homem conhecia muito bem o texto a ponto de recitá-lo, o Mestre então o chama à prática (v.28). Para Jesus não bastava que aquele doutor soubesse o conteúdo do mandamento, antes, ao Mestre importava que o homem soubesse interpretar corretamente e, muito mais importante, colocar o mandamento em ação em sua vida. Por isso, o Senhor Jesus diz: "faze isso e viverás" (v.28).

4. Questão principal. Não satisfeito, o doutor da Lei quer saber de Jesus "quem" seria o seu próximo (v.29). Pode ser que ele até tenha imaginado que Jesus revelaria o nome de um ente querido ou um amigo muito amado. Quem sabe imaginou que Jesus diria que o próximo é apenas quem nos faz bem. É neste contexto então que a Parábola é contada pelo Senhor. Jesus, ao contar a parábola, deixa claro que as tradições e a religiosidade não podem ensinar-nos acerca de quem é o nosso próximo. O homem que desceu de Jerusalém para Jericó estava caído e ferido (v.30), porém, o sacerdote não o viu como seu próximo e o levita também não (vv.31,32), mas o samaritano, surpreendentemente, assim o enxergou (v.33). Surpreendentemente porque jamais um judeu praticante da Lei, como aquele doutor, enxergaria nos "impuros" e "mestiços" samaritanos, alguém próximo seu. Jesus, no entanto, assim o vê e quer que aquele doutor da Lei veja também.

SÍNTESE DO TÓPICO I

A parábola do bom samaritano é uma mensagem claríssima a respeito de nossa responsabilidade em relação ao próximo.

SUBSÍDIO EXEGÉTICO

"Jesus poderia ter enfatizado ao doutor da lei que a vida eterna é um dom de Deus, mas ele não tenta corrigir o pensamento do doutor da lei. Ele sonda a compreensão que este perito tinha da lei, perguntando: 'Que está escrito na lei? Como lês?' Sabendo que o homem era perito na lei de Moisés, Jesus pergunta como ele entende as Escrituras. O doutor da lei responde unindo os mandamentos de amar Deus de todo o nosso ser (Dt 6.5) e amar o próximo como a nós mesmos (Lv 19.18). Jesus concorda com a análise, mas o doutor da lei avança e se concentra na questão do 'próximo' (*plesion*). Os judeus limitavam o significado do termo próximo aos integrantes da própria nação, exceto os samaritanos e estrangeiros ([...]). Jesus redefine a palavra, ampliando seu significado. O amor do próximo cresce por amor a Deus e deve ser igual ao nosso amor por nós mesmos" (ARRINGTON, F. L. In ARRINGTON, French L.; STRONDAD, Roger (Eds.). **Comentário Bíblico Pentecostal.** 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, pp.387-88).

II – COMPAIXÃO E CARIDADE SÃO INTRÍNSECAS À FÉ SALVADORA

1. Compaixão. A parábola, como um todo, é marcante, mas um momento indispensável em qualquer reflexão sobre ela está no versículo 33, quando o Mestre diz que o samaritano "chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão". A "compaixão" aqui se refere

a um sentimento intenso que causa tanto incômodo a ponto de alterar não apenas a consciência, ou o pensamento, mas também o aspecto físico, pois o texto diz que o samaritano "moveu-se".

2. Cuidado. O versículo 34 diz que o samaritano "aproximando-se, atou-lhe as feridas, aplicando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem e cuidou dele". Essa ação toca no aspecto da prática do amor, isto é, o cuidado, contida no mandamento, pois este ordena: "Amarás ao Senhor, teu Deus [...] e ao teu próximo como a ti mesmo" (v.27 cf. Lv 19.18). O amor de que trata o mandamento, não é retórico e muito menos *platônico*, isto é, existindo apenas no *mundo das ideias*. Deus nos mostra e exemplifica o amor verdadeiro no texto de João 3.16 quando diz que "amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna". A expressão grega para dizer que Deus amou, neste texto, foi *agapao*, que se refere ao amor prático, um amor que se comove, um amor que se enche de íntima compaixão. Ensina-nos que não basta dizermos que amamos, e nem mesmo apenas amarmos, há que se avançar para o segundo estágio que é a prática do cuidado (1 Jo 3.16-18). Não há demonstração de cuidado sem prática, assim como não há amor sem compaixão.

3. Caridade. O samaritano da parábola não apenas aproxima-se do homem que está ferido à beira do caminho e nem somente se compadece dele, mas decide curá-lo, dar-lhe atendimento de emergência e conduzi-lo a uma estalagem (v.34). Já na estalagem, o samaritano recomenda ao hospedeiro que cuide do homem, pois ele prosseguiria sua viagem e, quando voltasse, pagaria qualquer despesa que tivesse sido gerada (v.35). Tais atitudes são uma clara demonstração de amor, ou seja, o amor do samaritano ao próximo foi expresso em atitudes e ações, ao ponto de se comprometer até mesmo com os gastos que seriam gerados com a hospedagem do homem ferido. Para Cristo, só existe realmente caridade se houver demonstração de amor, pois no texto de João 3.16 não diz apenas que Deus "amou", mas também que Ele "deu" o seu Filho. A evidência de que Deus ama é demonstrada pela sua compaixão pelo mundo perdido. Deus se compadece e mostra isso na prática (Rm 9.16).

SÍNTESE DO TÓPICO II

Compaixão, cuidado e amor, para os discípulos de Cristo, não podem ser apenas palavras bonitas, mas atitudes concretas.

III – O NOSSO PRÓXIMO É QUALQUER PESSOA NECESSITADA

1. O "próximo". Na Parábola, quem se fez "próximo" do homem ferido foi uma pessoa que o doutor da Lei teria como completamente indigna de receber sua atenção e cuidados, visto que judeus e samaritanos nutriam recíproco sentimento de desprezo e quase ódio. Não havia para aquele doutor exemplo mais doloroso para Cristo utilizar-se. Isso fica demonstrado quando, ao final da narrativa, Jesus pergunta ao doutor da Lei qual dos três havia sido o "próximo" do homem que foi espancado pelos salteadores (v.36) e este se limita a responder: "O que usou de misericórdia para com ele" (v.37). Ou seja, ele sequer diz que foi o "samaritano". Mesmo assim, a palavra de Jesus, visando responder a pergunta inicial (v.25), foi que o doutor da Lei fizesse o mesmo. Da mesma forma devemos colocar em prática o amor que afirmamos ter a Deus

sobre todas as coisas, e ao nosso próximo, pois só assim fazendo estaremos aptos à vida eterna. Infelizmente, nos tempos de Jesus a hipocrisia humana, que faz com que homens conhecedores não sejam praticantes do próprio conhecimento, já estava bem presente na sociedade judaica. Por isso, Jesus teve diversos embates com os doutores da Lei (Mt 23.1-36).

2. Ajudar ao próximo não salva, mas é algo que deve ser feito por quem é salvo. Nesta parábola, Jesus não quer afirmar que o samaritano pudesse alcançar a salvação por causa de sua beneficência e de sua atitude amorosa. Jesus apenas está respondendo à pergunta formulada pelo professor da Lei. É importante salientarmos que fazer obras de caridade não leva ninguém à salvação (Ef 2.8,9). Contudo, os verdadeiros filhos de Deus são "feitos" para as boas obras, isto é, as realizam naturalmente (Ef 2.10; Tg 2.14,17). Assim, Cristo mostra ao mestre da Lei que uma pessoa sincera soluciona facilmente essa questão que, aos olhos daquele homem, parecia tão complexa.

3. A medida do amor para com o necessitado. A medida do amor para com o próximo não deve ser estabelecida com base nas diferenças de nacionalidade, de confissão religiosa ou do grupo social, mas unicamente com base na necessidade do outro. O próximo que se encontra em uma situação de emergência e precisa que algo seja realizado por ele naquele momento, não pode esperar qualquer análise ou palavra "motivacional" (Tg 2.14-16). Por isso, estamos falando em ações concretas, ajudas materiais, assim como na parábola contada por Jesus.

4. Sendo o próximo. O doutor da Lei havia perguntado quem era o próximo dele (v.29). Na resposta de Jesus, a pergunta é inversa, ou seja, de quem eu posso, ou devo, ser o próximo? (v.36). A questão colocada pelo doutor da Lei não continha nenhum interesse ou compromisso em ajudar de verdade. Já a indagação de Jesus forçava-o a pensar acerca dessa obrigação. De acordo com o ensinamento de Jesus, o que fica claro é que o "próximo" trata-se de qualquer pessoa que se aproxima de outras com amor verdadeiro e generoso sem levar em conta as diferenças religiosas, culturais e sociais. Jesus retoma a pergunta inicial e conclui dando uma resposta inesperada, pois o caminho proposto por Ele é pautado no amor, com demonstrações práticas, para com todos os homens (Lc 10.37). O coração cheio de amor fala e age de acordo com a consideração do Mestre, perguntando sempre de quem eu posso ser o próximo, ou seja, a quem devo socorrer.

SÍNTESE DO TÓPICO III

A dúvida a respeito de quem é o próximo pode ser facilmente respondida, pois trata-se de qualquer pessoa que esteja precisando de nossa ajuda.

SUBSÍDIO DIDÁTICO

Conforme estamos aprendendo, auxiliar as pessoas necessitadas é também parte da missão da Igreja de Jesus Cristo. Proponha aos alunos a visita a uma instituição de assistência social (orfanato, asilo, abrigo, etc.) e instrua-os acerca do compromisso que temos, não apenas coletivo, mas também individual, de agir de forma solidária para com o nosso próximo. Tal visita pode ser feita em áreas carentes da cidade ou mesmo no centro das grandes cidades onde se abrigam, embaixo das marquises, uma grande quantidade de moradores de rua, inclusive, idosos e crianças. Há muito por

fazer e seria interessante que não ficássemos apenas com a reflexão em sala de aula, mas saíssemos das "quatro paredes" da Escola Dominical transformando em prática àquilo que estamos aprendendo bíblica e teologicamente em sala.

CONCLUSÃO

A parábola estudada na lição de hoje foi uma "história-exemplo", pois se trata de um mandamento de amar e exercitar a misericórdia para com o próximo. Aqui aprendemos que o amor não aceita limites na definição de quem é o próximo. Enquanto todas as sociedades e seus segmentos sociais acabam levantando barreiras para separá-las das demais pessoas, os discípulos de Cristo devem olhar para os seres humanos com igualdade, pois o próprio Deus não faz acepção de pessoas (At 10.34).

PARA REFLETIR

A respeito de "Encontrando o Nosso Próximo", responda:

• Por que Jesus conta a Parábola do Bom Samaritano?
O Mestre conta essa parábola porque um doutor da Lei, bem-sucedido, procura-o para "pô-lo à prova" (ARA) ou "tentá-lo" (ARC), conforme consta no versículo 25.

• Qual era o interesse de Jesus em perguntar ao homem como estava escrito ou como se lia?
Ao perguntar sobre o conteúdo do mandamento, Jesus não questiona aquele doutor para ver se ele o conhecia, isto é, sua pergunta demonstra interesse na forma particular de interpretação do mandamento por parte daquele homem. Jesus quer saber como o doutor lê, como o interpreta e de que forma olha para o mandamento.

• Para Jesus, qual é a prova de que realmente a pessoa está praticando a caridade?
Para Cristo, só existe realmente caridade se houver demonstração de amor, pois no texto de João 3.16 não diz apenas que Deus "amou", mas também que Ele "deu" o seu Filho.

• Se as boas obras não salvam, por que devemos praticá-las?
Os verdadeiros filhos de Deus, são "feitos" para as boas obras, isto é, as realizam naturalmente (Ef 2.10; Tg 2.14,17).

• De acordo com o ensinamento de Jesus, quem é o "próximo"?
De acordo com o ensinamento de Jesus, o que fica claro, é que o "próximo" trata-se de qualquer pessoa que se aproxima de outras com amor verdadeiro e generoso sem levar em conta as diferenças religiosas, culturais e sociais.

CONSULTE

Revista Ensinador Cristão - CPAD, nº 76, p.40. Você encontrará mais subsídios para enriquecer a lição. São artigos que buscam expandir certos assuntos.



Lição 9

2 de dezembro de 2018

O Perigo da Indiferença Espiritual

Texto Áureo

"Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando."

(Jo 15.14)

Verdade Prática

As palavras dos filhos de Deus devem condizer com aquilo que eles praticam.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Dt 5.29
Deus anela que haja disposição em nós para obedecê-lo

Terça – 1 Sm 15.22
Deus preza mais a nossa obediência do que os sacrifícios

Quarta – Jo 14.15
O amor ao Senhor Jesus é demonstrado pela obediência

Quinta – At 5.29
A obediência ao Senhor tem prioridade sobre a obediência civil

Sexta – Tg 1.22
A prova da obediência está na prática e não nas palavras

Sábado – Hb 5.8
Jesus deu-nos o exemplo sendo obediente ao Pai

LEITURA BÍBLICA EM CLASSE

Mateus 21.28-32

28 – *Mas que vos parece? Um homem tinha dois filhos e, dirigindo-se ao primeiro, disse: Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha.*

29 – *Ele, porém, respondendo, disse: Não quero. Mas, depois, arrependendo-se, foi.*

30 – *E, dirigindo-se ao segundo, falou-lhe de igual modo; e, respondendo ele, disse: Eu vou, senhor; e não foi.*

31 – *Qual dos dois fez a vontade do pai? Disseram-lhe eles: O primeiro. Disse-lhes Jesus: Em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes entram adiante de vós no Reino de Deus.*

32 – *Porque João veio a vós no caminho de justiça, e não o crestes, mas os publicanos e as meretrizes o creram; vós, porém, vendo isso, nem depois vos arrependestes para o crer.*

HINOS SUGERIDOS: 198, 196, 465 da Harpa Cristã

OBJETIVO GERAL

Destacar a importância da obediência e alertar para os perigos da indiferença espiritual.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Abaixo, os objetivos específicos referem-se ao que o professor deve atingir em cada tópico. Por exemplo, o objetivo I refere-se ao tópico I com os seus respectivos subtópicos.



I **Interpretar** a parábola dos dois filhos;

II **Alertar** para os perigos de a prática não ser condizente com o discurso;

III **Incentivar** a prática da obediência.

• INTERAGINDO COM O PROFESSOR

A inconsistência entre o que se diz e o que se faz é um problema tão sério que afeta até mesmo a educação familiar. Nossos filhos observam muito mais o que fazemos do que aquilo que dizemos. Não raro, pais são surpreendidos com observações feitas pelos filhos acerca de práticas que eles sequer imaginavam que estavam sendo observadas. A parábola que será estudada hoje mostra o valor da prática da obediência e deixa claro que a resposta, mesmo elegante e educada, se não corresponder às ações, de nada serve. O que fica bastante claro nesta narrativa é o fato de que mais importante que a pronta resposta de aceitação do pedido do pai, é a obediência demonstrada nas ações, algo que aconteceu com a atitude do primeiro filho que, mesmo tendo respondido de forma negativa, foi quem de fato obedeceu. Qual tem sido a nossa postura diante das ordens do Senhor? Eis uma boa oportunidade para refletir.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

Na lição de hoje estudaremos uma parábola conhecida como a "parábola dos dois filhos" (Mt 21.28-32). Uma das curiosidades desta parábola é que ela ocorre apenas em Mateus. Ela ensina grandes lições e retrata o perigo da indiferença espiritual e a necessidade de obedecer a vontade de Deus a fim de que possamos ser participantes do Reino. Conforme aprenderemos, quando se fala de obediência ao Senhor, não bastam apenas palavras, pois o que realmente conta é se realmente praticamos aquilo que professamos.

PONTO CENTRAL

A obediência, conforme ensina a Bíblia, é a melhor forma de adorarmos a Deus.

I – INTERPRETANDO A PARÁBOLA DOS DOIS FILHOS

1. O contexto da parábola. A parábola traz à cena um proprietário em busca de trabalhadores para a sua vinha que, desta vez, na narrativa, são seus próprios filhos (v.28). Essa pequena porção bíblica que cabe em poucos versículos, se não for devidamente estudada, pode passar despercebida das pessoas "escondendo" o quanto há de trabalho a ser realizado, sua duração ou sua retribuição, concentrando-se na reação contrastante dos dois filhos ao pedido do pai. O primeiro filho diz que não vai obedecer, mas, ao final, arrepende-se e o faz, ao passo que o segundo diz que vai obedecer e não o faz (vv.29,30). O filho que diz que será obediente à vontade do pai, nessa parábola, representa Israel, que não fez a vontade de Deus (Rm 10.21). Enquanto isso, o filho que diz que não vai obedecer, representa os publicanos e os pecadores, que, por se arrependerem de seus pecados, têm o direito de entrar no Reino de Deus antes dos judeus (v.31).

2. O assentimento puramente verbal. Em algumas versões do texto grego, a ordem do pedido do pai aos filhos aparece diferente, iniciando de forma invertida, isto é, primeiramente o que disse que aceitaria, mas não foi e, posteriormente, o que não aceitou, mas arrependeu-se e foi. Assim, no versículo 30, a resposta – "Eu vou, senhor" –, que

não passa de um assentimento puramente verbal, e está aqui em contraste com a recusa indelicada do primeiro filho. Porém, como já sabemos, apesar desta concordância imediata do segundo filho em ir, na prática, transforma-se em nada, pois ele não obedece, de fato, à ordem do pai.

3. A negação verbal. Apesar de o primeiro filho oferecer ao pai uma resposta negativa – "Não quero" –, e de ter se recusado a obedecer à ordem num primeiro momento, o texto esclarece com uma adversativa, "mas" seguida do verbo grego *metamelomai* (que ocorre apenas cinco vezes em o Novo Testamento), cujo significado refere-se a "arrepender-se", "estar arrependido mais tarde", demonstrando que essa negação verbal não representa a verdade, pois o filho, arrependido, foi trabalhar.

4. Uma adesão operativa. Vimos que a mesma ordem do pai obteve respostas diferentes. De fato, os dois filhos representam, de forma emblemática, dois tipos de atitudes. O primeiro deles representa a adesão operativa precedida por uma negação que é apenas verbal. De forma inversa, o segundo tipo de resposta trata-se de um assentimento puramente verbal que não passa à ação. Por isso, logo após contar essa parábola, Jesus pergunta aos líderes judeus qual dos dois filhos atendeu à vontade do pai (v.31a). Eles respondem de forma correta, e o Mestre então lhes diz que os publicanos e as meretrizes entrariam adiante deles no Reino de Deus (v.31). O Senhor disse isso porque, da mesma forma que no caso dos filhos, ao longo do ministério de Jesus, muitos publicanos, meretrizes e pecadores de toda espécie tomaram a atitude da adesão operativa. Passaram boa parte de suas vidas negando verbalmente a fazer a vontade de Deus, mas quando tiveram a oportunidade de arrepender-se, acabaram obedecendo, de fato, ao Senhor. Mais que um assentimento verbal, mais que votos ou promessas, as Escrituras Sagradas nos exortam a aderirmos, na prática, a vontade do Pai e a sermos obedientes a Ele. Só assim seremos participantes do Reino de Deus.

SÍNTESE DO TÓPICO I

A parábola dos dois filhos mostra claramente que só pode participar do Reino de Deus os que atendem ao chamado do Senhor e o obedece.

SUBSÍDIO EXEGÉTICO

"Jesus continua contra-atacando os inimigos com três parábolas que tratam da rejeição dos líderes de Israel. Mateus introduz estas parábolas com a expressão: 'Mas que vos parece?' (cf. Mt 17.25; 18.12). De acordo com os profetas, a vinha nas duas primeiras parábolas representa Israel (Sl 80.8-19; Jr 2.21; Ez 19.10). Na Parábola dos Dois Filhos, o primeiro filho representa os pecadores arrependidos que agora servem ao Pai, ao passo que o segundo filho retrata os líderes que honram a Deus com os lábios mas cujo coração está longe (Is 29.13). Anteriormente Jesus já tinha se associado com os publicanos e pecadores, e os inimigos lançaram-lhe isso em rosto (Mt 9.9-13). Agora Ele menciona os pecadores para reprovar os principais sacerdotes e anciãos. A chamada de João Batista ao arrependimento teve profundo impacto nos pecadores arrependidos que viviam na periferia da respeitabilidade (veja esp. Lc 3.10-14; 7.29,30).

"O uso do título respeitoso 'senhor' (*kyrie*, Mt 21.30) é típico de Mateus e provavelmente tem significado duplo

para ele e sua audiência. Nos lábios do filho hipócrita, faz o leitor lembrar das palavras ditas anteriormente por Jesus: 'Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus' (Mt 7.21).

"Previamente em seu ministério, Jesus explicava as parábolas aos discípulos em particular (Mt 13.13-16,36), mas agora, Ele ousada e diretamente explica a parábola aos líderes judeus, provavelmente com o propósito de forçar todos os que ouvem a escolher ou rejeitar: 'Em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes entram adiante de vós no Reino de Deus' (Mt 21.31). Jesus deixa aberta a possibilidade de que a elite 'respeitável' venha a seguir os publicanos e pecadores no Reino de Deus, mas considerando o caráter apocalíptico da parábola, soa friamente como palavras de julgamento final" (SHELTON, James B. In ARRINGTON, French L.; STRONDAD, Roger (Eds.). **Comentário Bíblico Pentecostal.** 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p.120).

II – QUANDO AS PALAVRAS NÃO SE COADUNAM COM A PRÁTICA

1. Palavras estéreis. A obediência ao Senhor não consiste em proferir palavras estéreis e religiosas, mas em praticar a verdade revelada na Palavra de Deus de forma concreta e precisa (Mt 7.21). Os representantes da antiga e longa tradição judaica estavam ali diante do Mestre para demonstrar de maneira bem clara o que a parábola retratava, pois não tiveram dificuldade alguma para responder a indagação de Jesus: "Qual dos dois fez a vontade do pai?" (v.31a). O Senhor coloca-os frente a frente com a verdade de modo que, ao responderem corretamente, eles pronunciaram um juízo de condenação contra si próprios, pois o tipo de resposta que eles dão a Deus os identificam com o filho que contradisse com um não de fato e um sim apenas dos lábios. Eles estão no grupo dos religiosos que nada fazem além de pronunciar palavras bonitas, porém, descompromissadas.

2. O arrependimento conduz à prática. Muitas pessoas dizem-se arrependidas, por isso, precisamos compreender o verdadeiro sentido da expressão "arrepender-se". Em 2 Coríntios 7.9 o apóstolo Paulo diferencia categoricamente a mera tristeza, estar "contristado", do arrependimento ativo, isto é, estar "contristado segundo Deus". O caso de Judas, por exemplo, pelo

CONHEÇA MAIS

*Coerência Entre as Palavras e as Ações

"O educador cristão que trabalha somente no plano cognitivo, ou seja, enchendo a mente dos educandos, sem importar-se com mudanças comportamentais, operacionais e ativa na vida deles, demonstra algo sintomático em sua própria vida, ou seja, inconsistência entre o que os seu lábios dizem e o que a sua vida demonstra." Para conhecer mais, leia **Uma Pedagogia para a Educação Cristã**, CPAD, p.332.



visto não passara de mero remorso (Mt 27.3-5). Na parábola contada por Jesus, o primeiro filho se arrependeu tanto por ter se recusado obstinadamente a obedecer ao seu pai que, imediatamente, foi e obedeceu. A tristeza segundo Deus opera o arrependimento, e o arrependimento produz mudança de atitude, ou seja, conduz à prática.

3. Palavras e ações devem se coadunar. Os discípulos de Cristo são chamados a manifestarem um estilo de vida, na qual as palavras e as ações se coadunam, isto é, não se contradizem, pois expressam uma coisa só. No Sermão do Monte, Jesus ensina aos seus discípulos que o falar destes deve ser: "Sim, sim; não, não" (Mt 5.37b). Infelizmente, a prática de falar e não agir em conformidade é um triste reflexo do decaído e mau caráter humano. Jesus, porém, exige honestidade o tempo todo. Como discípulos dEle e cidadãos do Reino, Ele requer uma equivalência entre aquilo que dizemos e aquilo que vivemos (Sl 15.1-5). Não pode haver um padrão duplo na vida dos discípulos do Mestre, ou seja, dizer uma coisa e fazer outra e vice-versa (Tg 1.25; 2.12).

SÍNTESE DO TÓPICO II

Quando as palavras não condizem com a prática, um problema se instaura, pois a hipocrisia passa a imperar.

III – UM CHAMADO A FAZER A VONTADE DE DEUS

1. A impossibilidade da obediência à Lei. As pessoas a quem Jesus dirige essa parábola estavam de fato muito interessadas em obedecer à Lei, já que apenas ouvi-la de nada adiantava (Rm 2.13). Contudo, elas não estavam igualmente preparadas nem para receber Aquele a quem o próprio Deus enviara e muito menos para aceitar que a Lei já havia cumprido o seu papel e um novo concerto estava sendo instituído (Jo 1.11; Mt 26.28; Gl 3.23-25; Hb 8.13). Talvez as pessoas desconhecessem que não se pode praticar apenas uma parte da vontade de Deus (Tg 2.10). Assim, a obediência a uma parte da Lei, acrescida da rejeição a Cristo, terminavam descambando para o legalismo e, na parábola que estamos estudando, tais atitudes equivalem a um "sim" meramente verbal, contrariando os fatos e, por conseguinte, a vontade de Deus (Jo 5.39-47).

2. A fé desobediente. Certamente que entre os que ouviam a parábola, encontravam-se também muitos publicanos, meretrizes e pecadores que, ao contrário dos outros, alinhavam-se aos religiosos que não se arrependeram de seus pecados de forma legítima e autêntica. Eles estavam dispostos a receber algo de Jesus, mas não estavam interessados em obedecer a vontade de Deus. Se os religiosos são legalistas, estes segundos são os participantes do que poderíamos chamar de "graça barata". Porém, como vimos anteriormente, o verdadeiro arrependimento conduz à mudança de atitude. Quem possui uma fé genuína, sem dúvida, desejará cumprir a vontade de Deus, ou seja, "escutará" suas palavras (Jo 8.47).

3. O discípulo faz a vontade de Deus. Em João 15.14, Jesus é enfático ao ensinar que nós seremos seus amigos se fizermos o que Ele manda. Fazer a vontade de Deus era o eixo sobre o qual, supostamente, girava toda a religião de Israel. A Lei, ensinada pelos líderes religiosos da nação, era a expressão clara e escrita dessa von-

tade. Contudo, agora chegamos a uma revelação plena e perfeita da vontade de Deus através de Jesus Cristo (Hb 1.1-4). Ele anuncia a vinda do Reino e chama à conversão (Mt 4.17). Por isso, a vontade de Deus passa, afinal, através da Pessoa de Cristo Jesus. O Pai quer que os homens recebam aquEle que Ele enviou, pois quem recebê-lo receberá o próprio Pai (Mt 10.40; Rm 10.9). Não é possível obedecer à Lei sem receber a Cristo, pois Ele é o cumprimento da Lei (Rm 10.4). Também não se trata de desejar a Cristo, mas não querer obedecer a seus ensinos, pois os que realmente desejam a Ele e querem ser seus amigos, obedecem ao que Ele manda (Jo 15.14).

SÍNTESE DO TÓPICO III

A nossa amizade com Jesus depende de fazermos a sua vontade.

SUBSÍDIO PEDAGÓGICO

"A qualidade da Educação Cristã, quando ela é encarada como uma ação intencional, torna o desígnio bíblico do 'assim falai e assim procedei' (Tg 2.12), uma preocupação legítima. Devemos perseguir esse modelo, pois do nosso Senhor Jesus Cristo 'aprendemos que o bom ensino implica em ajudar o aluno a assumir responsabilidades pelo que pensa e vive'. Assim, a *práxis bíblica* não só torna-se uma realidade no âmbito escolar dominical, como elimina aquilo que o mesmo David coloca: 'Numa onda em direção à credibilidade cognitiva, nosso ensino da Bíblia tem-se centralizado no 'saber' e não no 'ser', e ao fazê-lo, optou por programas que informam a mente sem formar o caráter'.

Essa denúncia dá conta de explicar o porquê de nossos alunos estarem tão desmotivados nas classes dominicais. O educador cristão que trabalha somente no plano cognitivo, ou seja, enchendo a mente dos educandos, sem importar-se com mudanças comportamentais, operacionais e ativas na vida deles, demonstra algo sintomático em sua própria vida, ou seja, inconsistência entre o que os seus lábios dizem e o que a sua vida demonstra. Com essa ação, diz Roy Zuck, o educador 'desliga' os educandos e vira-os em direção contrária àquela da prática-teoria-prática cristã" (CARVALHO, César Moisés. **Uma Pedagogia para a Educação Cristã.** 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p.332).

CONCLUSÃO

Por intermédio da parábola que estudamos hoje precisamos compreender o perigo da indiferença espiritual. Alguns pensam que podem confessar que amam a Deus com seus lábios e, ao mesmo tempo, viverem com o coração distante dEle. Pensam poder encontrar a Deus prescindindo de Cristo. Outros há que supostamente vivem na austeridade da Lei, mas não querem receber a Jesus. A obediência deve estar ligada à vontade de Deus. Para sair da indiferença espiritual, o ser humano precisa receber aquEle que Deus enviou ao mundo. A Pessoa de Cristo separa de forma bastante clara a humanidade perdida, composta até mesmo por religiosos que dizem fazer a vontade de Deus, mas não a fazem, daqueles que serão admitidos no Reino. O caminho é arrepender-se demonstrando isso com a consequente mudança de atitude, em direção à obediência a Deus.

ANOTAÇÕES DO PROFESSOR

PARA REFLETIR

A respeito de "O Perigo da Indiferença Espiritual", responda:

• A quem representam o primeiro e o segundo filho da parábola?
O filho que diz que será obediente à vontade do pai, nessa parábola, representa Israel, que não fez a vontade de Deus (Rm 10.21). Enquanto isso, o filho que diz que não vai obedecer, representa os publicanos e os pecadores, que, por se arrependerem de seus pecados, têm o direito de entrar no Reino de Deus antes dos judeus (v.31).

• Quais são os dois tipos de atitude que as respostas dos filhos representam?
De fato, os dois filhos representam, de forma emblemática, dois tipos de atitudes. O primeiro deles representa a adesão operativa precedida por uma negação que é apenas verbal. De forma inversa, o segundo tipo de resposta trata-se de um assentimento puramente verbal que não passa à ação.

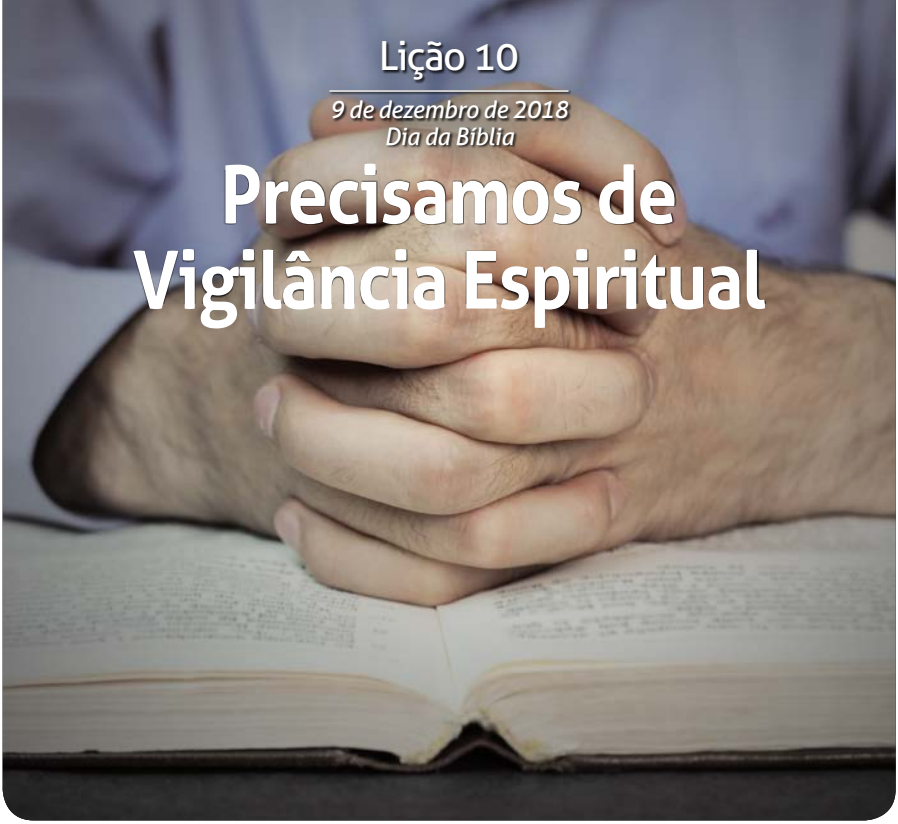
• Em que consiste a obediência ao Senhor?
A obediência ao Senhor não consiste em proferir palavras estéreis e religiosas, mas em praticar a verdade revelada na Palavra de Deus de forma concreta e precisa (Mt 7.21).

• O verdadeiro arrependimento produz e conduz ao quê?
O arrependimento produz mudança de atitude, ou seja, conduz à prática.

• Você tem sido uma pessoa que honra a palavra empenhada?
Resposta pessoal.

CONSULTE

Revista Ensinador Cristão - CPAD, nº 76, p.40. Você encontrará mais subsídios para enriquecer a lição. São artigos que buscam expandir certos assuntos.



Lição 10

9 de dezembro de 2018
Dia da Bíblia

Precisamos de Vigilância Espiritual

Texto Áureo

"Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca."
(Mt 26.41)

Verdade Prática

Mesmo com oração, a ausência de vigilância é terreno propício para que a tentação encontre brechas e nos conduza à derrota espiritual.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Mt 26.41
A dupla advertência de Jesus aos seus discípulos

Terça – 1 Pe 5.8,9
Estar em alerta e vigiar, pois o Diabo está à espreita

Quarta – Ap 16.15
A surpresa da vinda de Jesus requer que estejamos vigiando

Quinta – Sl 141.3,4
A maior e mais necessária vigilância a ser exercida pelo crente

Sexta – Cl 4.2
Oração, vigilância e gratidão são práticas importantes

Sábado – Mt 24.44
A vigilância é necessária, pois o Senhor virá a qualquer momento

LEITURA BÍBLICA EM CLASSE

Mateus 24.45-51

45 – *Quem é, pois, o servo fiel e prudente, que o Senhor constituiu sobre a sua casa, para dar o sustento a seu tempo?*

46 – *Bem-aventurado aquele servo que o Senhor, quando vier, achar servindo assim.*

47 – *Em verdade vos digo que o porá sobre todos os seus bens.*

48 – *Porém, se aquele mau servo disser consigo: O meu senhor tarde virá,*

49 – *e começar a espancar os seus conservos, e a comer, e a beber com os bêbados,*

50 – *virá o senhor daquele servo num dia em que o não espera e à hora em que ele não sabe,*

51 – *e separá-lo-á, e destinará a sua parte com os hipócritas; ali haverá pranto e ranger de dentes.*

HINOS SUGERIDOS: 98, 275, 548 da Harpa Cristã

OBJETIVO GERAL

Conscientizar a respeito da necessidade de vigilância espiritual.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Abaixo, os objetivos específicos referem-se ao que o professor deve atingir em cada tópico. Por exemplo, o objetivo I refere-se ao tópico I com os seus respectivos subtópicos.



I **Interpretar** a parábola dos dois servos;

II **Reafirmar** a necessidade de se ter vigilância;

III **Valorizar** o exercício do discernimento.

• INTERAGINDO COM O PROFESSOR

A riqueza da Bíblia em tratar dos assuntos espirituais já é de amplo conhecimento. Todavia, poucas vezes se pensa acerca de sua capacidade em tratar de questões cruciais na esfera estritamente humana. A parábola de hoje, conquanto contenha uma mensagem especificamente escatológica, deixa entrever um fato corriqueiro do dia a dia: O exercício do poder e da liderança oferecido a alguém que não possui condição alguma para tal pode ser um desastre, pois entre outros males, essa pessoa pode "abusar" de sua posição para oprimir as outras. A Bíblia, porém, é muito clara a respeito desse tipo de atitude (1 Ts 4.6). Sejamos vigilantes, pois o Senhor virá a qualquer momento e nos pedirá conta de todas as nossas ações.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

O texto da leitura bíblica em classe está inserido no centro de um conjunto de ensinamentos do Senhor Jesus Cristo. A parábola que vamos estudar é o tema central deste conjunto, ou ciclo, de ensinamentos que se inicia no versículo três do capítulo 24 e se estende até o último versículo do capítulo 25. Jesus está trazendo ensino escatológico para seus discípulos. Ele inicia suas mensagens falando a respeito do princípio das dores, perseguições, falsos profetas, esfriamento do amor, etc. (24.3-14), e segue falando sobre a Grande Tribulação (24.15-28), decide então discorrer sobre sua própria volta e sobre o arrebatamento dos salvos (24.29-31). Neste momento, visando ilustrar a necessidade da vigilância (24.36-44), Ele aborda a necessidade de estarmos preparados para sua vinda. Aprofunda-se então o tema central que é estarmos vigilantes (24.45-51).

PONTO CENTRAL

A vigilância espiritual deve ser prioridade na vida do discípulo de Cristo.

I – INTERPRETAÇÃO DA PARÁBOLA DOS DOIS SERVOS

1. O servo bom e fiel. A parábola é contada tendo como base uma comparação entre o comportamento de dois servos. O primeiro, fiel e prudente, confiado em uma posição superior, esforça-se para realizar, zelosamente, a tarefa recebida, porém, ele sabe que não é administrador geral da casa, mas apenas um despenseiro. No entanto, por ser um servo fiel e prudente, ele agora tem a oportunidade de demonstrar, na prática, se realmente é sábio, pois o seu senhor o premia, promovendo-o a administrador de todos os seus bens (vv.45-47).

2. O mau servo. A parábola não ilustra somente o perfil do servo fiel e prudente, pois mostra quão antiético um servo pode ser quando colocado em posição superior a dos serviçais, durante a ausência do senhor. Conforme a narrativa, o segundo servo, recém-promovido, agindo de forma antiética, preferiu agir como um tirano em casa alheia, prevalecendo da momentânea posição e entregando-se à devassidão, age irresponsavelmente contando com a demora do seu senhor (v.49). Ele parece pensar que o seu senhor se atrasará (v.48). Por isso, começa a prevalecer-se

e resolve se "divertir", maltratando seus conservos, amigos de trabalho. Agindo assim, ele revela seu verdadeiro caráter, isto é, mostra-se maligno. Enquanto o primeiro servo foi promovido (v.47), este é jogado para fora da casa, ou seja, ele terá a mesma sorte que está reservada aos servos infiéis (v.51).

3. O destino escatológico. Como vimos, o primeiro servo, por sua fidelidade e bondade, será promovido, enquanto o outro, por sua maldade e prevalecimento, será jogado para fora da casa. Ao descrever o castigo reservado para o servo infiel, o Senhor Jesus abandonou a linguagem parabólica para falar do destino final dos hipócritas, isto é, no lugar para onde estes irão, "haverá pranto e ranger de dentes" (v.51). A expressão "hipócrita", utilizada por Jesus, indica aqueles que falam, mas não fazem, mas para se mostrarem perante os outros, observam apenas de forma superficial e exterior a Lei de Deus, porém, sequer se aproximam do seu cumprimento pleno e genuíno, pois isso só pode ser feito por aqueles que têm um coração sincero e dedicado. Os hipócritas, porém, estão preocupados em apenas "parecer" e não em "ser". O senhor da parábola requer dos servos o cumprimento fiel da tarefa que lhes foi confiada. O servo bom e fiel é aquele que se mantém ocupado, procurando sempre cumprir fielmente as suas tarefas. Dessa forma, o servo estará sempre preparado para quando o seu senhor retornar. Por outro lado, o mau servo é irresponsável e, prevalecendo da confiança, abusa da posição e mostra-se indigno da posição que o seu senhor lhe confiou. O discurso é claramente escatológico e tem como objetivo advertir os ouvintes da necessidade de se viver de forma vigilante e prudente enquanto se aguarda o retorno do Senhor (v.50).

SÍNTESE DO TÓPICO I

A parábola dos dois servos contrasta a postura de ambos mostrando o que deve ser feito e o que é obrigatório evitar.

SUBSÍDIO EXEGÉTICO

"Jesus conta outra parábola (que também poderia ser chamada de Parábola do Servo Bom e do Servo Mau) sobre o tema da prontidão (cf. Mt 12.41-46). Nesta descrição, o senhor, voltando de uma visita inesperada, encontra o servo administrador satisfazendo ou recusando-se a satisfazer as necessidades dos outros servos. Considerando a crítica que Jesus fez aos líderes judeus por desconsiderarem o bem-estar das pessoas, este servo opressivo e esbanjador serve de comentário sobre as ações dos governantes rejeitados (Mt 23.1-4,23,24).

"O castigo do servo mau é severo. É igual ao dos 'hipócritas' (Mt 24.51; [...]; cf. também Mt 15.7; 22.18; 23.13-15,29). Jesus deixa claro que este não é mero castigo terreno, mas de julgamento eterno (quanto ao choro e ranger de dentes, veja também Mt 8.12; 13.42,50; 22.13; 25.30)" (SHELTON, James B. In ARRINGTON, French L.; STRONDAD, Roger (Eds.). **Comentário Bíblico Pentecostal.** 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p.135).

II – UM CHAMADO À VIGILÂNCIA

1. Vigilância. O ensino sobre a vigilância é constante no ministério de Jesus (Mt 26.41). No intuito de demonstrar de que forma devemos nos manter vigilantes, o Senhor Jesus narrou a parábola dos dois servos, primeiramente contrastando o perfil de ambos ao mostrar que um era bom e o outro mau. A ambos os servos o "senhor" da narrativa confiou a tarefa de cuidar de seus conservos. O bom os alimentava em quantidade e hora

corretas. O mau os espancava, desprezava-os, e como se ainda não fosse o bastante, comia e bebia com bêbados. O servo bom, além de fiel, era vigilante, administrando bem aquilo que recebeu do seu senhor. O destaque à vigilância, nesta parábola se manifesta como sendo o exercício correto da mordomia, ou seja, o homem vigilante pratica a administração responsável do que recebeu do seu senhor, sabendo que está lidando com o que não é seu e que brevemente terá de prestar contas. O mesmo princípio é rememorado pelo apóstolo Paulo quando em 1 Coríntios 4.1,2, diz: "Que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus. Além disso, requer-se nos despenseiros que cada um se ache fiel". Jesus nos manda estar acordados, alertas, vigilantes, circunspectos (Mt 25.13; Mc 14.34,37,38), isto é, precisamos estar completamente alertas!

2. Ninguém sabe o dia. A necessidade de vigilância é clara, pois assim como os servos da parábola não sabiam o momento certo do senhor deles voltar, ninguém sabe quando Jesus Cristo virá (Mt 24.36). Por isso, antes de contar a parábola dos dois servos, no versículo 43, Jesus explica isso de maneira breve, mas cristalina. O Mestre utiliza a figura do pai de família dizendo que se este soubesse quando o ladrão viria, vigiaria e estaria à sua espera, impedindo que o malfeitor fizesse mal à família. Como não sabemos quando Jesus haverá de vir, devemos estar sempre preparados (v.44), pois estar preparado a qualquer momento para a volta de Cristo é parte da responsabilidade básica de todo discípulo autêntico (v.46). Devemos fazer exatamente o que o servo fiel e prudente da parábola fez, pois quando Cristo voltar seremos felizes se Ele nos "achar servindo assim" (v.46). Não podemos nos esquecer que, assim como retratado pelo Senhor Jesus Cristo na parábola, o "Dia do Senhor virá como o ladrão de noite" (1 Ts 5.2).

SÍNTESE DO TÓPICO II

A vigilância é imprescindível, porém, ela só poderá servir para algo se a vida da pessoa for pautada na postura do servo fiel e prudente.

SUBSÍDIO DEVOCIONAL

"A respeito daqueles que estão na igreja mas são infiéis ao Senhor, é impossível estarem vigilantes e preparados para a volta inesperada de Cristo, se os

CONHEÇA MAIS

*A Parábola dos Dois Servos

"Nesta descrição, o senhor, voltando de uma visita inesperada, encontra o servo administrador satisfazendo ou recusando-se a satisfazer as necessidades dos outros servos. Considerando a crítica que Jesus fez aos líderes judeus por desconsiderarem o bem-estar das pessoas, este servo opressivo e esbanjador serve de comentário sobre as ações dos governantes rejeitados (Mt 23.1-4,23,24)". Para conhecer mais, leia **Comentário Bíblico Pentecostal**, CPAD, p.134.



tais não creem que Ele pode vir agora. (1) Qualquer crente professo que vive em pecado, julgando que Jesus tardará a vir, tornar-se-á como o servo mau da parábola. Ele não percebe o risco da volta do Senhor pegá-lo de surpresa ([...]). (2) É significativo Jesus associar a infidelidade e a hipocrisia à crença e ao desejo de que Ele demore a voltar" (STAMPS, Donald. **Bíblia de Estudo Pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p.1141).

III – VIVENDO COM DISCERNIMENTO

1. Vida dissoluta. O versículo 49 chama a atenção para a falta de prudência de alguém que começou a conduzir sua vida de maneira dissoluta. Infelizmente, a postura do servo infiel de espancar os conservos, além de comer e beber com os bêbados, revela um desejo que precisava apenas de uma oportunidade para se manifestar. Tal comportamento nos lembra de um momento anterior, no mesmo sermão, quando Jesus falou sobre os dias de Noé. O Senhor disse que, naquele tempo, as pessoas "comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca" (Mt 24.38). Em outras palavras, as pessoas do tempo do "pregoeiro da justiça" (2 Pe 2.5), viviam sem compromisso algum com Deus, e foram surpreendidas pelo juízo divino (Mt 24.38,39). De igual forma, a vida dissoluta do mau servo, e de pessoas que se comportam como ele, terão como destino um lugar onde haverá choro e ranger de dentes (v.51).

2. Vida santa. Desde os tempos de Moisés, o povo de Deus é exortado a viver uma vida de santidade (Lv 11.44,45), isto é, uma vida separada e consagrada totalmente ao Senhor. Para o povo da nova aliança – a Igreja –, a mesma vida de santidade também é requerida (1 Pe 1.16), pois temos mais luz e conhecimento em relação às coisas de Deus do que o próprio povo de Israel. Por isso, precisamos viver uma vida com discernimento, sabendo separar aquilo que, como santos e filhos de Deus, convém, ou não, fazer (1 Co 6.12; 10.23). Hoje, mais do que em qualquer outra geração de cristãos, precisamos nos lembrar de que, sem santificação, "ninguém verá o Senhor" (Hb 12.14). Devemos ter isso muito claro em nossos corações, lembrando também que o Senhor Jesus Cristo pode voltar a qualquer momento (Mt 24.42).

3. Administrando os bens. Jesus contou a parábola dos dois servos para que os ouvintes, e todos nós, optássemos em seguir o exemplo do servo fiel e prudente, evitando o trágico fim dos hipócritas (v.51). A postura do servo bom e fiel, que administra os bens de seu senhor conforme a justiça faz jus à própria expressão "servo", visto que esta retrata o perfil de um ministro dedicado, alguém que se sente satisfeito em cumprir o seu dever, que é servir ao seu senhor. De forma semelhante, a Bíblia nos chama de despenseiros de Deus e diz que devemos ser "bons" (1 Pe 4.10), ou seja, eficientes e dedicados. O apóstolo Paulo também falou sobre este assunto dizendo ser necessário que "os homens nos considerem como ministros", ou seja, servos "e despenseiros", isto é, administradores daquilo que Cristo coloca sob nossa responsabilidade, requerendo apenas que cada um se ache, seja encontrado, fiel (1 Co 4.1,2). Portanto, mais que fidelidade e prudência, o Senhor requer de nós que sejamos bons e fiéis administradores do que não é nosso (1 Pe 5.2).

SÍNTESE DO TÓPICO III

O exercício do discernimento é um dos aspectos mais importantes da caminhada de fé de um discípulo.

SUBSÍDIO TEOLÓGICO

"Nos tempos antigos era um costume comum que os senhores deixassem um servo encarregado de todos os assuntos da família. O **servo**, descrito como **fiel e prudente**, corresponde aos discípulos, aos quais foi atribuída por Jesus uma **responsabilidade** sem precedentes. Isto também descreve aqueles que são indicados para posições de liderança na igreja, que deverão estar desempenhando fielmente suas obrigações quando Jesus (**o Senhor**) chegar. Estes servos receberão grandes recompensas.

"Alguns servos, entretanto, podem decidir aproveitar-se da sua posição de liderança, maltratando os outros e entregando-se ao prazer. O servo pode ter pensado que o seu senhor estaria fora durante um longo período, mas certo dia, **virá o senhor num dia em que o não espera e à hora em que ele não sabe**. Este será um evento repentino e sem aviso prévio, e o mau servo será surpreendido 'no ato'. O julgamento do senhor contra o seu mau servo será extremamente severo. Ainda pior do que esse horrível castigo será o destino eterno do servo. Ele será designado a um lugar onde haverá pranto e ranger de dentes (referência ao inferno). O julgamento futuro de Deus é tão certo quanto a volta de Jesus à terra" (**Comentário do Novo Testamento.** Vol 1. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p.146).

CONCLUSÃO

Há pessoas que estão se conduzindo de modo dissoluto e fazendo mau uso dos bens que o Senhor deixou em suas mãos. São maus servos. Correm o risco de serem pegos de surpresa e acabarem lançados nas trevas exteriores, onde haverá choro e ranger de dentes. Por outro lado, o servo vigilante está preparado para a vinda de Jesus. Ele não apenas está vigilante como prega sobre a vinda de Jesus, pois como bom ministro e despenseiro sabe que é seu dever anunciar a vinda de Cristo. O vigilante guarda o que tem, exercitando seus talentos. Ele administra com fidelidade os bens de seu Senhor, sabendo que um dia será promovido às mansões celestiais.

ANOTAÇÕES DO PROFESSOR

PARA REFLETIR

A respeito de "Precisamos de Vigilância Espiritual", responda:

• A parábola tem o que como base?
A parábola é contada tendo como base uma comparação entre o comportamento de dois servos.

• De acordo com a lição, o discurso do Senhor é claramente escatológico e tem qual objetivo?
Advertir os ouvintes da necessidade de se viver de forma vigilante e prudente enquanto se aguarda o retorno do Senhor.

• O destaque à vigilância, nesta parábola, se manifesta como o quê?
O destaque à vigilância, nesta parábola se manifesta como sendo o exercício correto da mordomia, ou seja, o homem vigilante pratica a administração responsável do que recebeu do seu senhor, sabendo que está lidando com o que não é seu e que brevemente terá de prestar contas.

• O que Jesus quis dizer ao referir-se ao tempo de Noé dizendo que as pessoas "comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca"?
As pessoas do tempo do "pregoeiro da justiça" (2 Pe 2.5), viviam sem compromisso algum com Deus e foram surpreendidas pelo juízo divino (Mt 24.38,39).

• De acordo com o último subtópico da lição, para que Jesus contou a parábola dos dois servos?
Jesus contou a parábola dos dois servos para que os ouvintes, e todos nós, optássemos em seguir o exemplo do servo fiel e prudente, evitando o trágico fim dos hipócritas.

CONSULTE

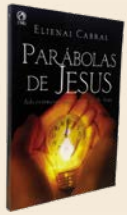
Revista Ensinador Cristão - CPAD, nº 76, p.41. Você encontrará mais subsídios para enriquecer a lição. São artigos que buscam expandir certos assuntos.

SUGESTÃO DE LEITURA



Compreendendo todas as Parábolas de Jesus

Este livro tem por objetivo discutir acerca das parábolas de Jesus sob uma ótica teológica.



Parábolas de Jesus

Este livro traz interpretações das parábolas descritas em Mateus e oferece a você um bom momento para se alimentar da Palavra de Deus.



Guia Básico para a Interpretação da Bíblia

Este livro trata de questões como inspiração, inerrância, revelação contínua e orientação do Espírito Santo de forma esclarecedora.

Lição 11

16 de dezembro de 2018

Despertemos para a Vinda do Grande Rei



Texto Áureo

"Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor."

(Mt 24.42)

Verdade Prática

Jesus pode voltar a qualquer momento, por isso temos de estar preparados.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – At 1.10,11
Não há razão para a desesperança, pois Jesus Cristo voltará

Terça – Tt 2.11-14
A graça de Deus trouxe salvação e esperança da Vinda de Cristo

Quarta – 1 Ts 5.23
Espírito, alma e corpo conservados irrepreensíveis na Vinda de Jesus

Quinta – 2 Ts 2.1-6
Não se alarmar com falsos adventos de Cristo

Sexta – 2 Pe 1.16
O apóstolo fala da vinda de Jesus de forma experiencial, não fantasiosa

Sábado – Mc 13.32-37
Ninguém sabe o dia e nem a hora da Vinda do Senhor Jesus

LEITURA BÍBLICA EM CLASSE

Mateus 25.1-13

1 – *Então, o Reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do esposo.*

2 – *E cinco delas eram prudentes, e cinco, loucas.*

3 – *As loucas, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo.*

4 – *Mas as prudentes levaram azeite em suas vasilhas, com as suas lâmpadas.*

5 – *E, tardando o esposo, tosquenejaram todas e adormeceram.*

6 – *Mas, à meia-noite, ouviu-se um clamor: Aí vem o esposo! Saí-lhe ao encontro!*

7 – *Então, todas aquelas virgens se levantaram e prepararam as suas lâmpadas.*

8 – *E as loucas disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se apagam.*

9 – *Mas as prudentes responderam, dizendo: Não seja caso que nos falte a nós e a vós; ide, antes, aos que o vendem e comprai-o para vós.*

10 – *E, tendo elas ido comprá-lo, chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta.*

11 – *E, depois, chegaram também as outras virgens, dizendo: Senhor, senhor, abre-nos a porta!*

12 – *E ele, respondendo, disse: Em verdade vos digo que vos não conheço.*

13 – *Vigiai, pois, porque não sabeis o Dia nem a hora em que o Filho do Homem há de vir.*

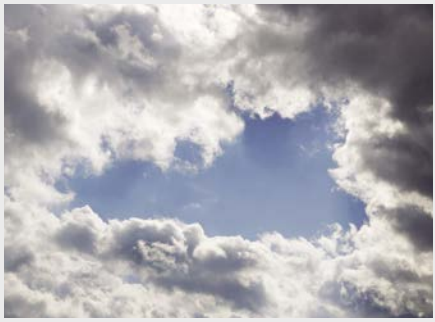
HINOS SUGERIDOS: 312, 401, 442 da Harpa Cristã

OBJETIVO GERAL

Ressaltar a necessidade de se estar preparado para a vinda do Grande Rei, pois ela pode acontecer a qualquer momento.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Abaixo, os objetivos específicos referem-se ao que o professor deve atingir em cada tópico. Por exemplo, o objetivo I refere-se ao tópico I com os seus respectivos subtópicos.



I **Interpretar** a parábola das dez virgens;

II **Repetir** a verdade de que a Vinda do Senhor é uma realidade iminente;

III **Dramatizar** o perfil das cinco virgens prudentes.

• INTERAGINDO COM O PROFESSOR

Apesar de muito conhecida, a parábola das dez virgens é uma das mais difíceis de ser interpretada. Contudo, sua mensagem principal é muito evidente: É urgente estar preparado para encontrar-se com o nosso Noivo! Independentemente do entendimento que se pode ter, escatologicamente falando, acerca das personagens dessa narrativa bem como a dificuldade de encaixá-las nesta ou naquela escola de interpretação escatológica, o aspecto do despertamento é o assunto central a ser passado. Houve uma época que essa mensagem era muito pregada e os crentes tinham temor e ansiavam pela vinda de Jesus. De um tempo a esta parte pouco se ouve acerca desse tema, portanto, aproveite a aula de hoje para destacar essa bendita esperança.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

A parábola das dez virgens ensina que somos responsáveis, individualmente, pela nossa condição espiritual. Nessa parábola, Jesus declara solenemente a impossibilidade de sabermos o momento da sua volta, por isso, temos de estar preparados para tal acontecimento. Devemos estar prontos para o momento em que Jesus voltar a fim de levar seu povo para o céu. A vinda do Senhor será uma ocasião de grande regozijo para os crentes fiéis, sendo comparada a um banquete de casamento. Desde já a coroa da justiça está guardada para "todos os que amarem a sua vinda" (2 Tm 4.8). Infelizmente, para muitos será tempo de desengano, julgamento e desespero.

PONTO CENTRAL

Precisamos estar preparado para encontrar-se com o Noivo.

I – INTERPRETANDO A PARÁBOLA DAS DEZ VIRGENS

1. O Reino dos céus será semelhante a dez virgens. Essa é uma das parábolas que, ao longo do tempo, já recebeu muitas interpretações por ser um texto importante, porém nada fácil de entender (Mt 25.1-13). Das diversas vezes que encontramos em Mateus a expressão "Reino dos céus" (3.2; 4.17; 5.3; 10.7; 11.12; 13.24,31,33,44 etc.), essa é uma delas em que o sentido não se refere apenas ao Reino trazido por Cristo com a mensagem do Evangelho, mas sim como sinônimo de vida eterna e de Reino plenamente instaurado (5.20; 7.21; 8.11; 11.11; 13.47-50 etc.). A palavra "virgens" significava que eram sábias, irrepreensíveis, simbolizando os crentes cuja vida exterior era sem qualquer mancha, pois os que seguem a Cristo são chamados de "virgens" (Ap 14.4; 2 Co 11.2).

2. Duas classes de virgens. A parábola fala que havia duas classes de virgens, ou seja, "prudentes" e "loucas" (v.2). Como já foi dito, as cinco virgens prudentes simbolizam os crentes fiéis, sinceros, constantes e santos. Essas mulheres sinceras carregavam um "estoque" de boas obras, quebrantamento, misericórdia, e isso alimentava a chama espiritual do amor que queimava em seus corações. Elas não andavam na escuridão do pecado, mas brilhavam por onde passavam. Tal postura combina com o que Jesus ensinou sobre os salvos serem a "luz

do mundo" (Mt 5.14). Já as outras cinco virgens, apesar de também serem religiosas, foram classificadas como "loucas", pois diferentemente das primeiras que se aprovisionaram (v.4), confiavam que apenas a sua religiosidade fosse suficiente para levá-las até o lugar onde o noivo estava (v.3). Sentindo-se seguras e autossuficientes em sua "santidade", acharam que a sua pureza bastava, mas, isso impediu que elas carregassem o óleo da unção, compaixão, amor etc. As cinco loucas representam os crentes mornos e nominais, sem a vestidura espiritual da justiça de Cristo (Mt 7.21-23). As virgens loucas apenas seguiam uma prática religiosa, no entanto, isso não foi suficiente para manter acesa a chama do Espírito de Deus em seus corações, pois assim como as outras, elas cansaram e adormeceram (v.5), porém, acabaram permanecendo na escuridão da religiosidade vazia (v.11).

3. O que representa o azeite. O azeite, através da Bíblia, é símbolo do Espírito Santo, posto que sua missão é ungir, iluminar, purificar, separar etc. (vv.3,4). Nesta parábola, especificamente, representa a presença permanente do Espírito Santo, aliada à fé verdadeira e à santidade necessárias à salvação (Ef 4.30). Portanto, ter azeite, neste caso, vai além do falar em línguas estranhas ou das manifestações de poder, pois indica a necessidade de se evidenciar o fruto do Espírito, sinal de que Ele está conosco (Mt 7.16-20; 12.33; Gl 5.22).

4. A chegada do Noivo. Os cristãos primitivos viviam na expectativa do retorno de Cristo ainda em sua geração (1 Ts 5.1-11), e todos os crentes devem assim viver, pois não sabemos em que hora tal acontecimento se dará (Mc 13.32-37). Nesta parábola, Jesus fala a respeito desta "imprevisibilidade" em relação a sua volta (v.6). O Noivo (Jesus) chegará à meia-noite, ou seja, no momento em que a terra estará completamente imersa pelas trevas. Ao afirmar isso, Jesus declara que Ele voltará no momento em que a humanidade estiver envolvida, com maior intensidade, nas trevas do pecado (Mt 4.16; 6.23; Jo 3.19). Será nessa hora que a chama do amor de muitos se apagará, contudo, nesse momento a luz dos fiéis tornar-se-á ainda mais necessária e percebida (Mt 4.12; Jo 1.5).

SÍNTESE DO TÓPICO I

Mesmo não sendo fácil interpretá-la em seus detalhes, a mensagem da parábola das dez virgens é claríssima.

SUBSÍDIO EXEGÉTICO

"Mateus dá prosseguimento à última seção pedagógica de Jesus, iniciada no capítulo 24, com outra parábola (só encontrada em Mateus) sobre o tópico da perseverança como condição prévia para a salvação última. Esta parábola está de acordo com o reincidente tema do autor sobre o julgamento e o tempo do fim. Uma de suas expressões favoritas, 'Reino dos Céus', também é usada aqui.

"A Parábola das Dez Virgens é um comentário adicional sobre a Parábola dos Dois Servos (Mt 24.45-51). Note como Mateus liga as duas parábolas com o conectivo 'então' (*tote*) usado frequentemente por ele. Na parábola anterior os servos são recompensados ou condenados de acordo com o comportamento íntegro ou abusivo de cada um. Nesta parábola as virgens prudentes e loucas (ou sábias e tolas) são avisadas a perseverar enquanto esperam o noivo. Visto que Jesus tinha parado de condenar os líderes judeus (Mt 23.39), sua intenção

tem de ser que as virgens prudentes e loucas sejam seus seguidores. Quando Mateus registra esta parábola décadas depois de Jesus tê-la ensinado, as virgens loucas são os cristãos que pensam que a Vinda de Jesus está tão iminente que eles não estão preparados para ficar esperando.

"Não nos é dito exatamente o que o azeite (ou óleo) representa aqui. São as boas obras referidas na parábola anterior? É evidente que Jesus não criou uma alegoria extensiva com muitos significados ocultos; entretanto o contexto requer que Jesus seja o noivo, tema popular na igreja primitiva (e.g., Mt 9.15; Jo 3.29; 2 Co 11.2; Ef 5.21-33; Ap 21.2,9; 22.17). Não é sem importância o fato de Jesus usar uma imagem que os profetas do Antigo Testamento identificam com o próprio Deus, sendo Israel identificado com a noiva (Is 54.5; Jr 31.32; Os 2.16). Aqui as virgens na festa de casamento são os membros da Igreja, ao passo que a festa de casamento simboliza o tempo do fim (veja também Mt 22.1-34). Tentar ver mais simbolismo nesta parábola é ler demais o texto ([...]).

"Tradicionalmente o noivo vai primeiro para a casa do pai da noiva, para finalizar o contrato e levá-la a sua casa, para a festa de casamento. As 'damas de honra' são uma uma descrição inexata das dez virgens, já que elas não estão na companhia da noiva, mas esperando o retorno do noivo à sua casa. As 'lâmpadas' poderiam ser tochas empapadas de óleo usadas para a procissão do casamento; por conseguinte as mulheres prudentes levam jarros de óleo para enchê-las quando necessário. Se as virgens prudentes compartilhassem o óleo, nenhuma delas teria luz para saudar o Senhor. A porta está fechada, e a exclusão da festa é final. Dada a presença da danação eterna nas parábolas paralelas constantes antes e depois desta, é claro que não está em vista uma comutação da pena. Note o paralelo com a Parábola das Bodas em Mateus 22.1-14, onde a pessoa sem roupas adequadas é expulsa da festa de casamento" (SHELTON, James B. In ARRINGTON, French L.; STRONDAD, Roger (Eds.). **Comentário Bíblico Pentecostal.** 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p.135).

II – O ARREBATAMENTO DA IGREJA É IMINENTE

1. A importância da vinda de Jesus. A importância da doutrina da segunda vinda do Senhor pode ser percebida pelos números que dão conta de que há mais de 1.500 referências a ela no Antigo Testamento e cerca de 300 em o Novo Testamento, sendo mencionada, apenas pelo apóstolo Paulo, cerca de 50 vezes. Assim, com a parábola das dez virgens, Jesus nos adverte sobre a necessidade de vivermos vigilantes, ou seja, Ele alerta para que não deixemos de amar o próximo, chama a atenção para a obrigação de fazermos o bem, vivermos em santidade e levarmos a mensagem do Evangelho, que fala da reconciliação entre Deus e os homens, através de Cristo (v.13).

2. O significado do Arrebatamento. Dentre as muitas promessas feitas por Jesus, destaca-se a do Arrebatamento da Igreja (Mt 24.40,41; Jo 14.3). A expressão "arrebatamento" significa tirado rapidamente e com força. Já a palavra *harpazo*, do grego, significa arrebatado (At 10.28,29). A segunda vinda de Jesus a este mundo será um evento que se dará em duas etapas distintas. Na primeira fase, Jesus virá secretamente para arrebatar sua Igreja, composta pelos santos ressuscitados e dos vivos transformados, todos serão imediatamente trasladados para o céu por Jesus (Jo 10.28,29; 1 Ts 4.16,17). O

arrebatamento terá lugar nas nuvens e somente os salvos o perceberão (1 Co 15.51,52; 1 Ts 4.13-17). Na segunda fase, Jesus voltará com a sua Igreja glorificada, rodeado de glória e poder, descendo sobre o Monte das Oliveiras, ou seja, virá publicamente, pois todo o mundo o verá (Mt 25.31-46; Jd 14,15; Ap 19).

3. Quando se dará o Arrebatamento. Entre as duas fases da segunda vinda de Cristo, haverá um período de sete anos conhecido como a Grande Tribulação (Dn 9.25-27; Mt 24.21,22; Ap 7.13,14). A Igreja será arrebatada antes deste período que antecederá a ira de Deus (Ap 3.10). A esse ensino bíblico-escatológico, dá-se o nome de Pré-Tribulacionismo. De acordo com o que foi ensinado na parábola das dez virgens, é inconcebível que Deus permita que os redimidos passem pela Grande Tribulação, que culminará com o derramamento da ira santa sobre a civilização pecadora (Ap 15.1). Vimos que todas as dez virgens (as prudentes e as loucas) foram surpreendidas com a chegada inesperada do noivo (vv.5-7), indicando que a parábola das dez virgens refere-se a crentes vivos – fiéis e infiéis –, antes da Grande Tribulação. A chegada do noivo se deu repentinamente, assim como Jesus também voltará de forma inesperada (Mt 24.36,44; Ap 22.12a). Por essa razão, devemos estar preparados, com vestes brancas, porque a volta do Senhor ocorrerá na hora em que menos imaginamos.

SÍNTESE DO TÓPICO II

A iminência do arrebatamento da Igreja é um convite a estarmos despertados espiritualmente.

III – UMA VIDA CHEIA DO ESPÍRITO E DE SANTIDADE

1. Prontidão e santificação. A parábola das dez virgens ressalta o valor de cada cristão estar pronto e com a vida santificada, isto é, vivendo de forma separada das coisas profanas, consagrando a vida a uma única coisa – agradar ao seu Noivo, o Senhor Jesus (Ap 19.7). Os principais conceitos relacionados à santificação são a separação daquilo que é pecaminoso por um lado, e, por outro, a consagração àquilo que é justo e que está de acordo com a vontade de Deus (Lv 19.2; Rm 6.19,22; 2 Co 6.14; Ef 5.3; 1 Ts 5.23; 1 Pe 1.15).

2. Estar cheio do Espírito Santo é um estilo de vida. Viver na plenitude

CONHEÇA MAIS

*Classificação da Parábola

"Esta parábola narrativa duplamente indireta também se apresenta como uma síncrise, isto é, uma analogia *implícita* de exemplos contrastantes. Ela compara a nossa prontidão em participarmos da celebração de um casamento (ou, bodas) à prontidão de participarmos do Reino vindouro. Ela não apresenta uma *nimshal* interpretativa, embora o v.13 seja um apêndice explicativo." Para conhecer mais, leia **Compreendendo todas as Parábolas de Jesus**, CPAD, p.706.



do Espírito Santo é a maior necessidade para a nossa vida hoje, mas ninguém pode ser cheio do Espírito Santo de Deus se não adotar um estilo de vida santo. Santidade é o caminho para receber o poder do Espírito Santo (Lc 1.28,30). A santificação, em contraste com a justificação, que ocorre no momento da conversão a Cristo (Rm 6.4-23), é um processo progressivo que perdura por toda a nossa vida, pois enquanto aqui estivermos, somos pecadores regenerados que precisamos do trabalho diuturno do Espírito (Rm 8.1-17; 2 Co 3.18; 2 Pe 3.18). Deus tem grande alegria em ver que os seus filhos procuram viver em santidade, cheios do Espírito Santo, abundantes nos dons visando edificar a Igreja, fazendo discípulos e cuidando bem de cada pessoa. Por isso, cabe a cada um a seguinte reflexão: O meu estilo de vida agrada a Deus?

3. Andando em santidade para com todos. No intuito de vivermos uma vida santa e cheia do Espírito Santo, devemos quebrantar o coração, tornando-o completamente consagrado, dedicando-o a Deus e ao seu trabalho (Rm 8.14; Ef 5.18). Nosso compromisso é agradar ao Senhor, andando em santidade, de maneira fiel e leal a Deus, à família, à igreja, ao nosso pastor, aos irmãos de fé (Hb 12.14). Não podemos perder de vista que a promessa de uma vida plena e cheia do Espírito Santo é para todos os filhos de Deus, portanto, para todos nós hoje (At 2.38,39).

SÍNTESE DO TÓPICO III

A mensagem da parábola das dez virgens é um convite a buscarmos ter uma vida de santidade e cheia do Espírito Santo.

CONCLUSÃO

Assim como as virgens prudentes, devemos estar com nossas lâmpadas cheias para irmos ao encontro do noivo! Que nossas lâmpadas possam estar sempre acesas. Para isso, elas devem estar cheias de azeite. Devemos estar vigilantes contra toda a ação de Satanás que tentará por todos os meios desviar a nossa atenção da realidade do arrebatamento da Igreja (Ef 5.14). Que possamos estar de prontidão para a vinda do nosso Noivo. Não é tempo de ficarmos prostrados e sim atentos para ouvir a voz de Deus (Mt 26.41).

ANOTAÇÕES DO PROFESSOR

PARA REFLETIR

A respeito de "Despertemos para a Vinda do Grande Rei", responda:

• Quais são as duas classes de virgens da parábola?
A parábola fala que havia duas classes de virgens, ou seja, "prudentes" e "loucas".

• O que o azeite representa na parábola?
Nesta parábola, especificamente, representa a presença permanente do Espírito Santo, aliada à fé verdadeira e a santidade necessárias à salvação (Ef 4.30).

• Quais são as duas fases da segunda vinda de Jesus?
Na primeira fase, Jesus virá secretamente para arrebatar sua Igreja, composta pelos santos ressuscitados e dos vivos transformados, todos serão imediatamente trasladados para o céu por Jesus (Jo 10.28,29; 1 Ts 4.16,17). O arrebatamento terá lugar nas nuvens e somente os salvos o perceberão (1 Co 15.51,52; 1 Ts 4.13-17). Na segunda fase, Jesus voltará com a sua Igreja glorificada, rodeado de glória e poder, descendo sobre o Monte das Oliveiras, ou seja, virá publicamente, pois todo o mundo o verá (Mt 25.31-46; Jd 14,15; Ap 19).

• Entre tantas lições, o que ressalta a parábola das dez virgens?
A parábola das dez virgens ressalta o valor de cada cristão estar pronto e com a vida santificada, isto é, vivendo de forma separada das coisas profanas, consagrando a vida a uma única coisa – agradar ao seu Noivo, o Senhor Jesus (Ap 19.7).

• Se Jesus arrebatar a Igreja hoje você está preparado?
Resposta pessoal.

CONSULTE

Revista Ensinador Cristão - CPAD, nº 76, p.41. Você encontrará mais subsídios para enriquecer a lição. São artigos que buscam expandir certos assuntos.

SUGESTÃO DE LEITURA



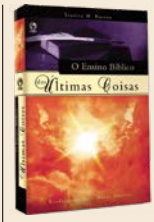
Guia Profético Para o Fim dos Tempos

Um guia ilustrado e fácil de entender sobre as profecias bíblicas dos fins dos tempos, bem como as principais linhas de interpretação de Apocalipse.



Agentes do Apocalipse

Será que estamos vivendo nos últimos dias? E se os atores descritos no livro de Apocalipse já estiverem atuando nos dias de hoje?



O Ensino Bíblico das Últimas Coisas

Neste livro surpreendente e esclarecedor, descubra o que está reservado para o povo de Deus.



Lição 12

23 de dezembro de 2018

Esperando, mas Trabalhando no Reino de Deus

Texto Áureo

"Cada um administre aos outros o dom como o recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus."

(1 Pe 4.10)

Verdade Prática

Enquanto vigilantes aguardamos a volta de Cristo, devemos trabalhar diligentemente na causa do Mestre.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Cl 3.23
Fazer tudo de todo o coração como se fosse para Deus

Terça – Fp 2.14
Fazer tudo sem reclamações e queixas, pois fazemos para Deus

Quarta – Ef 2.10
Fomos criados para praticar as obras que glorificam a Deus

Quinta – Mt 28.19
Enquanto aguardamos a Vinda do Senhor, temos de pregar o Evangelho

Sexta – Hb 6.10
Deus não se esquece da nossa dedicação e do nosso trabalho

Sábado – 1 Co 15.58
Quem trabalha para o Senhor pode ter certeza que será recompensado

LEITURA BÍBLICA EM CLASSE

Mateus 25.14-30

14 – *Porque isto é também como um homem que, partindo para fora da terra, chamou os seus servos, e entregou-lhes os seus bens,*
15 – *e a um deu cinco talentos, e a outro, dois, e a outro, um, a cada um segundo a sua capacidade, e ausentou-se logo para longe.*
16 – *E, tendo ele partido, o que recebera cinco talentos negociou com eles e granjeou outros cinco talentos.*
17 – *Da mesma sorte, o que recebera dois granjeou também outros dois.*
18 – *Mas o que recebera um foi, e cavou na terra, e escondeu o dinheiro do seu senhor.*
19 – *E, muito tempo depois, veio o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles.*
20 – *Então, aproximou-se o que recebera cinco talentos e trouxe-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, entregaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que ganhei com eles.*
21 – *E o seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor.*
22 – *E, chegando também o que tinha recebido dois talentos, disse: Senhor, entregaste-me dois talentos; eis que com eles ganhei outros dois talentos.*
23 – *Disse-lhe o seu senhor: Bem está, bom e fiel servo. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor.*
24 – *Mas, chegando também o que recebera um talento disse: Senhor, eu conhecia-te, que és um homem duro, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste;*
25 – *e, atemorizado, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu.*
26 – *Respondendo, porém, o seu senhor, disse-lhe: Mau e negligente servo; sabes que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei;*
27 – *devias, então, ter dado o meu dinheiro aos banqueiros, e, quando eu viesse, receberia o que é meu com os juros.*
28 – *Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem os dez talentos.*
29 – *Porque a qualquer que tiver será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver, até o que tem ser-lhe-á tirado.*
30 – *Lançai, pois, o servo inútil nas trevas exteriores; ali, haverá pranto e ranger de dentes.*

HINOS SUGERIDOS: 115, 16, 305 da Harpa Cristã

OBJETIVO GERAL

Incentivar o desenvolvimento do dom recebido do Senhor ao mesmo tempo em que aguardamos a vinda dEle.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Abaixo, os objetivos específicos referem-se ao que o professor deve atingir em cada tópico. Por exemplo, o objetivo I refere-se ao tópico I com os seus respectivos subtópicos.



I **Interpretar** a parábola dos dez talentos;

II **Incentivar** a utilização consciente e responsável dos talentos recebidos de Deus;

III **Conscientizar** de que nosso dever é trabalhar até a Vinda do Senhor.

• INTERAGINDO COM O PROFESSOR

O apóstolo Pedro fala de nossa responsabilidade no desenvolvimento de nossos dons, ao dizer que cada "um" deve administrar "aos outros o dom como recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus" (1 Pe 4.10). Se por um lado devemos esperar, ou aguardar, a Vinda do Senhor, por outro, enquanto isso não acontece, é nosso dever trabalhar na causa do Mestre, levando a Palavra do Evangelho a todo o mundo (Mt 28.19,20). É justamente isso que o Senhor Jesus Cristo ensinou com a parábola que estudaremos hoje. Veremos, inclusive, que fazer tal trabalho não se trata de uma opção, mas de algo obrigatório, posto que tal ordem foi dada pelo Senhor. Precisamos desenvolver os talentos que recebemos de Deus.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

A parábola dos talentos retrata um senhor que viaja para fora do país e deixa suas posses sob a responsabilidade de seus servos. Enquanto ele estiver ausente, os servos deverão negociar os seus bens para obter lucro. No dia que o senhor voltar, eles deverão prestar contas. A referência sobre o longo tempo de duração da viagem (Mt 25.19) desperta a questão de saber quem estará pronto para o retorno do senhor. Assim, uma das grandes lições da parábola dos talentos está na importância de se "remir" o tempo, de maneira sábia, antes que Cristo volte. Não se trata de uma espera desinteressada, pois exige de cada um de nós, seus servos, que levemos adiante a tarefa de cuidar dos "bens" e tiremos o máximo proveito da oportunidade que nos foi confiada. Estar preparado para a volta de Jesus significa também comprometer-se com a tarefa que nos foi designada pelo Senhor (Lc 19.13b).

PONTO CENTRAL

Trabalhar para o Senhor é uma forma de atuar como súditos do Reino.

I – INTERPRETAÇÃO DA PARÁBOLA DOS DEZ TALENTOS

1. O contexto da parábola. A maioria dos estudiosos enfrenta dificuldade para explicar o contexto da parábola dos talentos, pois se trata de uma narrativa que expõe uma realidade econômica muito distinta da nossa. Um ou outro arriscou uma explicação dizendo que o procedimento adotado pelo senhor da parábola era uma das formas que as pessoas de posse adotavam quando se ausentavam por um longo período de tempo. No entanto, tal explicação não é o mais importante, e sim a sua mensagem.

2. Conhecendo o sistema financeiro da época. Os estudiosos destacam ainda que embora Jesus usasse, via de regra, em suas parábolas, imagens da vida no campo, dos trabalhadores braçais e até da família, nesta o Senhor tomou exemplos do sistema financeiro, pelo fato de que, naquela época, tal sistema era um assunto corriqueiro e criticado entre as pessoas. Assim, ainda que elas não tivessem posses e fossem pobres, sabiam desse sistema e entendiam também que as pessoas que tinham muito dinheiro eram as que possuíam maiores condições de multiplicar seus bens. Uma vez que desde sempre os juros de empréstimos são elevados, certamente talvez, por isso, os servos bons e fiéis tenham atuado, eles

mesmos, como banqueiros, emprestando o dinheiro a altos juros e realizando grandes negócios (v.27).

3. A motivação e o significado da parábola. Pelo contexto escatológico em que foi contada, muito provavelmente a parábola dos talentos tem como finalidade retratar o período que abrange desde a ascensão de Jesus até sua segunda vinda e foi dirigida aos seus discípulos com o objetivo de alertá-los a ter uma vida pautada nos valores do Evangelho (Mt 25.13-15). O homem rico a quem os servos se referiram como "senhor" que iria partir é uma representação do Senhor Jesus Cristo. A viagem a um país distante se refere à sua partida para o céu, após a sua ascensão. Os servos eram, inicialmente, os doze discípulos a quem Jesus dirigiu a parábola, e num sentido mais amplo, refere-se a todas as pessoas nascidas de novo. Os talentos são os dons que o Senhor entregou aos seus servos. Inclusive, a nossa palavra "talento", com o sentido que conhecemos, vem desse uso que o Mestre fez da expressão. A volta do senhor dos talentos seria o equivalente à segunda vinda de Cristo, enquanto a recompensa, ou o castigo, seriam uma representação do destino dos salvos e dos não-salvos (vv.20-27). A aprovação elogiosa que o senhor fez aos servos, no seu retorno, refere-se aos galardões que se podem esperar do julgamento das obras no Tribunal de Cristo (2 Co 5.10). Já a condenação do servo que negligenciou sua responsabilidade em relação ao talento, é uma advertência contra o não uso, ou o uso indevido dos dons (vv.28-30 cf. Mt 7.21-23).

SÍNTESE DO TÓPICO I

Desenvolver os talentos, ou dons, é a grande mensagem da parábola.

SUBSÍDIO EXEGÉTICO

"A palavra grega *talanton*, usada somente por Mateus, é uma moeda de alto valor, dependendo do metal do qual é feito (em contraste com a palavra *mna* que Lucas usa, a qual tinha consideravelmente menos valor, Lc 19.13). Em certo ponto um talento era igual a seis mil denários, sendo o valor de um denário o salário de um dia para os trabalhadores (veja Mt 18.23-28). (Em nosso idioma usamos a palavra talento para nos referirmos à habilidade que a pessoa tenha, sentido este proveniente desta parábola.) Emprestar dinheiro para ganhar juros e enterrar tesouros de moedas eram práticas comuns nessa época.

"Quando o nobre volta, cada servo o trata de 'Senhor' (*kyrie*). Para os leitores de Mateus conotava a divindade de Jesus. Embora todos o chamem de Senhor, nem todos são servos fiéis. Todo aquele que trabalha fielmente nos negócios do Reino é aprovado e convidado a 'entra[r] no gozo do teu senhor' (Mt 25.21,23). O servo infiel afirma que sua inação é resultado de medo do senhor, que teria ficado bravo se o servo tivesse investido o dinheiro num empreendimento improdutivo. Em vez de arriscar a perder, ele enterra o tesouro como garantia (cf. Mt 13.44). Mas ele se condena com as próprias palavras. O senhor o chama de 'mau e negligente servo' (Mt 25.26). Fazer o trabalho do Reino obtém abundância na consumação do tempo do fim, ao mesmo tempo que a negligência (ou a preguiça) é recompensada com a danação eterna ([...]). Jesus ensinou que a *prática* da justiça e do perdão graciosos de Deus são indispensáveis para a salvação última" (SHELTON, James B. In ARRINGTON, French L.; STRONDAD, Roger (Eds.). **Comentário Bíblico Pentecostal.** 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p.136).

II – USANDO A NOSSA CAPACIDADE PARA O REINO DE DEUS

1. O Senhor reparte seus talentos segundo a nossa capacidade. A parábola dos talentos nos ensina uma grande verdade sobre o nosso potencial, isto é, a aptidão e a possibilidade que cada um possui de realizar uma tarefa. Por isso, o texto fala que a quantidade de talentos foi repartida "a cada um segundo a sua capacidade" (v.15). Deus não concede um talento a uma pessoa sem que esta tenha condições de desenvolver e nem requer de alguém uma tarefa para a qual não a tenha chamado. Qual é o seu talento? Qual é a sua capacidade? Contente-se com o seu talento, pois você o recebeu do Senhor de acordo com a sua capacidade. A esse respeito, a parábola mostra a diferença de responsabilidade, pois diferimos uns dos outros na quantidade de dons recebidos. Note que, apesar de os servos terem recebido uma quantidade diferente de talentos, que foram distribuídos de acordo com a capacidade pessoal de cada um, a recompensa pela dedicação de cada um deles à tarefa foi igual.

2. A capacitação do homem por Deus. Desde o livro de Êxodo, a Bíblia apresenta o agir de Deus na vida de homens com a finalidade de capacitá-los para o exercício de uma atividade (35.30-35). O texto fala da capacitação divina a Bezalel e a Aoliabe, dizendo que Deus lhes deu habilidade para fazerem trabalhos manuais e engenhosos específicos, além de capacidade para criar "invenções". Diante da grande tarefa que tinha diante de si em liderar o povo de Deus, apesar de ter sido escolhido para desempenhar tal papel, Salomão pede ao Senhor que lhe dê sabedoria (1 Rs 3.6-9). Assim também o apóstolo Paulo reconhece, de forma humilde, que não somos "capazes, por nós, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos; mas a nossa capacidade *vem* de Deus" (2 Co 3.5). Esta é a atitude que se espera de quem realmente tem um chamado da parte de Deus: Reconhecer que a nossa capacidade vem de Deus.

3. O acerto de contas. A responsabilidade de desempenhar uma missão na obra de Deus é de tal envergadura que a parábola que estamos estudando fala do acerto de contas dos servos de Deus, com o seu Senhor, e mostra algumas verdades interessantes. Entre elas a de que os homens podem até receber dons desiguais, mas devem desenvolvê-los e entregá-los com a mesma diligência, pois os que fizerem a vontade do seu senhor receberão a mesma remuneração (vv.21,23). De igual forma, o negligente, independentemente do quanto recebeu, pela sua maneira de lidar com o talento, também será punido (vv.28,30).

CONHEÇA MAIS

*A Origem da Nossa Moderna Palavra "Talento"

"A definição que conhecemos de 'talento' como uma referência à capacidade humana é derivada desta parábola e, apesar das pessoas interpretarem o 'talento' como tendo uma ligação com a capacidade há muito tempo atrás, este uso da palavra não surgiu antes do século XV." Para conhecer mais, leia **Compreendendo todas as Parábolas de Jesus**, CPAD, p.737.



SÍNTESE DO TÓPICO II

Como discípulos de Cristo, nossos dons, recebidos dEle, devem ser utilizados para exteriorizar e revelar o Reino de Deus.

SUBSÍDIO BIBLIOLÓGICO

"Os três servos receberam seus talentos (Mt 25.15). Cada um deles trabalharia e administraria os bens conforme a sua capacidade pessoal. Aquele senhor deixou aqueles talentos em suas mãos para serem cuidados e negociados. Não há acepção, nem discriminação. Cada qual negociaria da melhor forma possível com aquilo que recebeu para trabalhar. Cada qual deveria preocupar-se apenas com o seu trabalho e procurar fazê-lo bem. Não pode haver espaço para invejas, ciúmes e porfias entre os servos de Cristo, que são coisas típicas de pessoas carnais (Gl 5.19-21). A entrega dos talentos representava não só a confiança, mas significava o teste que provaria a fidelidade de cada um deles. Os servos de Cristo na terra, da mesma forma, são selecionados para trabalharem com os talentos recebidos, e o Senhor espera que os mesmos trabalhem e façam multiplicar os bens do Senhor. Ele chama e seleciona pessoas como quer" (CABRAL, Elienai. **Mordomia Cristã.** 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p.144).

III – TRABALHANDO ATÉ O SENHOR VOLTAR

1. Usando os talentos segundo a nossa capacidade. Assim como a distribuição dos bens foi proporcional à capacidade de cada um dos servos, de igual maneira, espera-se que a sua utilização obedeça à mesma regra, ou seja, os talentos devem ser usados de acordo com a capacidade de cada um. A respeito do trabalho com a expansão do Reino de Deus, o Senhor reparte talentos segundo a nossa capacidade e os requer na mesma medida, pois "a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá, e ao que muito se lhe confiou, muito mais se lhe pedirá" (Lc 12.48b). Cientes de sua obrigação, os dois primeiros servos, não sabendo quanto tempo o seu senhor estaria ausente, tão logo ele se foi, começaram a negociar imediatamente e empregaram seus talentos, ou seja, eles negociaram e não descansaram enquanto não dobraram o que tinham recebido (vv.20,22). Em ambos os casos os talentos foram devidamente empregados. Se o servo que recebera um talento tivesse feito o mesmo, certamente o seu desempenho seria semelhante (vv.26,27).

2. A advertência de que haverá uma prestação de contas. Por mais que tenha demorado, "o senhor daqueles servos" voltou e chamou-os para ajustar "contas com eles" (v.19). De modo semelhante, Cristo não nos chamou para que fiquemos ociosos, pois Ele chamará cada um a prestar contas de seu trabalho na obra de Deus (Lc 12.48b; 2 Co 5.10). A parábola nos adverte para o fato de que recebemos algo de Cristo, ou seja, dons e talentos, com a finalidade de trabalharmos para Ele, pois a "manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil" (1 Co 12.7). É necessário atentar para esta verdade, pois o dia de prestar contas chegará e todos seremos examinados.

3. Recompensa no Tribunal de Cristo. Além de ser uma responsabilidade, trabalhar no Reino de Deus é um privilégio. Os elogios que o senhor fez aos servos no seu retorno (vv.21,23) lembram dos galardões que, como seus servos, podemos esperar no dia do julgamento de nossas obras no Tribunal de Cristo (1 Co 3.12-15 cf. 2 Co 5.10). Alegremo-nos com essa verdade.

SÍNTESE DO TÓPICO III

Não basta apenas trabalhar, é preciso entender que o trabalho é feito para Deus a quem um dia prestaremos contas.

SUBSÍDIO DIDÁTICO

Aproveite a temática da lição como um todo, mas desse terceiro tópico, em especial, para incentivar à classe a praticar o evangelismo pessoal e a falar de Cristo em todo e qualquer lugar, seja nas redes sociais ou mesmo no trabalho ou na vizinhança. Estimule aqueles que têm vocação para o ensino, oferecendo a oportunidade de, nas próximas aulas, eles introduzirem ou, talvez, concluírem a lição. Dessa forma você estará contribuindo para a continuidade do ministério de ensino.

CONCLUSÃO

Uma vez que Jesus não estabeleceu uma data para a sua volta, Ele pode vir a qualquer momento (Mt 24.36; Mc 13.32; At 1.7). Todavia, sempre há tempo suficiente, antes que Cristo venha, para que os que forem servos bons e fiéis dupliquem os talentos que o Senhor lhes confiou.

PARA REFLETIR

A respeito de "Esperando, mas Trabalhando no Reino de Deus", responda:

• Pelo contexto escatológico, qual é a finalidade da parábola dos talentos?
Pelo contexto escatológico em que foi contada, muito provavelmente a parábola dos talentos tem como finalidade retratar o período que abrange desde a ascensão de Jesus até sua segunda vinda e foi dirigida aos seus discípulos com o objetivo de alertá-los a ter uma vida pautada nos valores do Evangelho (Mt 25.13-15).

• Quem os servos da parábola representam?
Os servos eram, inicialmente, os doze discípulos a quem Jesus dirigiu a parábola, e num sentido mais amplo, refere-se a todas as pessoas nascidas de novo.

• Qual é a atitude que se espera de quem realmente tem um chamado da parte de Deus?
Reconhecer que a nossa capacidade vem de Deus.

• Para que recebemos dons da parte do Senhor?
Recebemos algo de Cristo, ou seja, dons e talentos, com a finalidade de trabalharmos para Ele, pois a "manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil" (1 Co 12.7).

• Você tem utilizado seus talentos e dons em prol do Reino de Deus?
Resposta pessoal.

CONSULTE

Revista Ensinador Cristão - CPAD, nº 76, p.42. Você encontrará mais subsídios para enriquecer a lição. São artigos que buscam expandir certos assuntos.



Lição 13

30 de dezembro de 2018

A Humildade e o Amor Desinteressado

Texto Áureo

"Porquanto, qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado."

(Lc 14.11)

Verdade Prática

Jesus apresenta, a partir de seu próprio exemplo, o caminho da humildade e do amor altruísta como indispensável aos que querem servi-lo.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Fp 2.3
Considerar os outros superiores a nós mesmos

Terça – Rm 12.3
Não ter um conceito elevado de si mesmo

Quarta – Pv 22.4
O prêmio da humildade são riquezas, honra e vida

Quinta – Ef 4.1,2
Andar em humildade é uma posição digna da nossa vocação

Sexta – 1 Pe 5.6
Humilhar-se debaixo da potente mão de Deus

Sábado – Pv 18.12
A humildade vem sempre antes da honra

LEITURA BÍBLICA EM CLASSE

Lucas 14.7-14

7 – *E disse aos convidados uma parábola, reparando como escolhiam os primeiros assentos, dizendo-lhes:*

8 – *Quando por alguém fores convidado às bodas, não te assentes no primeiro lugar, para que não aconteça que esteja convidado outro mais digno do que tu,*

9 – *e, vindo o que te convidou a ti e a ele, te diga: Dá o lugar a este; e então, com vergonha, tenhas de tomar o derradeiro lugar.*

10 – *Mas, quando fores convidado, vai e assenta-te no derradeiro lugar, para que, quando vier o que te convidou, te diga: Amigo, assenta-te mais para cima. Então, terás honra diante dos que estiverem contigo à mesa.*

11 – *Porquanto, qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado.*

12 – *E dizia também ao que o tinha convidado: Quando deres um jantar ou uma ceia, não chames os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem vizinhos ricos, para que não suceda que também eles te tornem a convidar, e te seja isso recompensado.*

13 – *Mas, quando fizeres convite, chama os pobres, aleijados, mancos e cegos*

14 – *e serás bem-aventurado; porque eles não têm com que to recompensar; mas recompensado serás na ressurreição dos justos.*

HINOS SUGERIDOS: 35, 541, 355 da Harpa Cristã

OBJETIVO GERAL

Expressar o valor da humildade e do amor desinteressado.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Abaixo, os objetivos específicos referem-se ao que o professor deve atingir em cada tópico. Por exemplo, o objetivo I refere-se ao tópico I com os seus respectivos subtópicos.



I **Interpretar** a parábola dos primeiros lugares e dos convidados;

II **Sublinhar** as grandes lições da parábola e a inversão da lógica humana;

III **Distinguir** a recompensa da humildade e do altruísmo.

• INTERAGINDO COM O PROFESSOR

Findamos mais um trimestre e com ele encerramos o ano de 2018. Além do que ainda temos a aprender com esta última lição, recebemos, ao longo deste trimestre, valiosos esclarecimentos para a nossa caminhada cristã. A revista não poderia terminar melhor, pois estamos diante de mais uma lição essencialmente prática. Para além das importantes questões concernentes à vida espiritual, a presente lição é uma aula de etiqueta e de como comportar-se em sociedade e em ambientes específicos onde o exercício do bom senso e da discrição só faz bem. Aproveitemos uma vez mais essa oportunidade de aprendizado para melhorarmos nosso comportamento e forma de relacionar-se. Uma excelente aula e término de trimestre.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

Jesus contou a parábola dos primeiros assentos, ou lugares de honra, e dos convidados, ao participar de uma refeição na casa de um fariseu. Ele instruiu a todos acerca da humildade e do perfil das pessoas que devem ser convidadas para ocasiões especiais. O verdadeiro objetivo do fariseu, e de seus companheiros, era encontrar algo em Cristo que pudesse condená-lo. Na ocasião, Jesus observou o perfil dos convidados e notou que eles buscavam escolher os primeiros lugares. Foi a partir dessa observação, e também do perfil dos convidados, que o Mestre contou essa curta, mas instrutiva, parábola.

PONTO CENTRAL

Humilhar-se e praticar o amor sem esperar nada em troca são posturas cristãs.

I – INTERPRETAÇÃO DA PARÁBOLA DOS PRIMEIROS LUGARES E DOS CONVIDADOS

1. O dia, a ocasião e o local. O dia, a ocasião e o local onde essa parábola foi contada são três pontos importantes para se entender sua importância. No início do capítulo somos informados que, num sábado, Jesus fora comer na casa de um dos chefes dos fariseus e deparou-se com um homem hidrópico, (Lc 14.1,2). Após provocar os fariseus que ali estavam, Jesus curou o enfermo e ele se foi (Lc 14.3,4). O Mestre então revelou que os religiosos que se encontravam ali faziam determinados trabalhos que eles julgavam importantes em dia de sábado (Lc 14.5), e que curar o homem, sem importância para eles, certamente era lícito, por isso, "nada lhe podiam replicar sobre isso" (Lc 14.6). Uma vez que se tratava de uma refeição, era comum, em ocasiões como essa, haver uma distribuição especial de lugares para os convidados que, normalmente, se assentavam ao redor de uma mesa quadrangular, cuja posição central era ocupada pelo anfitrião, e, bem próximo a ele, isto é, à esquerda e à direita, posicionavam-se os convidados mais distintos. Era costume um convidado ser honrado pelo dono da festa. Desejar esta homenagem não era algo errôneo, porém, na ansiedade de buscar tal honraria, muitos se excediam, demonstrando ausência de humildade e desejo por reconhecimento humano.

2. A parábola. É com este contexto em mente que devemos estudar a parábola dos primeiros assentos e dos

convidados. Havia dois objetivos por parte do Senhor. Primeiro, Ele procurava ensinar aos convidados e, ao mesmo tempo, os seus discípulos e a todos os que o aceitam, acerca de não se buscar lugares de honra, pois no Reino de Deus servir é mais importante do que ocupar uma posição. Segundo, ao curar o hidrópico, Jesus instruía ao anfitrião, e a todos nós, que não devemos ser seletivos quanto aos convidados para uma ocasião especial, pois assim como Deus aceita a todos, devemos ser prestativos e servir a todos, pois se atendermos pessoas abastadas, elas vão querer nos retribuir, e isso será a nossa recompensa (v.12).

3. Os grandes ensinamentos da parábola. Os ensinamentos de Jesus para os convidados não são uma série de bons conselhos sobre etiqueta social, mas lições com significado prático-espiritual. Por isso, esta última lição visa conscientizar-nos de nossa postura enquanto discípulos de Cristo, destacando a importância de, na prática, demonstrarmos o quanto vivemos sob uma forma diferente da do mundo (Rm 12.2; Mt 20.17-28).

SÍNTESE DO TÓPICO I

A interpretação da parábola dos primeiros lugares e dos convidados ensina-nos grandes verdades prático-espirituais.

SUBSÍDIO EXEGÉTICO

"A parábola é, na verdade, uma repreensão de muitos à mesa de jantar. Na maioria das culturas, há lugares de muita e de poucas honras numa refeição (Bratcher, 1982, p.244). Pessoas de posição social mais alta têm lugares mais próximos do anfitrião. Para ensiná-los a ordem das coisas de Deus, Jesus começa exortando-os a que, se são convidados a um casamento, tomem os lugares mais baixos. Uma pessoa de mais destaque que eles pode ter sido convidada. Se um convidado chegar antes dessa pessoa e tomar o assento mais próximo do anfitrião, ele corre o risco de ser humilhado. O anfitrião pedirá àquele que está num lugar de honra a sair. O convidado presunçoso talvez descubra que a maioria dos lugares está ocupado, o que o forçará a ocupar um lugar menos desejável. Sua autopromoção o levou à vergonha e humilhação.

"Jesus não recomenda a prática da falsa humildade, mas o convidado que, de começo, toma o lugar mais humilde não se arrisca a passar vexame. De fato, quando o anfitrião o vir sentado em lugar humilde, ele o convidará a se sentar mais para cima. Isto lhe dá honra aos olhos de todos os convidados no casamento.

"Jesus se dirigiu aos convidados. Agora Ele se volta para o anfitrião. O que Ele lhe diz também se aplica aos líderes religiosos. Os fariseus excluíam os pobres, os aleijados, os mancos e os cegos da plena participação da vida religiosa. Para contornar esta prática, Jesus indica que a hospitalidade deve ser estendida a todos e adverte contra incluir somente os amigos, os parentes, os ricos e os famosos.

"A tentação é entreter só o nosso grupo. Quando um anfitrião convida outros para jantar em sua casa, ele deve incluir aqueles que não lhe podem devolver o favor. Se ele sente que os convidados vão retribuir-lhe o convite, o que ele deu? Nada! É apenas comércio, sem ter generosidade. Sua hospitalidade é motivada por desejo de recompensa. Mas a verdadeira hospitalidade e generosidade ocorrem quando não há possibilidade de retribuição. Aqueles

que querem agradar a Deus devem alcançar os pobres e os que sofrem de incapacidade física ou mental. Jesus não proíbe que convidemos os que podem nos retribuir o convite, mas proíbe que esqueçamos os que não estão em posição de retribuir. A generosidade e a bondade não devem ser usadas para ganhar poder sobre os outros e a colocá-los em dívida para conosco. A verdadeira hospitalidade, instigada por amor genuíno, não tem restrições" (ARRINGTON, F. L. In ARRINGTON, French L.; STRONDAD, Roger (Eds.). **Comentário Bíblico Pentecostal.** 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, pp.415,416).

II – AS GRANDES LIÇÕES DA PARÁBOLA E A INVERSÃO DA LÓGICA HUMANA

1. A primeira grande lição da parábola. Esta parábola ensina, acima de tudo, a humildade como marca de um verdadeiro seguidor de Cristo (Lc 9.23,24). Jesus instrui que é prudente a qualquer convidado ocupar sempre o lugar de menor destaque à mesa, e que esse comportamento deve ser sincero, pois cabe ao anfitrião a prerrogativa de julgar quem deve ser reconhecido (vv.8,9). A lição está na ideia de que ocupar de forma espontânea uma posição humanamente inferior ensejava a oportunidade de se experimentar algo realmente honroso, ou seja, ao portar-se de maneira humilde o convidado poderia ser honrado com naturalidade, uma vez que, se fosse chamado a ocupar um lugar à frente, se destacaria em relação à posição em que se encontrava (v.10). Ao contrário, se caso se colocasse num local de destaque, sem ter sido convidado para isso, experimentaria o caminho da vergonha, sendo removido para dar lugar a alguém que o anfitrião julgasse merecedor e digno daquela honra (vv.8,9).

2. A segunda grande lição da parábola. Além da sensatez que faz a opção pela humildade, Cristo ensina nesta parábola que se formos dar um jantar devemos convidar e acolher os menos favorecidos (v.13). A ênfase da segunda grande lição ensinada por Cristo mostra que as ações devem ser praticadas sem esperar reciprocidade alguma (v.12). Tais práticas devem nortear os pensamentos dos verdadeiros seguidores do Mestre, pois Ele mesmo assim vivia e praticava boas ações com espírito humilde e amor desinteressado (Mt 20.28; Jo 10.17,18; 15.13). Este ensinamento de Cristo, naturalmente, não se refere apenas ao ato de convidar alguém para jantar, mas diz respeito a todas as atividades que são realizadas em favor de algum próximo que não tem como nos retribuir (Mt 25.34-40).

3. A lógica do Reino é diferente da humana. As duas grandes lições da parábola dos primeiros assentos e dos convidados desafiam a lógica humana, pois nesta prevalecem os adágios e as estratégias oportunistas, mas na lógica do Reino tudo é diferente (Mt 20.25-28 cf. v.11). De igual forma, devemos ajudar os que não têm condições, pois estes geralmente são esquecidos, pois não tendo nada a oferecer, acabam abandonados. O Senhor, porém, ensina que quando formos realizar algo assim, devemos convidar "os pobres, aleijados, mancos e cegos" (v.13), pois estes não têm como nos "recompensar" (v.14). Isso, porém, não significa que ficaremos sem recompensa.

SÍNTESE DO TÓPICO II

Humildade e amor desinteressado são as grandes lições ensinadas nesta parábola que também desafia a lógica humana.

SUBSÍDIO HISTÓRICO-CULTURAL

"Na época de Jesus, o costume judaico em um jantar era dispor os assentos em forma de U com uma mesa baixa diante deles. Os convidados se apoiariam no cotovelo esquerdo, e estariam sentados de acordo com a sua posição social, sendo o lugar de honra o assento no centro do U. Quanto mais distante do lugar de honra, menor o status. Se alguém se colocasse no primeiro lugar e então chegasse outro convidado mais digno, lhe pediriam que passasse para um lugar inferior. Mas a esta altura o único lugar vago seria o derradeiro, no final da mesa" (**Comentário do Novo Testamento.** Vol 1. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, pp.417-18).

III – A RECOMPENSA DA HUMILDADE E DO ALTRUÍSMO

1. Humildade e altruísmo. Nesta parábola Cristo nos ensina o cultivo da humildade e do desprendimento – também conhecido como amor desinteressado ou altruísmo –, como características indispensáveis ao verdadeiro cristão. Mais do que uma lição de educação humana, Cristo fala sobre o privilégio que possuímos de servir e não de sermos servidos (Mc 10.45), exaltando o serviço ao próximo não por vanglória, mas por dedicação pessoal e altruísmo (Pv 18.12; Rm 12.9,10; Fp 2.3-11).

2. Amor, a palavra-chave do altruísmo. Atualmente a palavra amor está desgastada, pois muitos "amam" apenas de lábios, mas não de verdade (1 Jo 3.18). O texto bíblico, porém, é bastante enfático: "O amor não seja fingido" (Rm 12.9a). O amor é a palavra-chave do altruísmo, pois este só pode ser praticado em amor e, por sua vez, o amor só pode ser revelado na prática (Tg 2.15-17; 1 Jo 3.17).

3. A recompensa. Retribuir uns aos outros não é altruísmo, mas ajudar aos que estão necessitados certamente o é, pois isso trará grande recompensa (vv.12b,14; Mt 10.40-42). Ninguém que ajude e estenda a mão aos necessitados ficará sem retribuição da parte do Senhor (Mt 25.34-40).

SÍNTESE DO TÓPICO III

A humildade e o altruísmo não devem ser praticados por causa de reconhecimento, mas sua prática com motivações corretas trará recompensa da parte de Deus.

SUBSÍDIO BIBLIOLÓGICO

"Partir o pão com os necessitados e os inválidos nunca passará sem ser percebido pelo Pai divino. Embora eles não possam nos oferecer recompensa, Deus pode e recompensa. O que os pobres e os que sofrem de incapacidade física ou mental não podem fazer por nós, Ele fará 'na ressurreição dos justos'. Quer dizer, no dia em que os justos ressuscitarem, Deus dará uma recompensa esplêndida àqueles que foram generosos com os necessitados e os fracos. Tais indivíduos mostram por seu serviço amoroso que aprenderam a viver a vida do Reino na terra, e eles serão recompensados com justiça no tempo do fim" (ARRINGTON, F. L. In ARRINGTON, French L.; STRONDAD, Roger (Eds.). **Comentário Bíblico Pentecostal.** 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p.416).

CONCLUSÃO

Jesus aconselhou as pessoas a não se apressarem a ocupar os melhores lugares em um banquete. Entretanto, hoje muitos estão ansiosos por elevar a sua posição social. A quem você procura impressionar? Em vez de buscar prestígio, procure um lugar onde você possa servir. Se Deus quiser que você o sirva em uma escala maior, Ele mesmo o convidará a ocupar uma posição elevada.

ANOTAÇÕES DO PROFESSOR

PARA REFLETIR

A respeito de "A Humildade e o Amor Desinteressado", responda:

• Cite os três pontos importantes para se entender essa parábola.
O dia, a ocasião e o local onde essa parábola foi contada são três pontos importantes para se entender sua importância.

• Quais eram os dois objetivos do Senhor ao contar essa parábola?
Primeiro, Ele procurava ensinar aos convidados e, ao mesmo tempo, os seus discípulos e a todos os que o aceitam, acerca de não se buscar lugares de honra, pois no Reino de Deus servir é mais importante do que ocupar uma posição. Segundo, ao curar o hidrópico, Jesus instruía ao anfitrião, e a todos nós, que não devemos ser seletivos quanto aos convidados para uma ocasião especial, pois assim como Deus aceita a todos, devemos ser prestativos e servir a todos, pois se atendermos pessoas abastadas, elas vão querer nos retribuir, e isso será a nossa recompensa.

• Segundo a parábola, a quem devemos convidar quando formos realizar algum evento?
Cristo ensina nesta parábola que se formos dar um jantar devemos convidar e acolher os menos favorecidos.

• Quais são as características indispensáveis ao verdadeiro cristão e que são ensinadas nesta parábola?
Nesta parábola Cristo nos ensina o cultivo da humildade e do desprendimento também conhecido como amor desinteressado ou altruísmo, como características indispensáveis ao verdadeiro cristão.

• Diante do que aprendemos hoje, você acredita que tem sido humilde e altruísta?
Resposta pessoal.

CONSULTE

Revista Ensinador Cristão - CPAD, nº 76, p.42. Você encontrará mais subsídios para enriquecer a lição. São artigos que buscam expandir certos assuntos.

LUCAS, MAIS QUE UM EVANGELISTA, UM TEÓLOGO CARISMÁTICO

O termo "carismático", teologicamente falando, tem de ser distinguido do seu significado contemporâneo, a saber, conforme é usado para descrever o movimento neopentecostal que penetrou nas denominações históricas das décadas de 1960 e 1970. Por "carismático", refere-se ao dom (gr. charisma) de Deus do seu Espírito para os seus servos, individual ou coletivamente, para ungir, capacitar ou os inspirar para o serviço divino. Conforme está registrado nas Escrituras, a atividade carismática é, necessariamente, um fenômeno experiencial.

Lucas ao escrever seu evangelho e os Atos dos Apóstolos, o fez como teólogo carismático, dando o devido destaque a atuação do Consolador na história de Cristo e da igreja nascente. Seu entendimento do Espírito foi moldado pelo que ele entendia de Jesus e da natureza da igreja primitiva e, por meio de seus escritos, Lucas faz uma importante e exclusiva contribuição para a compreensão da pneumatologia do Novo Testamento que reverbera até hoje, especialmente na pregação e na prática pentecostal que crê que Deus, ainda hoje, distribui os dons do Espírito – os carismas – para que a Igreja cumpra seu papel no mundo.

CPAD

SE SURPREENDA com essa novidade

TV CPAD

A UM CLIQUE DE VOCÊ



A CPAD com a missão de levar o Evangelho a todos os lugares e por todos os meios possíveis, tem a grande honra de lançar um canal cristão online e totalmente gratuito: a TV CPAD!

ACESSE E COMPARTILHE!

www.tvcpad.com.br

CPAD